

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Sofia Alexandra Marreiro Duarte

Lisboa, julho de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Sofia Alexandra Marreiro Duarte

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Tomaz Henriques Serrano Caldeira

Lisboa, julho de 2013

Agradecimentos

Começo por agradecer à Escola Superior de Educação por me ter acolhido e me ter dado a possibilidade de ingressar na instituição, fazendo parte da realidade João de Deus.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Filomena Caldeira, a quem tenho um grande apreço, um muito obrigada por toda a disponibilidade que sempre demonstrou, obrigada também por ser o modelo a seguir, que tanto me motiva pela sua determinação e inteligência. Sem ela não teria finalizado o relatório no tempo necessário para “abraçar” futuros desafios.

Agradeço a todos os docentes e professores da Escola Superior de Educação João de Deus que me acompanharam, especialmente ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho que, nas suas aulas, me levou a refletir um pouco sobre o que nos rodeia, ao Professor Doutor Pedro Fidalgo, por todos os ensinamentos que transmitiu, à Professora Doutora Isabel Ruivo que me fez apaixonar pela aprendizagem da leitura que, e a todos os restantes professores que me acompanharam nesta caminhada. Aqui deixo a minha gratidão, pela simpatia com que me acolheram nesta escola.

Agradeço aos meus pais o apoio incondicional a que se dispuseram desde sempre, sem o esforço deles não seria a pessoa realizada que hoje sorri vendo o seu objetivo cumprido. Mãe e amiga foste o abraço e o carinho que sempre precisei ao longo deste tempo. És um alicerce presente em todos os momentos da minha vida, a tua compreensão e o conforto que sempre me proporcionaste foram essenciais para o sucesso alcançado neste sonho que hoje vivo. Pai e companheiro, todo o orgulho que tens por mim faz-me ter garra para conquistar a barreira mais difícil, e que ao teu lado se torna tão fácil de ultrapassar. A tua presença, a tua disponibilidade e a tua ajuda em todas as horas foram preciosas Muito obrigada.

Ricardo agradeço a tua presença constante, o amor e carinho incondicional que demonstraste sempre.

Quero também agradecer à minha família que representa a base preciosa, que me faz sentir segura e com força para caminhar em direção à felicidade, ao objetivo e ao futuro de modo a ser uma pessoa realizada profissionalmente É ela que todos os dias preenche o meu pensamento e me dá ânimo para acreditar.

Aos meus grandes amigos: Luís, Felismina, Farinha, Adelaide, Ana, Magda, Andreia, Nuno, Jorge e Edson que me proporcionaram momentos de descontração e fizeram com que momentos mais tensos, fossem ultrapassados. É por isso que a vossa amizade é indispensável. Ao longo destes anos criou-se um “pentágono perfeito” com as minhas colegas: Vanda, Marta, Daniela e Bárbara. Agradeço e retribuo toda a amizade, companheirismo e dedicação. Muito obrigado.

Índice Geral

Índice de Quadros	XIV
Índice de Figuras	XV
Introdução	1
1. Identificação do local de estágio	3
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional	3
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	4
4. Identificação do grupo de estágio	4
5. Metodologia utilizada	4
6. Pertinência do estágio profissional	5
7. Distribuição do tempo de estágio	6
Capítulo 1 – Relatos diários	9
Descrição do capítulo	10
1.1. 1. ^a secção: Sala dos 3 anos	10
1.1.1. Caracterização da turma	10
1.1.2. Caracterização do espaço	11
1.1.3. Rotina diária	11
1.1.4. Horário de turma	18
1.1.5. Relatos diários e fundamentação teórica	19
1.2. 2. ^a secção: Sala dos 4 anos.....	35
1.2.1. Caracterização de turma	35
1.2.2. Caracterização do espaço	35
1.2.3. Rotina diária	35
1.2.4. Horário de turma	36
1.2.5. Relatos diários e fundamentação teórica	37

1.3.	3. ^a secção: Sala dos 5 anos.....	53
1.3.1.	Caracterização de turma	53
1.3.2.	Caracterização do espaço	53
1.3.3.	Rotina diária	53
1.3.4.	Horário de turma	54
1.3.5.	Relatos diários e fundamentação teórica	55
1.4.	4. ^a secção: Estágio Intensivo	72
1.4.1.	Caracterização de turma	72
1.4.2.	Caracterização do espaço	72
1.4.3.	Rotina diária	73
1.4.4.	Horário de turma	74
1.4.5.	Relatos diários e fundamentação teórica	75
1.5.	5. ^a secção: 4. ^o ano	79
1.5.1.	Caracterização de turma	80
1.5.2.	Caracterização do espaço	80
1.5.3.	Rotina diária	80
1.5.4.	Horário de turma	86
1.5.5.	Relatos diários e fundamentação teórica	87
1.6.	6. ^a secção: 3. ^o ano	98
1.6.1.	Caracterização de turma	98
1.6.2.	Caracterização do espaço	99
1.6.3.	Rotina diária	99
1.6.4.	Horário de turma	99
1.6.5.	Relatos diários e fundamentação teórica	100

1.7.	7. ^a secção: 1.º ano.....	116
1.7.1.	Caracterização de turma	116
1.7.2.	Caracterização do espaço	116
1.7.3.	Rotina diária	117
1.7.4.	Horário de turma	117
1.7.5.	Relatos diários e fundamentação teórica	118
1.8.	8. ^a secção: 2.º ano	137
1.8.1.	Caracterização de turma	137
1.8.2.	Caracterização do espaço	137
1.8.3.	Rotina diária	138
1.8.4.	Horário de turma	138
1.8.5.	Relatos diários e fundamentação teórica	139
	Capítulo 2 – Planificações	155
	Descrição do capítulo	156
2.1.	Fundamentação teórica	156
2.2.	Planificações	158
2.2.1.	Planificação da aula do Domínio da Matemática	159
2.2.2.	Planificação da aula de Conhecimento do Mundo	161
2.2.3.	Planificação da aula de Português	163
2.2.4.	Planificação da aula de Estudo do Meio	165
	Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação	167
	Descrição do capítulo	168
3.1.	Fundamentação teórica	168
3.2.	Dispositivos de avaliação de atividades de Domínio Expressão Plástica.....	170

3.2.1.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	171
3.2.2.	Grelha de avaliação da atividade	171
3.2.3.	Descrição da grelha	172
3.2.4.	Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular	173
3.2.5.	Análise do gráfico	173
3.3.	Dispositivos de avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.	174
3.3.1.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	174
3.3.2.	Grelha de avaliação da atividade	175
3.3.3.	Descrição da grelha	176
3.3.4.	Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular	177
3.3.5.	Análise do gráfico	177
3.4.	Dispositivos de avaliação da atividade da área de Matemática	178
3.4.1.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	178
3.4.2.	Grelha de avaliação da atividade	179
3.4.3.	Descrição da grelha.....	180
3.4.4.	Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular.....	181
3.4.5.	Análise do gráfico	182
3.5.	Dispositivos de avaliação da atividade da área de Português	182
3.5.1.	Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação	182
3.5.2.	Grelha de avaliação da atividade	183
3.5.3.	Descrição da grelha.....	184
3.5.4.	Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular.....	185
3.5.5.	Análise do gráfico	186

Reflexão final	187
Considerações finais	188
Limitações	190
Novas pesquisas	190
Referências bibliográficas	191
Anexos	205

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma de atividades na Educação Pré-Escolar	7
Quadro 2 – Cronograma de atividades do 1.º Ciclo do Ensino Básico	8
Quadro 3 – Plano de aula do Domínio da Matemática	159
Quadro 4 – Plano de aula de Conhecimento do Mundo	161
Quadro 5 – Plano de aula de Português	163
Quadro 6 – Plano de aula de Estudo do Meio	165
Quadro 7 – Parâmetros e Critérios de Avaliação da atividade de Domínio da Expressão Plástica	171
Quadro 8 – Grelha de Avaliação da atividade do Domínio da Expressão Plástica	172
Quadro 9 – Parâmetros e critérios de avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	175
Quadro 10 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	176
Quadro 11 – Parâmetros e Critérios de Avaliação da atividade de Matemática	179
Quadro 12 – Grelha de Avaliação da atividade da área de Matemática	180
Quadro 13 – Parâmetros e Critérios de Avaliação da atividade de Português	183
Quadro 14 – Grelha de Avaliação da atividade da área de Matemática	184

Índice de Figuras

<i>Figura 1 – Horário da turma da sala dos 3 anos</i>	<i>18</i>
<i>Figura 2 – Criança junto à “televisão” que passou a história “Língua de Trapos”</i>	<i>24</i>
<i>Figura 3 – Criança a construir um quadrado com o auxílio de material não estruturado</i>	<i>27</i>
<i>Figura 4 – Criança a tocar nas diferentes texturas do cubo</i>	<i>28</i>
<i>Figura 5 – Comparação entre os lados da face do retângulo</i>	<i>29</i>
<i>Figura 6 – Momento musical em que, as crianças e eu estávamos a cantar a música intitulada “Um copo com água”</i>	<i>33</i>
<i>Figura 7 – Horário da turma da sala dos 4 anos</i>	<i>36</i>
<i>Figura 8 – Teoria de conjuntos</i>	<i>37</i>
<i>Figura 9 – Crianças a jogar o jogo da corda.....</i>	<i>39</i>
<i>Figura 10 – Representação da terra e da lua pelas crianças</i>	<i>40</i>
<i>Figura 11 – Sequência numérica com algarismos móveis.....</i>	<i>42</i>
<i>Figura 12 - Horário da turma da sala dos 5 anos</i>	<i>54</i>
<i>Figura 13 – Representação de um trapézio com as peças do Tangran.....</i>	<i>56</i>
<i>Figura 14 – Calculadoras Papy.....</i>	<i>57</i>
<i>Figura 15 – Ditado de letras.....</i>	<i>58</i>
<i>Figura 16 – Material não estruturado</i>	<i>60</i>
<i>Figura 17 – Construção livre do camião.....</i>	<i>61</i>
<i>Figura 18 – Pintura com papel de seda.....</i>	<i>66</i>
<i>Figura 19 – Caminho representado com o Geoplano.....</i>	<i>67</i>
<i>Figura 20 – Vários momentos da aula das árvores de frutos</i>	<i>70</i>

<i>Figura 21 – Espaço exterior do recreio; painéis ilustrativos das matérias e materiais lecionados no jardim-escola.....</i>	<i>73</i>
<i>Figura 22 – Escova, pasta e copo dos alunos para a sua higiene pessoa</i>	<i>73</i>
<i>Figura 23 – Horário da turma do 3.º ano.....</i>	<i>74</i>
<i>Figura 24 – Experiência com lápis de cera e água colorida.</i>	<i>77</i>
<i>Figura 25 – Horário da turma do 4.º ano.....</i>	<i>86</i>
<i>Figura 26 – Presente para o Dia do Pai.....</i>	<i>90</i>
<i>Figura 27 – Aluno a realizar a experiência</i>	<i>97</i>
<i>Figura 28 – Horário da turma do 3.º ano.....</i>	<i>99</i>
<i>Figura 29 – Material estruturado – Cuisenaire.....</i>	<i>102</i>
<i>Figura 30 – 5.º Dom de Froebel: Construção do poço</i>	<i>113</i>
<i>Figura 31 – Horário da turma do 1.º ano.....</i>	<i>117</i>
<i>Figura 32 – Comboio representativo das ordens e das classes da unidade.....</i>	<i>121</i>
<i>Figura 33 – Momento em que contei a história “Jacaré com dores de dentes”.....</i>	<i>131</i>
<i>Figura 34 – Horário da turma do 2.º ano.....</i>	<i>138</i>
<i>Figura 35 – Resultados da Avaliação da atividade do Domínio da Expressão Plástica.....</i>	<i>173</i>
<i>Figura 36 – Resultados da Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</i>	<i>177</i>
<i>Figura 37 – Resultados da Avaliação da atividade da área de Matemática.....</i>	<i>181</i>
<i>Figura 38 – Resultados da Avaliação da atividade da área de Português.....</i>	<i>185</i>

INTRODUÇÃO

Introdução

O presente relatório de Estágio Profissional destina-se às unidades curriculares de Estágio Profissional I, II e III, Mestrado de Bolonha em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação João de Deus.

1. Identificação do local de estágio

O estágio profissional deste ano letivo (2011/2012) foi realizado no Jardim-Escola João de Deus de Albarraque. Esta zona rodeada de arvoredo e de sossego faz deste jardim-de-infância um local especial onde o contacto com o verde da natureza se faz de um modo direto.

O Jardim-Escola João de Deus situa-se na localidade de Albarraque. É uma zona de grande expansão comercial e industrial. A população que habita a freguesia é bastante heterogénea, contudo a maioria dos habitantes é de nacionalidade portuguesa, mas também existe uma grande faixa da população dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), bem como do Brasil e dos países do Leste Europeu. Existem diferentes extratos sociais, sendo o mais frequente de nível médio-baixo.

A nível organizacional, o edifício do Jardim-Escola é composto por seis salas de aula, salas para os alunos do ATL (Atividades de Tempos Livres), uma sala de materiais de papelaria, uma lavandaria, um refeitório, uma cozinha, uma enfermaria, um ginásio, uma sala de música, uma sala multiusos, um gabinete da direção, uma secretaria, casas de banho para crianças e adultos e espaços no exterior de utilização polivalente. Abrange as valências de berçário, jardim de infância e ATL.

2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional

Este relatório é constituído por quatro capítulos, sendo que, na introdução faz-se referência ao local de estágio, a descrição da estrutura do relatório, a importância da sua elaboração, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência e a respetiva cronologia do estágio profissional.

O capítulo 1 compreende os Relatos Diários, contendo todas as observações dos acontecimentos, algumas inferências e a devida fundamentação teórica. O capítulo 2 contém as planificações das aulas por mim lecionadas, bem como as estratégias utilizadas e as inferências fundamentadas cientificamente sobre as mesmas. O capítulo 3 apresenta os dispositivos de avaliação durante o estágio

profissional nas várias áreas curriculares (Estimulação à Leitura, Domínio da Matemática e Conhecimento do Mundo), também eles fundamentados teoricamente acerca da importância da avaliação. Para concluir, no capítulo 4 são feitas considerações finais e descritas algumas limitações e novas pesquisas.

Este relatório apresenta também referências bibliográficas utilizadas para a sua elaboração.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

Antes de mais, o relatório de estágio é um pré-requisito para a conclusão do Mestrado e, conseqüentemente, para a aquisição do diploma, para no futuro próximo exercer a profissão de docente.

Ao longo de todas as pesquisas, investigações e leituras aprofundei conceitos e definições com base em investigadores que os desenvolveram de uma forma científica. Sustentei os meus relatos com fundamentações teóricas, consultando revistas, livros, artigos e teses.

Futuramente este relatório pode ser útil na medida em que, aqui se encontram muitas estratégias diversificadas de ensino-aprendizagem, atividades realizadas por todas as professoras que acompanhei, pela minha colega de estágio, por mim, podendo vir a ser úteis em determinados momentos, ou serem um apoio para uma reflexão da evolução da minha aprendizagem enquanto futura docente.

4. Identificação do grupo de estágio

Ao longo do meu estágio profissional, partilhei vivências, ideias e momentos com a minha colega de estágio. Considero importante a troca e a reflexão de ideias, após as aulas dadas. Uma pessoa que partilhe connosco as suas ideias é uma mais valia para o nosso crescimento pessoal e profissional, o que nos é defendido por Zeickner (1993, p. 17), que afirma: “o processo de compreensão e melhoria do seu ensino deve começar pela reflexão sobre a sua própria experiência” e o “tipo de saberes inteiramente tirado das experiências dos outros (...) é, no melhor dos casos, pobre, e no pior, uma ilusão.”

5. Metodologia utilizada

Todo o meu percurso desde a Licenciatura em Educação Básica até ao presente Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico possibilitou através da prática pedagógica, tanto nas escolas da Associação João de

Deus como em outras escolas públicas do país, uma metodologia a nível da observação e da análise de dados.

São vários os autores que definem a observação:

Quivy e Campenhoudt (2003, p. 155) afirmam que “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é submetido ao teste de factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações”.

Kelete e Damas (1985, p. 12), afirmam que a observação implica um processo de “descrição, a análise de situações, a conceptualização, a mobilização, o juízo crítico, o cálculo, a medida, o diagnóstico, a avaliação, a tomada de decisão, ... processos ao serviço dos quais se pode pôr a observação”.

Deste modo, a observação é essencial no processo de seleção de informações e posteriormente de uma análise de dados adquiridos diretamente.

Foi desta forma, direta e participante, que procedi à minha observação. Tal como defendem Quivy e Campenhoudt (2003, p. 164), a observação participante “é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados” deste modo “Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada”.

Igualmente, Carmo e Ferreira (1998, p. 107), definem observação participante como “o desempenho dos vários papéis o fez de algum modo participar na vida da população observada, dá-se a esta técnica o nome de observação participante”.

O facto de interagir com os alunos diariamente, ou seja de um modo participante, permitiu observar em campo o desenvolvimento de cada criança, estudando-as de modo particular.

Estrela (1994) refere que:

o observador intervém no trabalho que o aluno está a realizar, ajudando-o ocasionalmente ou limitando-se a pedir-lhe alguns esclarecimentos acerca do que ele está a fazer – modos, razões, fins imediatos (o “como”, o “porquê”, o “para quê”). Visa-se, assim, o esclarecimento de pistas levantadas por observação directa (ou por outros processos) e o levantamento de novas pistas explicativas. (p.34)

Este relatório de estágio foi redigido de acordo com as normas APA.

6. Pertinência do estágio profissional

A Escola Superior de Educação João de Deus disponibiliza aos seus alunos, a frequência do estágio profissional em diversas escolas. Durante as 12 horas semanais de estágio, o aprendiz observa diferentes estratégias de ensino e põe em prática nas

aulas lecionadas diversas metodologias confrontando-se com mudanças de estratégias constantes consoante o que acontece no grupo.

Como refere Serrazina (2002, p. 11), “o principal objetivo da formação deve ser o de os futuros professores se prepararem e se envolverem no seu princípio desenvolvimento profissional, de modo que o prossigam ao longo da sua carreira”.

Selta (1997, como citado em Serrazina 2002, p. 11), menciona que “os professores tornam-se realmente profissionais à medida que ensinam e refletem sobre o seu ensino”.

A prática pedagógica permite ao estagiário um alargado leque de troca de experiências, vivências e situações que lhe possibilitam decisões e mudanças de estratégias constantes, confrontando-se com a realidade do ensino.

Tal como afirmam Alonso e Roldão (2005) acerca da prática pedagógica:

(...) é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de reflectir sobre essa realidade, de comunicar experiências e, sobretudo, saber que a aprendizagem de um professor nunca termina. (p.36)

O estágio permite desta forma uma prática direta onde se enfrenta situações do quotidiano que não são solucionadas cientificamente proporcionando momentos de socialização, normas e valores próprios da futura profissão.

Nóvoa (1991) salienta que:

não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as praticas e de (re) construção permanente e de identidade pessoa, Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (p.21)

Desta forma cabe ao professor refletir diariamente sobre o seu dia de forma a ajustar e ser flexível quanto à aprendizagem dos alunos.

7. Distribuição do tempo de estágio

O Estágio Profissional I, II e III decorreram no período de 30 de setembro 2011 a fevereiro de 2013. Em cada semana o estágio tinha uma carga horária de 12 horas, repartidas igualmente, por três manhãs (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira).

De seguida seguem-se dois cronogramas no quadro 1 e 2 (Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo) que correspondem ao tempo utilizado nas atividades onde estive presente: aulas observadas, aulas programadas, aulas surpresa, reuniões pedagógicas, seminário de contacto com a realidade educativa, pesquisas bibliográficas e a elaboração do relatório de estágio.

1. Cronograma

Quadro 1 – Cronograma de atividades na Educação Pré-Escolar.

Atividade	Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Total de Horas
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas observadas	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█			█	█	█	█	█	█			196h
Aulas programadas		█		█							█							█			16h
Aulas surpresa						█												█			40 m
Reuniões de Prática Pedagógica					█				█						█						4h
Seminário de Contato com Realidade Educativa																				█	32h
Pesquisas bibliográficas			█	█	█	█	█	█	█	█	█			█	█	█	█	█	█	█	32h
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional			█	█	█	█	█	█	█	█	█			█	█	█	█	█	█	█	32h
Número total de horas																			312h 30m		

Quadro 2 – Cronograma de atividades no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

		Março				Abril				Maio				Junho				Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Total de Horas																
Semanas		1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4																	
Atividade																																																						
Aulas observadas		■				■				■				■				■				■				■				■				■				■				352h												
Aulas programadas						■				■																■												■								16h								
Aulas surpresa										■				■												■																				3h								
Reuniões de Prática Pedagógica										■				■												■								■												2h								
Seminário de Contato com Realidade Educativa																																																						
Pesquisas bibliográficas						■				■				■				■				■				■				■				■				■				■				■				40h				
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional						■				■				■				■				■				■				■				■				■				■				■				■				90h
																																		Número total de horas	503 h																			

Capítulo 1
Relatos Diários

Descrição do Capítulo

Neste capítulo são descritas as narrativas diárias das observações feitas durante a prática pedagógica, apoiadas por inferências e fundamentações teóricas com base em vários autores.

1.1. 1.ª secção: Sala dos 3 anos

Este momento de estágio decorreu no período de 26 de setembro de 2011 a 7 de novembro do mesmo ano.

A escola onde realizei os vários momentos de estágio na educação Pré-Escolar localiza-se na freguesia de Albarraque. Uma zona industrializada e próxima de um bairro social.

A escola tem as valências de creche e educação pré-escolar. Existe também um ATL (atividades de tempos livres) para as crianças do 1.º ciclo que frequentam uma escola ali perto.

O espaço exterior é composto por dois recreios exteriores, uma “quinta pedagógica” onde são cultivados legumes e criados animais, como patos e galinhas. O interior da escola é composto por dois andares. No piso principal, onde decorrem as aulas, encontram-se as salas de aula, a secretaria, casas de banho, o ginásio, a biblioteca e o refeitório, no piso inferior é onde decorrem as atividades do ATL e se lecionam as aulas de música.

1.1.1. Caracterização da turma

O primeiro momento de estágio profissional foi realizado na turma dos 3 anos acompanhadas pela educadora cooperante.

Este grupo é constituído por 27 alunos, sendo 13 do género feminino e 14 do género masculino.

Segundo as informações disponibilizadas pela educadora a turma, a nível cognitivo, é um pouco díspar relativamente à aprendizagem dos conteúdos trabalhados, sendo que algumas crianças demonstram dificuldades e desinteresse pelas atividades propostas. Por consequência o comportamento de algumas destas crianças revela-se menos próprio e com intervenções descontextualizadas. No entanto de uma forma geral o grupo apresenta capacidade criativa e imaginativa.

No foro afetivo as crianças demonstram ser muito unidas, partilham os seus pertences e brincam uns com os outros.

Senti naquela sala um acolhimento afetivo muito caloroso, através dos abraços e palavras cheias de sinceridade que as crianças manifestavam.

Os pais e as mães distribuem-se por dois níveis de formação: superior e secundária.

1.1.2. Caracterização do espaço

A sala de aula é bastante ampla, visto que é ocupada por duas turmas de crianças com 3 anos e tem o privilégio de receber luz natural vinda das janelas que percorrem uma das paredes da sala. As mesas circulares são organizadas por grupos permanentes junto de um quadro.

Existe também neste espaço, um armário de arrumações destinado às capas das crianças, como também a todo o material escolar (colas, tesouras, plasticinas, canetas, lápis, folhas, etc.). Na parede estão afixados: os aniversários das crianças, o comportamento das mesmas e os trabalhos que realizam (estes vão sendo substituídos).

1.1.3. Rotina diária

As rotinas desempenham um papel muito importante na vida das crianças. Ao lermos as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar do Ministério da Educação [ME] (1997, p.40) apercebemo-nos que a rotina “(...) é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão (...)”, permitindo que a criança seja auto confiante ao ponto de gerir as atividades do seu quotidiano. Como afirma Zabalza (1998, p.52) “as rotinas actuam como as organizadoras estruturais das experiencias quotidianas, (...), o quotidiano passa então a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia”.

Ao longo do dia é possível observar algumas das seguintes rotinas:

- **Acolhimento**

Visto que a escola tem um acordo (por causa dos horários dos pais), com a fábrica da Tabaqueira, o acolhimento das crianças realiza-se por voltas das 6h:45m até às 9h:30m da manhã. Das 9 horas até terminar o acolhimento, é formada, no ginásio, uma roda com todas as crianças, desde o primeiro ano de idade até aos 5 anos.

Segundo Cordeiro (2008, p.370) o acolhimento é “uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais.”

É na roda que se cantam diversas músicas escolhidas por todas as crianças, e durante estes 30 minutos o espaço preenche-se de alegria logo pela manhã.

Zabalza (1998, p.194) refere que estes períodos são “excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências chave de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento, etc.”

É aqui que se observa um grande envolvimento entre a criança e as expressões, onde a música é apenas o vínculo condutor.

- **Higiene**

De acordo com Cordeiro (2008, p.105) lavar as mãos é um hábito de higiene que se observa várias vezes nos jardins-escola. Esta prática permite a “prevenção de doenças bem como a eliminação da flora transitória”, pois como se observa, principalmente na hora do recreio, as crianças interagem muito com o ambiente. É assim importante que se tenha uma lavagem correta das mãos para se poder fazer a prevenção de muitas doenças que advêm da ausência desta prática.

- **Recreio**

Todos os dias, por volta das 10h:30m, as crianças vão ao recreio depois de lancharem. Aí as crianças dão asas à sua imaginação e inventam e recriam diversas brincadeiras.

Segundo as indicações da Direcção-Geral da Segurança Social (1984), entende-se por zonas de ar livre e recreio, recintos para recreação, de livre acesso a crianças de idades compreendidas sensivelmente entre os 3 e os 12 anos; esses espaços e equipamentos diferenciados proporcionam, o desenvolvimento psicomotor da criança a uma maior espontaneidade no relacionamento das crianças entre si e com os adultos.

Deste modo, o recreio permite diversos aspectos:

- a) Socialização da criança, favorecendo o convívio com as de idades diferentes, permitindo a criação de grupos ocasionais, de acordo com os seus interesses.
- b) Desenvolvimento psicomotor da criança proporcionando-lhe:
 - liberdade de expressão motora;
 - desenvolvimento da imaginação pela invenção e pela descoberta, através de actividades que estimulam a curiosidade e a levam a investigar, descobrir e experimentar;

- desenvolvimento do sentido estético e da sensibilidade em contacto directo com a natureza;
- desenvolvimento muscular;
- desenvolvimento do sentido de grupo;
- apoio. (pp.7– 8)

Segundo Dewey (2002, p.24), o “recreio, durante as brincadeiras e desportos, a organização social ocorre espontânea e inevitavelmente. Há algo para fazer, uma actividade para executar, exigindo uma divisão natural do trabalho, a secção de líderes e subordinados, a cooperação e emulação mútuas.” É neste período do recreio que as crianças socializam e estipulam papéis para cada uma, por isso o recreio é um momento importante para a criança separar o ambiente de sala de aula, do espaço de lazer.

Cordeiro (2008, p.372) reforça que o recreio permite “um momento «académico» em que se impõe” de seguida um de brincadeira pura”. Neste local a criança pode desfrutar de um espaço livre de brincadeiras, desenvolvendo a sua imaginação.

• **Almoço**

Por volta das 12 horas, as crianças da sala dos 3 anos, vão lavar as mãos e depois dirigem-se para a cantina.

Nas mesas redondas as crianças sentam-se numa sequência de menino/menina e dão início à segunda refeição do dia, o almoço.

Segundo Cordeiro (2008, p.95), “a hora da refeição deve ser um momento de descontração familiar e é desaconselhável a adopção de práticas rígidas” deste modo deve-se aceitar uma “maior lentidão” por parte da criança.

No entanto, durante todo o estágio em que estive nesta escola, observei a contagem decrescente, feita pelas educadoras, para que as crianças acabassem de comer. Momentos estes que me causaram algum incómodo pois relembrando mais uma vez Cordeiro (2008), a refeição deve ser “um momento de descontração”.

Também Coimbra e Amaral (1991, p.49) salientam que a hora da refeição é um contributo para a criança pois: desenvolve “a parte emocional e cultural”. Referem também que este momento deve ser “feliz” e a “a criança” não pode ser “sujeita a pressões”.

Os mesmos autores afirmam ainda que “a mastigação correcta e sem pressas é indispensável para uma boa digestão. Pais e educadores devem, sempre que necessário, chamar a atenção para a importância de uma mastigação adequada”.

Nos momentos em que estive presente nas horas da refeição, observei crianças que comiam bastante bem, sem terem ajuda das educadoras ou das estagiárias mas por outro lado, havia crianças que por não gostarem da comida ou por terem preguiça demonstravam ser mais vagarosas ao comerem. No entanto acho que as crianças, nesta hora que devia ser de descontração, são pressionadas a comer depressa para as outras turmas poderem almoçar, o que na minha opinião, não considero correto.

- **Sesta**

A sesta é um momento bastante importante para que a criança reponha energias e relaxe.

Para Cordeiro (2008) a sesta deve ser realizada num ambiente calmo (p.306), e faz parte da rotina que “é previsível” trazendo “benefícios” no que diz respeito à “segurança e autonomia” das crianças. (Zabalza, 1998, p.52).

Atividades Curriculares não disciplinares:

- **Hora do conto**

A hora do conto é um momento de descontração para a criança e onde esta tem contacto com a narrativa.

Tal como salientam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.70) as histórias sejam elas:

lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler.

Cury (2006, p.132) alega que “educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade”.

Ouvir histórias é sempre muito motivante para as crianças que podem aprender a escutar, a falar melhor a nossa língua com o uso correto dos tempos verbais, aumentar o seu vocabulário, e outras competências linguísticas, melhorando assim a forma como se exprimem.

- **Biblioteca**

Segundo Calixto (1996) a biblioteca escolar deve ser “considerada um recurso essencial da escola, se o sistema educativo quer preparar indivíduos, cidadãos, para

este tipo de sociedade”, ou seja, a sociedade de informação exige que tanto homens como mulheres tenham um conjunto de habilidades. (p.118)

O mesmo autor (1996) salienta ainda que a biblioteca é:

um verdadeiro centro de informação e documentação, bem como no centro de prática pedagógica baseada na pesquisa e para a autonomia.

Numa biblioteca estão, no limite, os saberes acumulados, e é lá que os alunos podem em primeiro lugar pesquisá-los. Se a isto juntarmos a interação com o meio, encontramos o que afinal é aprender. (pp.27-28)

Este meio de pesquisa permite que a criança autonomamente faça as suas pesquisas consoante os seus gostos e interesses pessoais, pois é nela que se centra a maioria das fontes necessárias para uma autoaprendizagem fidedigna.

- **Informática**

Estamos perante uma geração cada vez mais tecnológica, e por este motivo é importante que sejam facultados materiais informáticos para que tenham um maior contacto com os meios audiovisuais de modo a saber manuseá-los e utilizá-los corretamente.

Carrillo e Medina (2009) salientam as vantagens e os pontos que são indispensáveis para a utilização das tecnologias na educação:

- Independência do tempo e espaço: aprender em qualquer sítio e momento;
- Acesso de todos na educação;
- Acesso através da internet a recursos e serviços educativos em permanente crescimento;
- Potencial para uma aprendizagem baseada em teorias utilizando o *software* de pesquisas e recuperação, para o trabalho de investigação;
- Formação de pesquisa;
- Ensino/ aprendizagem à distancia mediante as TIC. (p.38)

Desta forma as crianças têm mais autonomia para pesquisar e aprender os conteúdos relacionados com os seus interesses pessoais utilizando corretamente as tecnologias que lhes são facultadas.

- **Expressão plástica**

É através da expressão plástica que a criança desenvolve a sua motricidade fina ao manusear constantemente vários objetos plásticos como a régua, a tesoura ou o próprio lápis de cera ou de cor.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.61), o facto de a criança se envolver nestas atividades de uma forma natural e

motivante torna a expressão plástica uma situação educativa pois sente e demonstra prazer e dedicação no seu trabalho após terminados.

- **Expressão motora**

A prática de exercício físico é importante para a saúde física e mental do ser humano. Deste modo é importante inculcar nas crianças o gosto pelo exercício, movimento e ação do corpo. Desde cedo, a criança começa a desenvolver as suas capacidades motoras, nomeadamente quando começa a gatinhar a andar e a manusear objetos. Estas são desenvolvidas no jardim-de-infância através de experiências que lhe permitam descobrir o seu próprio corpo, a ter noção dos movimentos que pode fazer, bem como a tomada de consciência do corpo através do movimento possibilitando-lhe ainda reconhecer as suas capacidades e limitações.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p. 58) é “situando o seu próprio corpo que a criança apreende as relações no espaço relacionadas com a matemática”.

- **Educação musical**

A música é um momento relaxante e de descontração onde a criança aprende de um modo mais lúdico.

Estas aulas são assistidas pelas crianças, uma vez por semana durante 45 minutos. Vários autores defendem que as noções básicas para a formação musical da criança giram à volta do “ritmo, da educação auditiva, da educação da voz e dos instrumentos”. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.64) a expressão musical está relacionada com “a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.

Assim a criança deve ser capaz de aprender ritmos, canções (entoação e melodias), manusear instrumentos, e saber o nome das notas musicais e ter formação de voz.

Áreas curriculares disciplinares:

Na educação pré-escolar é habitual falar em áreas de conteúdo que estão divididas em: áreas de formação pessoal e social; área de conhecimento do mundo e área de expressão e comunicação. Esta última subdivide-se em: domínio das

expressões motoras, dramática, plástica e musical; domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da matemática.

- **Domínio da Matemática**

Neste domínio as crianças vão tendo noções matemáticas a partir de situações do dia a dia. O papel do professor é fundamental no sentido em que deve proporcionar condições adequadas para poderem desenvolver o pensamento lógico-matemático.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.73), “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas”.

- **Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

A linguagem seja ela escrita ou oral é uma das formas mais usuais das pessoas comunicarem entre si e cabe ao educador ter o cuidado “na maneira como fala e se exprime” para que deste modo seja um modelo a seguir pelas crianças.

É importante que se criem ambientes propícios ao diálogo para que as crianças participem nele ativamente de modo a partilharem as suas “vivências comuns”. São estes momentos de comunicação que permitem que elas adquiram um maior léxico, possibilitando uma melhor construção frásica.

De acordo do as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, pp.66 – 68) também a linguagem corporal constitui para a criança uma forma de “aprofundar a linguagem” no sentido em que através de gestos ou mímica, comunicação não verbal, ela interpreta igualmente uma mensagem que transmite ou lhe é transmitida.

- **Área do Conhecimento do Mundo**

O ser humano é por si só muito curioso, com vontade de entender o porquê de as coisas acontecerem de determinado modo.

Também as crianças demonstram essa mesma curiosidade e “desejo de saber” e para tal procuram “compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano (...)”. Esta área permite que a criança tenha a oportunidade de “contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo”. (ME, 1997, p.79). O contacto com estas novas situações vão envolver materiais, espaços e objetos que darão à criança uma realidade concreta do mundo que a rodeia.

1.1.4. Horário de turma

Na figura 1 está representado o horário da turma da sala dos 3 anos.

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene				
09:30	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Iniciação à Matemática - Material Alternativo	Iniciação à Matemática - Material Estruturado
10:30	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática - Material Estruturado	Conhecimento do Mundo	Educação pelo movimento	Conhecimento do Mundo
12:00	Almoço e sesta				
15:00	Expressão Plástica	Música	Estimulação à Leitura	Conhecimento do Mundo	Enfiamentos
15:45	Lanche				
16:15	Jogos de roda	Plasticina / cantinhos	Jogos de tampo de mesa	Lengalengas/ destrava línguas/ poesia	Conversas sobre rotinas
17:00	Saída				

Figura 1 – Horário da turma da sala dos 3 anos.

1.1.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Este dia marcou o primeiro momento de estágio na sala dos 3 anos, bibe amarelo.

Eu e a minha colega fomos logo apresentadas às crianças de modo a que todas nos conhecessem e vice-versa.

A educadora dialogou brevemente com os alunos acerca dos cuidados diários de higiene: como cuidar do cabelo, o banho diário, a importância de cortar as unhas e como lavar corretamente os dentes. Posteriormente desenhou no quadro o contorno de uma figura humana, e as crianças oralmente completavam a figura dizendo os membros que a constituem.

Inferências / Fundamentação Teórica

As alunas estagiárias são uma realidade na vida de muitas crianças dos jardins-escola João de Deus. Habitadas a estas pessoas e sabendo o porquê destas se integrarem nas suas turmas é importante que as crianças se relacionem connosco, pois é desde o primeiro momento que elas trocam as primeiras impressões ao conhecerem uma nova pessoa.

As crianças, desde cedo, adquirem hábitos de higiene que assimilados intrinsecamente, são postos em prática no seu dia a dia sem se aperceberem.

Como salientam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997),

a educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer (...)
(p.84)

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

Nesta segunda-feira os alunos iniciaram a aprendizagem dos dias da semana através de uma música. Estes foram abordados no início da manhã durante o período que acompanhei esta turma.

De seguida as crianças tiveram a fazer o reconhecimento de alguns Algarismos.

Uma criança levou algumas maçarocas de milho que tinha apanhado no fim de semana. A educadora pegou numa delas desfolhou-a e mostrou as partes constituintes deste cereal: as folhas, as barbas de milho e os grãos que, de seguida,

foram provados. Todas as crianças tiveram a oportunidade de observar, cheirar e saborear este cereal.

Posteriormente os alunos dirigiram-se à casa de banho e depois foram almoçar.

Inferências / Fundamentação Teórica

A música faz parte do dia a dia das crianças sempre que estas se reúnem, de manhã, na roda para cantar. É uma maneira lúdica em que o som se cruza com as palavras tornando-as mais fáceis de memorizar bem como de assimilar toda a informação que estas contêm.

Segundo Hohmann, Weikart, Marujo e Neto (2004) afirmam que:

a música torna-se mesmo uma outra linguagem, através da qual os jovens fazedores de música aprendem coisas sobre si mesmas e sobre os outros. A música insere as crianças na sua própria cultura e ritos comunitários – celebrações ou aniversários, acontecimentos religiosos, (...). Igualmente importante é o facto de a música transmitir emoções, sublinhar experiências e marcar ocasiões pessoais e históricas. (p.658)

Nesta aula gostei particularmente da exploração das maçarocas de milho. As crianças demonstraram desde logo uma grande curiosidade acerca deste cereal, o toque, o paladar e o cheiro determinaram a excitação do desconhecido por explorar.

Segundo Pacheco (1999 p.167), um dos métodos de ensino é baseado na experiência “pelo contacto directo dos alunos com o objecto de estudo, pelo que a aprendizagem ocorre num ambiente de experiência e num contexto natural”.

É importante que na sala de aula se apresentem exemplos reais e que se dê oportunidade de os explorar exhaustivamente, de modo a que esta experiência seja produtiva e apelativa para a criança e que assim lhe dê maior interesse para uma determinada matéria.

Durante a aula observei, por parte da educadora, uma grande estimulação relativamente às noções de tempo, no sentido em que esta colocava questões sobre o fim de semana e a dada altura afirmou: “Ontem foi domingo, pois estiveram em casa com os vossos pais.” enquadrando os alunos temporalmente.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997), afirmam que

(...) através da vivência do tempo, em que diferentes momentos se sucedem ao longo do dia, que a criança constrói a noção do tempo. A educação pré-escolar permite alargar esta noção ao introduzir outros ritmos e secessões e ao facilitar à criança a tomada de consciência do desenrolar do tempo: o antes e o depois, a sequência semanal, mensal e anual e ainda o tempo marcado pelo relógio, o que se faz a uma determinada hora. (p.75)

A associação entre algarismo e objeto é importante para que a criança entenda, no concreto, a quantidade que corresponde um determinado número. Foi assim que aconteceu nesta aula. Foi solicitado a alguns alunos que identificassem um algarismo e que o fizessem corresponder à sua quantidade real. As crianças, nesta fase, recolheram alguns objetos da sala e colocaram-nos ao lado do número correspondente.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

A educadora aprofundou alguns hábitos de higiene já abordados em sala de aula. Posteriormente falou da importância da primeira refeição do dia, o pequeno-almoço, e de alguns alimentos que devem fazer parte do mesmo. Salientou também a importância da escovagem dos dentes após cada refeição.

Num segundo momento a educadora lecionou uma aula de Matemática com o material estruturado Blocos Lógicos explorando os seus atributos quanto à cor, espessura e tamanho.

Inferências / Fundamentação Teórica

A primeira refeição do dia é muito importante, pois é neste momento que o nosso corpo absorve mais nutrientes para dar energia ao nosso organismo. Uma criança mal nutrida pode apresentar falta de atenção nas aulas, pois não se sente suficientemente confortável.

Tal como salienta Cordeiro (2008, p.42), as refeições “devem ser equilibradas, adequadas e proporcionais”.

A educadora falou sobre a importância de se lavar o cabelo, de o pentear e de o cortar com alguma frequência. Na continuidade deste tema abordou o facto de os meninos terem de tomar banho todos os dias e da forma como se deviam esfregar. Também acerca dos hábitos de higiene explicou como é que se devia escovar os dentes, ao mesmo tempo que as crianças simulavam esta situação, utilizando o dedo indicador. Salientou a importância de se lavar a língua para evitar alguns problemas bocais, tais como as aftas e as cáries.

Tal como salientam Coimbra e Amaral (1991), a higiene oral tem como objetivo:

prevenir as cáries, uma das doenças mais comuns na população infantil.

A higiene bucal deve começar entre os dois e três anos de idade e nunca deve ser imposta como obrigação, mas sim como jogo ou forma de imitar os pais ou irmãos mais velhos. Os elementos fundamentais são uma boa escova de dentes (com pega e cabeça pequenas e com pêlos macios para não magoar as gengivas) e uma pasta dentífrica de sabor agradável, para a criança usar quando já souber cuspir. A limpeza dos dentes deve ser efectuada depois das

refeições ou da ingestão de doces. Deve enxaguar-se bem a boca quando a escovagem dos dentes não for possível. (p.54)

Durante a aula do Domínio da Matemática, as crianças trabalharam com o material estruturado Blocos Lógicos. A educadora pediu a algumas crianças para levantarem a sua peça e identificarem as suas características. Para diferenciar a peça grande da peça pequena, a educadora sobrepô-las de modo a que as crianças observassem a diferença das mesmas. No decorrer da aula introduziu conceitos novos, tais como “vértice” explicando que se tratava do “biquinho” do sólido geométrico. Por fim, e para consolidar a matéria, os alunos aprenderam um verso sobre o quadrado: “Sou o quadrado, bonito demais/ Tenho quatro lados e todos são iguais”.

Segundo Alsina (2004, como citado em Caldeira 2009a, p.365), os Blocos Lógicos são “«um material lógico» estruturado que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura”.

Deste modo a criança vai aprendendo a diferenciar vários atributos das peças com este material, tendo também a possibilidade de as relacionar e agrupar consoante as suas características.

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Este dia teve início no ginásio da escola onde os alunos lembraram as tarefas que tinham sido realizadas no dia anterior.

Seguidamente cantaram uma música onde levantavam a mão direita e a esquerda à frente e depois o pé direito e o pé esquerdo.

Dirigiram-se à sala em comboio. Nas mesas trabalharam com o material estruturado Blocos Lógicos. Foi-lhes solicitado que retirassem da caixa uma peça com três lados e posteriormente foram explorados os atributos da peça de cada criança. Para concluir esta atividade os alunos repetiram uma sequência igual à que a educadora tinha feito no quadro.

Inferências / Fundamentação Teórica

É importante que desde cedo se trabalhe a lateralidade da criança nas várias situações de sala de aula.

Segundo Aranão (1996, p.50), a lateralidade “é um conteúdo referente ao desenvolvimento da noção espacial, em que a criança utilizará a sua percepção” de modo a conseguir posicionar-se face a um objeto. A criança pode, através da música,

desenvolver a sua lateralidade ao mesmo tempo que memoriza a coreografia, ditada pela letra da música.

Num outro momento, a educadora e as crianças fizeram a exploração de uma maçaroca de milho, o que lhes proporcionou um momento de observação, percepção e conhecimento de um novo conteúdo, refletindo-se numa experiência estimulante e ativa por parte dos aprendizes.

Esta exploração enquadra-se na perspetiva de ensino das ciências: ensino por pesquisa que tem como finalidade a construção de conceitos, com competências, atitudes e valores. Tende a valorizar a interdisciplinaridade e a disciplinaridade, interligando deste modo as ciências a outras áreas curriculares, onde, através do erro e da respetiva correção, as crianças chegam ao conhecimento.

O aluno deve ser uma pessoa ativa em constante pesquisa, refletindo criticamente as maneiras de pensar, agir e sentir. Cabe ao professor organizar processos de partilha e de interação para uma posterior reflexão crítica, de modo a que os alunos debatam e criem situações problemáticas levando à criatividade e um maior envolvimento dos alunos. Deste modo, o papel do aluno nessa perspetiva de ensino é de “um aluno activo assumindo um papel de pesquisa”, isto é, deve ser ativo no seu processo de ensino-aprendizagem no sentido em que ele mesmo explora ao máximo o que lhe é disponibilizado. (Cachapuz, Praia e Jorge, 2002, pp. 142-143).

Também Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999) defendem que:

a aprendizagem requer o envolvimento das crianças em actividades significativas. As explicações do professor, num momento adequado e de uma forma apropriada, são certamente elementos fundamentais. Porém não adianta ensinar coisas novas de modo expositivo se as crianças não tiverem a oportunidade de viver experiências concretas sobre as quais essas explicações podem fazer sentido. (p.24)

O contacto e o envolvimento direto entre a criança e o que está a ser observado torna esta vivência motivadora suscitando maior curiosidade para novas pesquisas, pois ela pelos seus próprios meios tem a possibilidade de explorar o alimento de forma autónoma.

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

Neste dia lecionei, durante a manhã, uma aula de Conhecimento do Mundo em que abordei o tema “O Paladar”.

Iniciei a minha aula por contar uma história, criada por mim, que se intitulava “Língua de Trapos” que falava de uma língua que provava vários alimentos com sabores diferentes. Na sequência das imagens que iam passando na “televisão”,

também concluída por mim, contava a história. No decorrer desta ia pedindo aos alunos que colocassem o dedo no local da língua em que se sentia determinado sabor (exemplo: doce; tocar na ponta da língua). Na figura 2 é possível observar uma criança junto à “televisão” com uma imagem apelativa ao tema que se estava a abordar.



Figura 2 – Criança junto à “televisão” que passou a história “Língua de Trapos”.

Num segundo momento dei a provar os alimentos que foram falados e em conjunto com as crianças fomos identificando os diferentes gostos dos alimentos: doce, salgado, azedo e amargo.

Para concluir a aula, e já na área da Expressão Plástica, sentados nas mesas, distribuí a cada criança uma proposta de trabalho que tinha como objetivo carimbar os alimentos que tinham sido provados, relacionando-os com as cores de um pincel.

Inferências / Fundamentação Teórica

Depois de ter dado a aula, senti que tinha cumprido todos os objetivos a que me tinha proposto. Senti que a turma tinha estado comigo do princípio ao fim da aula. Penso que as aulas foram do interesse e do agrado das crianças.

Acho importante que as crianças tenham a oportunidade de explorar os alimentos através dos sentidos que lhes são facultados, dando espaço e tempo para que esta tarefa se realize sem pressas. Fui colocando perguntas dirigidas e diversificando o modo como as fazia, para deste modo, não ser repetitiva nem monótona.

Para Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Veiga, Rodrigues, Couceiro e Pereira, (2009, p.12) é importante que nos primeiros anos a criança “interaja com a natureza”. Também a manipulação de objetos que lhe são disponibilizados permitem que a criança “observe autonomamente” a causa/efeito que ocorre numa determinada ação.

Já na área da Expressão Plástica, estimulei os alunos para que agarrassem nos alimentos em forma de pinça com o objetivo de desenvolver a motricidade fina.

Como salientam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p. 61), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão”.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Esta manhã foi lecionada pela minha colega de estágio. Na sua aula abordou o tema “A visão”.

Iniciou por ler uma história com fantoches e depois fez um puzzle de um olho com a ajuda das crianças para abordar os constituintes deste órgão. Falou sobre a importância da visão e por fim distribuiu uma proposta de trabalho que continha o contorno da cara de um boneco. As crianças tinham de colar uns olhos no local correto e posteriormente concluir a cara do desenho.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os fantoches criam nas crianças um ambiente de entusiasmo e excitação. A fixação pelo imaginário e pelas figuras falantes que lhes apresentam tornam todo um ambiente propício para uma aula interessante.

De acordo com Pereira e Lopes (2007, p.42) os fantoches desenvolvem várias capacidades, entre elas a criatividade. Estes autores afirmam que não “há actividades dramáticas sem o emprego permanente da criatividade. A criatividade não nasce, é estimulada através da vivência, convivência, interacção e sobretudo na busca de soluções para as muitas questões colocadas pela prática de actividades dramáticas”.

A expressão dramática presente também neste tipo de atividade, que envolve os fantoches facilita segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p. 42), “a expressão e a comunicação através de «um outro», servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.”.

Um objeto que dantes era inanimado ganha vida ao ter como hospedeiro um animador que lhe incute vida, alegria e que através deste transmite emoções, sentimentos, desejos (...). (Pereira e Lopes, 2007, pp.21-43)

A atividade do puzzle realizada com as crianças possibilitou uma correspondência entre a orientação dos olhos e a forma que correspondia a cada parte do puzzle.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.78), “os «puzzles» simples divididos em 2, 4 ou 8 partes são uma forma de divisão e

distribuição que permite a reconstituição do todo. Há ainda «puzzles» mais complexos que assentam na semelhança e complementaridade de cores e formas.

O mesmo afirma que estes jogos “são recursos para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens”.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Neste dia os alunos falaram do sistema respiratório bem como no sistema circulatório. A educadora, através de imagens, localizou cada órgão e descreveu-o quanto à sua função e importância que desempenha no corpo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Devido ao reduzido número de alunos na sala, a educadora, no início da aula fez a “chamada”, tendo a ajuda das crianças.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p. 75), “as actividades inerentes à organização do grupo como, saber quem está e quem falta, preencher um quadro de presenças ou de actividades relacionam-se com a Matemática, assim como arrumar os materiais (...)”.

As crianças presentes iam ajudando a educadora no preenchimento da grelha de presenças, dizendo-lhe se aquela criança estava presente ou não.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

A aula começou pela exploração de uma folha de árvore que um menino tinha apanhado.

Depois a educadora com auxílio do flanelógrafo, de algarismos móveis e de paralelepípedos (pauzinhos) explorou o material. Os paralelepípedos estavam num balde transparente e ela começou por perguntar se o balde era transparente ou opaco e porquê; o que viam dentro do balde e que cores tinham os pauzinhos.

A educadora mostrou vários materiais (caixas de madeira, plástico e papel) e os alunos tiveram de reconhecê-los através dos sentidos que eram sistematicamente lembrados. Uma criança foi solicitada para pegar numa caixa de papel e noutra de cartão com o objetivo de descobrir qual era a mais pesada de entre as duas. No decorrer desta atividade uma das crianças foi desafiada a descobrir se, nos pés, seria capaz de sentir coisas. Descalçou-se e teve um contacto direto com a temperatura do chão de mosaico e do tapete.

Após terminada a atividade anterior os alunos trabalharam a contagem (adição e subtração) com os paralelepípedos, onde foram estimulados auditivamente, através de palmas, para retirar “x” peças do monte e fazerem correspondência com os algarismos móveis.

Relembrando as figuras geométricas que tinham aprendido anteriormente os alunos através deste material reproduziram algumas delas: quadrado e triângulo. Na figura 3, vemos uma criança a construir um quadrado.



Figura 3 – Criança a construir um quadrado com o auxílio de material não estruturado.

Inferências / Fundamentação Teórica

Enquanto os alunos observavam as cores dos paralelepípedos, a educadora explorava os sentidos que os alunos tinham recorrido para identificar os atributos daquele material.

Dienes (como citado em Nabais (s.d.), afirma que:

Os alunos aprendem as matemáticas muito mais facilmente construindo os conceitos a partir da sua própria experiência real que por meio de manipulações simbólicas... É necessário que “as crianças aprendam a extrair a essência das matemáticas a partir da sua experiência pessoal, e não a partir da nossa. (p.9)

Ao trabalharem a contagem os alunos não só desenvolveram a sua capacidade de atenção, visto que a educadora, através de palmas ditava a situação problemática, como também desenvolveram a capacidade de noção de contagem.

Segundo Gelman e Meck (1983, como citado por Barros e Palhares 1997) a criança desde muito cedo é capaz de resolver problemas através das capacidades verbais de contagem. Desta forma afirmam que:

(...) destas capacidades de contagem nas crianças e o curso do seu desenvolvimento parecem sugerir que as capacidades de contagem são não o resultado de a criança ter percebido a ideia de quantidade, mas antes um veículo para a compreensão da ideia de quantidade. (p.53)

Através desta estratégia a educadora pôde trabalhar a noção de quantidade através das palmas.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Os alunos relembrou o que tinham feito no dia anterior.

Depois as crianças exploraram o sentido do tato que foi trabalhado com um cubo grande onde cada face tinha uma textura diferente. Alguns alunos participaram e de olhos abertos observavam e tocavam em determinadas faces do cubo e depois com os olhos fechados identificavam uma das faces. Na figura 4, vê-se uma criança a tocar no cubo.

No decorrer da atividades os alunos foram confrontados com diversas perguntas que remetiam para as características da face com que estavam a contactar, bem como a sensações que advertia desse mesmo contacto.

Num segundo momento fez-se um desafio aos alunos de modo a que procurassem, de olhos vendados, uma textura que a educadora lhes pedia.



Figura 4 – Criança a tocar nas diferentes texturas do cubo.

Inferências / Fundamentação Teórica

É através dos sentidos que o ser humano tem a percepção do que o rodeia.

Se a criança desde cedo for estimulada a utilizar os vários sentidos que lhes são facultados e se tiver uma boa estimulação dos mesmos encara tudo à sua volta de um modo atento e harmonioso.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Os alunos trabalharam com o material estruturado Blocos Lógicos começando por relembrar algumas regras para se poder mexer neste material corretamente. Foram distribuídas as caixas com o material por cada mesa. As crianças recordaram os atributos das figuras já aprendidas e iniciaram o conhecimento de uma nova figura geométrica, o retângulo. Com este sólido compararam os lados diferentes que o compõem. No final, as crianças fizeram um boneco com as figuras geométricas e caracterizaram os atributos das peças utilizadas.

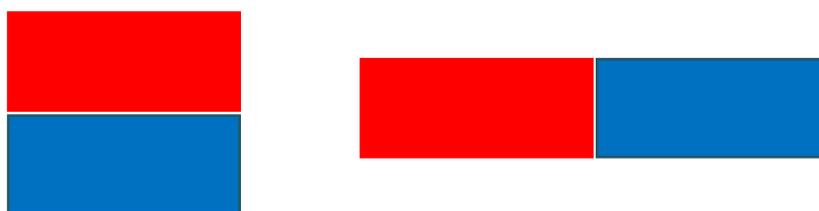


Figura 5 – Comparação entre os lados da face do retângulo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os Blocos Lógicos segundo Alsina (2004, como citado em Caldeira, 2009a, p. 364) constituem “um «material estruturado» que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura” que ao longo do tempo vão sendo apresentadas e exploradas pelas crianças.

Esta exploração segundo a mesma autora (2009a, p.365, citando Picard) deve ter uma ordem para que a criança consiga perceber melhor ou mais facilmente os atributos e critérios deste material, e deste modo a classificação deve ser feita do mais fácil para o mais difícil, da seguinte maneira: forma, cor, tamanho e espessura.

Sendo que as crianças ainda se estavam a habituar a trabalhar com este material, no final, foi-lhes permitido que representassem um boneco com estas peças. Como afirma Caldeira (2009a, p.364), a criança, num primeiro contacto, usa este material “como jogos de construção, tomando como referência a experiência que tem da realidade. Ao proceder assim a criança enriquece o campo da sua percepção estruturando o espaço na horizontal e na vertical (...)”.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Os alunos relembrou os sentidos.

Num segundo momento trabalharam com o material estruturado 1.º Dom de *Froebel*, explorando a caixa e as bolas que a caixa continha. A educadora explorou alguns conceitos relacionados com a orientação espacial, tais como: a lateralidade esquerda/direita e cima/baixo.

Posteriormente os alunos ouviram uma história que a educadora leu e no final responderam a algumas perguntas sobre a mesma.

Falaram do sentido da audição e da constituição do ouvido (canal auditivo, tímpano e caracol) e no final as crianças ouviram alguns sons de animais e identificaram cada um deles.

Inferências / Fundamentação Teórica

A criança deve ser confrontada desde a sua primeira infância com as noções espaciais. O facto de querer alcançar um brinquedo que se encontra à sua direita ou atrás de si faz com que intrinsecamente tenha a noção que existem espaços à sua volta onde se pode movimentar.

Segundo Martínez, García, e Montoro (1990)

as noções espaciais devem ser “ (...) trabalhadas desde o início, vivendo corporalmente situações espaciais uma vez que a noção de espaço é, na sua maior parte, o resultado duma experiência corporal.

No desenvolvimento da estruturação espacial trabalhar-se-ão deslocamentos, construções... que levarão a criança à descoberta das diversas orientações e relações existentes no espaço: acima – abaixo; à frente – atrás; dum lado – do outro; dentro-fora. (p.42)

Através do material usado pela educadora, 1.º Dom de *Froebel*, as crianças trabalharam a lateralidade ao corresponder a bola colorida a um determinado espaço ou local determinado pela professora e também fizeram associação de cores das bolas que a caixa disponibiliza.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Os alunos começaram o dia por lembrar o sentido que tinham explorado no dia anterior (a audição) e respetivo órgão. Ouviram sons agradáveis e desagradáveis e cada criança dava a sua opinião quanto aos sons que ouvia e o que lhes parecia ser. Depois fizeram um jogo que tinha como objetivo uma criança de olhos tapados conseguir identificar a voz de outro menino.

A educadora, mais uma vez trabalhou o material estruturado Blocos Lógicos fazendo a mesma exploração deste material.

Inferências / Fundamentação Teórica

É necessário e importante que o educador proporcione situações que levem a uma estimulação na criança relativamente a atividades anteriormente realizadas, ou seja, que seja trabalhada a memória das crianças.

Brickman e Taylor (1991, p.130) referem que as crianças que se envolvem ativamente nas atividades escolares de um modo “excitante e vivido com entusiasmo” são capazes de se recordar e de fazerem um registo mental. Por outro lado, se é apenas o adulto a tomar todas as decisões acerca das tarefas do dia e a criança não se envolver na rotina não se recordará pois “nestas idades, é provável que as crianças codifiquem, ou registem na memória, as suas experiências apenas quando trabalham activamente com pessoas e com materiais – os seus processos de codificação estão ligados a experiências concretas e activas”.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011 e segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Nestes dias a minha colega de estágio abordou o tema sobre higiene do corpo.

Começou por dirigir as crianças até ao ginásio onde as sentou em filas. Depois leu a história: “Camila não quer tomar banho”. À medida que lia a história, tinha também umas imagens no chão, das quais as crianças tinham de eleger a que correspondia ao texto lido.

De seguida simulou dar banho a uma boneca enquanto explicava o modo como as crianças se devem lavar e a importância de tomar banho todos os dias.

Para concluir, fez sabonete com os meninos.

Optei por relatar estes dois dias no mesmo texto pois versam sobre o mesmo conteúdo.

Inferências / Fundamentação Teórica

O banho para algumas crianças é um momento pouco simpático, pois como afirma Cordeiro (2008, p. 109), o banho é para a criança “um corte nas atividades que está a desenvolver, seja brincar, seja ver um filme ou desenhar” e por estes motivos a criança sempre que é abordada para fazer a higiene do seu corpo demonstra alguma “resistência”.

Desta forma é importante que a criança seja motivada para fazer diariamente a sua higiene, e para isso, cabe ao educador mostrar que este momento é importante para a sua saúde e pode tornar-se num momento de lazer.

A magia de uma história faz com que as crianças se envolvam num mundo imaginário e encantado, onde não há limites para a imaginação. No entanto, o facto de a história não ter tido seguimento e o facto da minha colega ter colocado as imagens no chão (não estando visíveis) provocou desinteresse e desmotivação por parte do grupo, o que originou algum descontrolo e agitação.

Pais e Monteiro (1996, p.22) afirmam que é importante que sejam impostas regras de funcionamento da sala de aula desde o primeiro dia do ano letivo e que essas regras devem ter continuidade, de modo a serem respeitadas contribuindo para o bom funcionamento das atividades e das rotinas de sala de aula. Os mesmos autores afirmam ainda que “a forma mais eficaz de prevenir comportamentos de indisciplina resulta do envolvimento dos alunos em tarefas com sentido para eles próprios”. (p.26).

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Neste dia lecionei uma aula no domínio do Conhecimento do Mundo sobre “Higiene Oral”.

Comecei a aula por mostrar a imagem de uma casa de banho de modo a explorá-la e levar os alunos a perceberem o tema da aula.

Na sequência da projeção de imagens em *PowerPoint*, fui fazendo perguntas de inferência, fazendo uso da interdisciplinaridade com áreas de estudo como a Matemática. Com o apoio de uma boca artificial fiz, com as crianças, a simulação de uma correta escovagem dos dentes, da língua e da gengiva, salientando os problemas que aparecem se não escovarmos os dentes. Fiz referência à profissão do dentista e às vantagens que temos em marcar consultas regulares.

Por último cantei uma música com as crianças. Numa primeira fase cantei a música e depois, verso a verso íamos repetindo a letra e acompanhando-a com gestos para, num último momento, cantarmos todos juntos com o acompanhamento da melodia da viola (como se pode ver na figura 6).



Figura 6 – Momento musical em que, as crianças e eu estávamos a cantar a música intitulada “Um copo com água”.

Inferências / Fundamentação Teórica

É importante, desde tenra idade, que os pais comecem por escovar levemente as gengivas das crianças. Este hábito vai intrinsecamente estar presente na rotina da criança e ao longo do seu crescimento e desenvolvimento bucal, ela terá um maior cuidado com a sua higiene oral.

Para Coimbra e Amaral (1991) o objetivo da higiene oral da criança é

prevenir as cáries, uma das doenças mais comuns na população infantil. A higiene bucal deve começar entre os dois e três anos de idade e nunca deve ser imposta como obrigação, mas sim como jogo ou forma de imitar os pais ou irmãos mais velhos. Os elementos fundamentais são uma boa escova de dentes (com pega e cabeça pequenas e com pelos macios para não magoar a gengivas) e uma pasta dentífrica de sabor agradável, para a criança usar quando já souber cuspir. A limpeza dos dentes deve ser efectuada depois das refeições ou da ingestão de doces. Deve enxaguar-se bem a boca quando a escovagem dos dentes não for possível. (p.54)

Assim sendo cabe aos pais integrarem esta rotina na vida dos seus filhos para que mais tarde estes não encarem esta ação como obrigatória, sendo que deve ser sensibilizada como um modo de evitar problemas orais que posteriormente afetem também outras partes do corpo humano. O facto de as crianças estarem despertas e esclarecidas relativamente a temas da higiene ajuda a uma boa conduta em casa e nas suas rotinas diárias, pelo que se devem abordar estas temáticas de forma lúdica.

Em relação ao momento musical, senti que se criou um ambiente acolhedor, observei que algumas crianças, que não costumam participar nas aulas, nesse momento cantavam e gesticulavam a coreografia que lhes tinha ensinado. Foi um orgulho verificar que a música desinibe muitas crianças e que possibilita uma forma de comunicação alegre, espontânea e educativa.

Como refere Marques (2002, p.109), “o meio envolvente da criança pode ser favorável ou desfavorável ao seu desenvolvimento e aprendizagem”. Segundo a observação e as opiniões finais desta atividade considero que o momento foi bastante propício para novas aprendizagens, mas também bastante relevante na interação do

grupo no despertar de uma relação familiar entre os conteúdos lúdicos e os conteúdos científicos que eram necessários desenvolver nesta aula.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Esta manhã foi marcada pela presença das orientadoras da prática pedagógica.

À minha colega de estágio foi pedido que lesse uma história “Sara, Tomé e o - Boneco de Neve” da autora Carla Antunes. A mim, num segundo momento da manhã foi-me solicitado que lecionasse, na área do Domínio da Matemática, contagem com material não estruturado e fizesse um jogo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo da formação do futuro professor é importante que seja feito um acompanhamento por parte das supervisoras. A intervenção destas deve ter como objetivo uma observação e um comentário crítico e construtivo acerca do que foi observado, no sentido de apontar algo que correu menos bem para no futuro não se voltarem a repetir. Visto que as supervisoras já trabalharam durante largos anos no ensino é importante que para além da crítica apresentem soluções de modo a nós, principiantes, orientarmo-nos num campo seguro e mais correto.

Devemos ser “um professor reflexível” pois como refere Braga, Vilas-Boas, Alves, Freitas e Leite (2004, p.25) devemos estar preparadas e predispostas à mudança e sermos conscientes na análise crítica do nosso ensino.

As histórias são uma excelente forma de comunicar e interagir com as crianças. Dependendo da forma como forem contadas permitem criar um clima de magia, suspense e de diversão ao qual a criança se prende muito facilmente.

Para além da vertente pedagógica da história, que auxilia a criança a ver refletidos alguns dos seus medos, a história também permite à criança desenvolver diversas capacidades e destrezas, tal como salientam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.77) “a narração de histórias é um meio de se apropriar da noção do tempo, pois corresponde a uma sucessão temporal marcada por ligações de continuidade traduzidas habitualmente pela expressão “e depois”. Recontar a história oralmente ou através de uma série de desenhos, seriar imagens, tendo como suporte uma pequena história, relaciona-se com a construção da noção do tempo e também com a linguagem.

1.2. 2.ª secção: Sala dos 4 anos

1.2.1. Caracterização de turma

A turma dos 4 anos, bibe encarnado, é composta por 27 crianças, em que 14 são do género masculino e 13 do género feminino.

As crianças que integram o grupo estão bem familiarizadas na dinâmica João de Deus à exceção de uma que se integrou no grupo à relativamente pouco tempo.

No entanto, no geral, a turma demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2.2. Caracterização do espaço

A sala de aula é dividida pelas duas turmas do bibe encarnado, sala dos 4 anos. A separá-las existe um armário que serve de arrumação ao material de apoio (lápiz, canetas, folhas de papel, material não estruturado, entre outras coisas).

Numa outra parede existe igualmente um armário de arrumações de *dossiers* dos alunos, bem como, de materiais de matemática estruturados, como por exemplo os 3.º e 4.º Dom de *Froebel*.

Junto ao quadro estão mesas redondas com cadeiras, nas quais os alunos se sentam.

Uma das paredes laterais, preenchida com janelas, faz desta sala um espaço acolhedor e com muita luz natural.

1.2.3. Rotina diária

De manhã os alunos reúnem-se no ginásio para fazer uma roda e cantar.

De seguida, por volta das 9h:30m as crianças dirigem-se à casa de banho para lavarem as mãos antes de entrarem na sala.

As duas turmas, na sala sentaram-se no tapete para ouvirem uma história, com os temas que abordaram em sala de aula.

Alguns autores defendem que se criem rotinas desde muito cedo nas crianças, pois segundo Cordeiro (2008, p.286) saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e tranquilizar as crianças.

Por sua vez Zabalza (1998, p.169) refere que, a rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala.

Assim as actividades planeadas ao serem sequenciais e repetitivas criam na criança uma rotina à qual gradualmente se vai acostumando, o que posteriormente vai deixá-la mais tranquila pois saberá o que se passará no momento seguinte.

O lanche da manhã é dado às 10h:30m, neste período as crianças comem algumas bolachas ou pão com manteiga. É também durante a pausa que as crianças descomprimem um pouco do primeiro momento de aulas.

A hora do almoço é às 13h, na cantina da escola. Aqui as crianças são servidas com um prato de sopa, um prato principal e uma sobremesa.

1.2.4. Horário de turma

Segue-se o horário do grupo dos 4 anos, que acompanhei durante este estágio profissional (figura 7).

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09:00	Acolhimento - Canções de roda, jogos e higiene				
09:30	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10:30	Recreio				
11:00	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Educação pelo movimento	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo
11:30			Revisões	Inglês	Educação pelo movimento
12:00	Jogos de roda / Estimulação à Leitura	Jogos de mesa/ Estimulação à Leitura	Cantinhos	Cidadania	Jogos de roda
12:30	Almoço e recreio orientado e livre				
13:00	Expressão Plástica	Expressão plástica no âmbito da matemática	Expressão plástica no âmbito do conhecimento do mundo	Experiências/ registo das mesmas	Expressão Plástica
14:45					
15:30	Relembrar o nosso dia				
16:00	Lanche				
16:30	Saída				
17:00					

Figura 7 – Horário da turma da sala dos 4 anos.

1.2.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Este foi o primeiro dia de estágio na sala das crianças com 4 anos de idade. A educadora acolheu as duas turmas, no tapete, visto que a outra educadora não estava presente.

Começou por dialogar com os alunos acerca do sistema solar, por que planetas era constituído referenciando o nosso planeta – planeta Terra e da principal estrela que nos aquece e ilumina como também do satélite que gira à volta da Terra - a lua. Dando seguimento à primeira atividade leu uma história: “Papá por favor, apanha-me a lua”, de Eric Carle. Durante a história a educadora pediu a participação dos alunos para fazerem determinados gestos, e num momento de mais agitação começou a cantar uma música para estes acalmarem.

Com os meninos sentados a educadora escreveu alguns algarismos no quadro e de seguida, com a ajuda dos alunos escreveu a data.

Foi distribuída a cada criança uma linha fronteira e algumas borboletas para trabalharem teoria de conjuntos: singulares, vazios e com um determinado número de elementos (borboletas). À medida que a educadora ia pedindo o número de elementos que queria no conjunto, foi fazendo analogias com o material *Cuisenaire*, como por exemplo: “Vou dizer a cor da peça do *Cuisenaire* e vocês vão colocar dentro da linha fronteira o número de elementos que corresponde a essa peça”. No final as crianças brincaram com o material e foi-lhes proposto que imaginassem uma história com borboletas e para partilharem com os restantes colegas.



Figura 8 – Teoria de conjuntos.

Inferências / Fundamentação Teórica

Considero que esta aula de teoria de conjuntos, pela atração visual que o material proporcionou, funcionou de forma lúdica e motivante até porque a educadora fez uso da interdisciplinaridade trabalhando conteúdos de outras áreas do conhecimento.

A interdisciplinaridade, tal como refere Fourez (2008, p. 25), “é utilizada para abarcar uma gama de práticas, na realidade, diferenciadas. Têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares”.

As histórias cobrem todo o quotidiano numa magia que fascina todos ao ponto de educar cada um de nós através da mais ínfima palavra por detrás de uma árvore encantada. Como alega Cury (2006, p. 132), “educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade”.

As histórias constituem muitas vezes, interesse e motivação para as crianças. É através delas que os mais pequenos podem aprender a ouvir, a falar a expressar e a ampliarem o seu léxico, para além de muitas outras competências que melhoram a forma de se exprimirem.

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

A educadora começou por mostrar dois desenhos feitos por dois alunos da sala. Depois disse para as crianças colocarem as mãos em cima da mesa e posteriormente solicitou individualmente alguns meninos para contarem fazendo assim a avaliação dos mesmos. A seguir a este momento realizaram exercícios de cálculo mental.

Posteriormente os alunos trabalharam com o material estruturado Blocos Lógicos. A educadora pediu a um elemento de cada mesa para ir buscar duas caixas e colocarem os sólidos geométricos no centro da mesa para que todas as crianças tivessem acesso ao material. Realizada a primeira tarefa a educadora começou por estabelecer regras e de seguida explorou os atributos do material (a forma, a cor, o tamanho e a espessura).

A educadora dirigiu uma pergunta a um aluno e este respondeu bem, contudo a articulação da palavra não foi bem pronunciada, e deste modo, a educadora chamou-o à atenção pedindo-lhe que repetisse, depois dela, a palavra. A criança não respondeu limitando-se a ficar calada. A educadora explicou-lhe o motivo pelo qual lhe pedia para dizer novamente a palavra, mas a criança mesmo assim não a repetia.

A educadora continuou a aula fazendo um exercício que consistia em retirar do monte de peças apenas uma que correspondesse às características pedidas. Os exercícios foram alternados, tendo a educadora referido e solicitado várias características das peças, mantendo apenas um atributo, alterando outro e assim sucessivamente. Para concluir a aula dos materiais os alunos puderam brincar com as peças.

A educadora falou da lenda de São Martinho, e da tradição das pessoas comerem castanhas nesse dia. Passou pelos meninos um ouriço da castanha com o

respetivo fruto dentro e à medida que as crianças observavam o mesmo ia-lhes fazendo perguntas acerca da árvore que dá este fruto e qual o nome que se dá ao “invólucro” que protege a castanha.

Os alunos ouviram uma música e dançaram ao som da mesma e quando esta parava tinham de ficar em “estátua”, ou seja, parados sem se mexerem.

As crianças equiparam-se para a aula de educação física que consistiu numa aula de força em que os alunos jogaram ao “jogo da corda”, como se observa na figura 9.



Figura 9 – Crianças a jogar o jogo da corda.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os alunos são diariamente avaliados, no entanto a educadora tem de fazer registos acerca dos conhecimentos da sua turma para que ao longo do tempo os possa comparar e verificar a evolução de cada elemento.

Tal como afirmam Pais e Monteiro (1996, p. 37) “para o professor a avaliação tem uma função pedagógica, porque o informa do modo como os alunos evoluem e são receptivos às suas propostas didácticas, permitindo fazer ajustamentos, se necessário” cabe por isso ao educador comparar as avaliações do aluno, que são feitas no decorrer do período, e criar estratégias para que a criança aprenda da melhor maneira.

A criança por imitação ao adulto gosta de assumir determinados papéis (destinados a estes), que para ela significam ter um termo de responsabilidade acrescido. A educadora ao seleccionar alguns alunos para irem buscar os Blocos

Lógicos dá-lhes um voto de confiança, pelo que a criança se demonstra bastante empenhada e responsável ao exercer esta tarefa.

As aulas de educação pelo movimento oferecem momentos de brincadeiras e jogos, onde as crianças ditam e fazem cumprir regras de comportamentos. Para Kishimoto (1994 citado em Caldeira, 2009a, p. 40), “o jogo vincula-se ao sonho, à imaginação, ao pensamento e ao símbolo, sendo uma proposta para a educação de crianças”. É pelo facto do jogo permitir que a criança imagine, sonhe e que também aprenda a ver que há um vencedor e um perdedor que estes momentos devem ter um lugar nas rotinas das crianças.

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

Os ensaios para a Festa de Natal começam a ser uma rotina diária em que a música preencheu as manhãs destas crianças.

A educadora começou a fazer a avaliação da contagem de alguns alunos, oralmente.

Seguidamente exercitou com os alunos o cálculo mental fazendo a correspondência com o material estruturado *Cuisenaire*, por exemplo “Três mais um?”; “Qual a peça do *Cuisenaire* que vale quatro unidades?”.

Depois do recreio as crianças trabalharam com o material estruturado 3.º Dom de *Froebel* e começaram por explorar o material. De seguida foram recordadas as regras para abrir a caixa, bem como para trabalhar com este material. A educadora começou por contar uma história e as crianças iam realizando várias construções: cama, cadeirão, as cadeiras e a mesa da sala. Durante esta atividade a educadora foi colocando questões acerca dos cubos utilizados para fazer determinada construção, como também, de simular objetos imaginários e fazer a adição dos mesmos.

Os alunos dançaram ao som de algumas músicas que tinham como letra o abecedário.

Já na área do conhecimento do mundo, a educadora falou novamente do planeta terra, da lua e do sol, e para os representar vestiu os alunos com fatos representativos destes elementos. Pediu para as três crianças representarem os movimentos característicos de cada astro e por fim chamou uma criança para ir identificar, no fato do planeta terra, Portugal. No quadro desenhou a Península Ibérica fazendo diversas perguntas relativas ao nosso país e ao que o rodeia.



Figura 10 – Representação da terra e da lua pelas crianças.

Inferências / Fundamentação Teórica

As crianças, nesta manhã estiveram a trabalhar com o 3.º Dom de *Froebel*. Como refere Caldeira (2009a, p.248) este material é composto por 8 cubos que permitem à criança trabalhar representações da construção, cálculo mental, noções matemáticas e desenvolver o vocabulário. Para abrir a caixa cubica deste material é necessário cumprir algumas instruções básicas que as crianças conhecem desde o primeiro contacto com o material. Assim como realça Caldeira (2009a, p.249) para abrir a caixa “entreabre-se um pouco a tampa; vira-se a caixa; retira-se o resto da tampa e tira-se a caixa.” e para a caixa ficar arrumada em cima da mesa “coloca-se a tampa dentro da caixa na diagonal”.

À medida que a educadora contava a história e ia pedindo que as crianças fossem representando determinada construção, esta também apelava para a variedade de raciocínios matemáticas, trabalhando por isso vários conteúdos matemáticos trabalhados ao longo do tempo.

Na área de conhecimento do mundo as crianças puderam representar, através dos fatos ilustrativos, a terra e a lua, bem como os movimentos que cada uma delas faz no sistema solar. Este momento foi bastante engraçado e divertido, o que permitiu motivar bastante o interesse das crianças por esta matéria.

Segundo Balancho e Coelho (1996, p.17) a motivação designa-se por tudo aquilo que “suscita ou incita uma conduta, que sustém uma actividade progressiva, que canaliza essa actividade para um dado sentido” e é nesse sentido que a motivação consegue que o aluno “encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades”.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

As estagiárias da sala dos quatro anos ajudaram as educadoras a pintar o castelo das princesas, que vai servir de cenário de fundo à peça de teatro que irá ser apresentada na Festa de Natal.

Os alunos fizeram contagem, começava um e depois ia-se alternando a criança que continuava a sequência da mesma.

Num segundo momento os alunos, fizeram uma sequência numérica, utilizando os algarismos móveis desde o zero ao nove e trabalharam a noção do “antes de” e o “depois de” que se visualiza na figura 11.

As crianças colaram desperdícios de goma eva nas estrelas de natal para colocar na árvore da turma e por detrás dizer o que gostavam de receber no Natal.

Num outro momento os alunos relembrou alguns aspetos sobre o planeta Terra.



Figura 11 – Sequência numérica com algarismos móveis.

Inferências / Fundamentação Teórica

As crianças trabalharam a sequência numérica dos algarismos para aprenderem o que vem antes e depois, de determinada quantidade.

Para Barros e Palhares (1997, p. 50) as crianças ao fazerem esta atividade adquirem capacidades que são importantes “para a construção do número cardinal e a da *inclusão hierárquica*”. Desenvolve-se a capacidade de estabelecer uma relação hierárquica dos números mais pequenos para os números maiores.

Os desperdícios de materiais são uma mais-valia para outros trabalhos das expressões plásticas, daí ser importante guardá-los e reutilizá-los para um novo projeto. Esta é também uma forma de inculcar valores às crianças no que toca ao meio ambiente.

Saliento Sousa (2001, p.47) que afirma que “os valores ético-sociais referem-se, pois, a um contexto social imediato, a normas e valores socialmente considerados, a redes de interação social, a papéis sociais e a um sistema social de valores”. Assim recordando uma frase que, para mim tem um valor moral bastante grande: "a minha liberdade termina onde começa a do outro", o educador deve fazer ver à criança, que o planeta terra é habitado por muitos seres vivos, e que cabe a cada um de nós, ter a consciência de mudar pelo menos as suas atitudes e respeitar todos aqueles que habitam o mesmo espaço.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Os alunos iniciaram o dia por trabalhar o material estruturado *Cuisenaire*. A educadora lembrou a importância da peça branca. De seguida construíram a escada crescente até à peça que vale oito unidades (peça castanha), leram por cores e associaram os valores.

A educadora, com peças maiores, reproduziu também a escada crescente e fez um jogo de memória com os alunos. Pediu a uma criança que retirasse uma das peças e às que antes estavam com os olhos tapados, solicitou que adivinhassem qual a peça que tinha sido retirada da escada e qual o seu valor. De seguida fez um exercício mais difícil: o aluno solicitado tapava os olhos e era-lhe dado uma peça do *Cuisenaire* para as mãos e o objetivo era adivinhar qual era a peça que estava nas suas mãos e qual o seu valor.

Inferências / Fundamentação Teórica

O *Cuisenaire* é um material estruturado constituído por barras de tamanhos e cores diferentes consoante o seu valor numérico que varia entre uma e 10 unidades.

Com este material as crianças construíram a escada, e tal como afirma Alsina (2004 citado em Caldeira, 2009a, p. 131) com esta construção pode-se realizar vários jogos, como por exemplo pedir à criança “que «suba» a «escada» dizendo as cores das peças, começando pela mais pequena (branca) até à maior (laranja)”.

A educadora fez um jogo que as crianças já conheciam: o jogo da memória. A criança que era solicitada tapava os olhos e adivinhava a peça que tinha na mão. Este jogo permite que a criança através do tato consiga identificar a cor e o valor da peça que tem na mão através do tamanho da mesma. Para meu espanto as crianças que realizaram o jogo acertaram na correspondência entre o tamanho e o valor/cor da peça.

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

As estagiárias estiveram a recortar flocos de neve para a Festa de Natal.

Neste dia as crianças trabalharam com os Blocos Lógicos onde exploraram os diversos atributos deste material, semelhanças e diferenças. Foi-lhes proposto construir uma casa apenas com duas peças e desta forma foi possível obter construções diferentes, as quais foram comparadas. Por fim, as crianças brincaram com o material e no final fizeram uma menina e um menino para posteriormente imaginar uma história.

Inferências / Fundamentação Teórica

As crianças ao manipularem livremente os materiais vão adquirindo uma percepção concreta daquilo com que contactam observando resultados que se assemelham à realidade. Foi o caso da construção da casa, a criança à partida reconhece o formato das casas tradicionais rasteiras como sendo representadas com formas geométricas.

Nabais (s.d., p.10) salienta que “Quanto mais bem apetrechado fôr o arsenal da experiência pessoal da criança, mais rica e segura será a sua abstracção. Para voar é preciso ter asas e ter onde firmar-se para levantar vôo”.

Ao interpretar e relacionar esta frase com a minha vivência na sala de aula, apercebi-me que as crianças têm uma noção clara das partes constituintes dos seus corpos e relativamente às histórias que fantasiavam chegavam certamente à Troposfera, onde os voos eram bem altos e cheios de piruetas.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Os alunos começaram o dia por fazer contagem.

Depois as crianças brincaram com plasticina.

Neste dia fui assistir à aula de duas colegas minhas, Marisa e Teresa Rocha do segundo ano do curso de Educação Básica, na sala das crianças com um ano de idade (bibe azul turquesa). Trabalharam com as crianças a lateralização com o auxílio de uma maça feita de esponja.

De regresso à sala, a educadora leu uma história sobre “O amor e a amizade” de Oscar Brenifier e Jacques Després. Depois de ouvirem-na, as crianças foram questionadas acerca do que é que sabe o amor e em que parte do corpo é que sentem o amor pelas pessoas que gostam.

Aos alunos que tem irmão foi-lhes perguntado se tinham uma boa ou má relação com os mesmos.

Inferências / Fundamentação Teórica

É importante que a criança perceba o valor da amizade, pois a partir do momento em que se relaciona com os restantes colegas de turma existem pessoas que lhe oferecem mais segurança e estabilidade.

De acordo com Cordeiro (2008) a amizade é

um dos aspetos fundamentais das relações interpessoais, manifestando-se sobretudo a partir dos 4 anos. (...) Os amigos representam, para as crianças (como para toda a gente, aliás), a segurança de que são amados, e que têm também objectos e alvos para o seu amor. Os amigos obrigam a prescindir de parte da sua vertente egoísta, a fazer sacrifícios, e a partilhar e ter sentimentos vivos, como a alegria ou a tristeza(...). (pp.391-392)

Também Roldão e Marques (2001) salientam que:

a natureza humana integra a componente da razão e a componente da emoção, inteligência e sentimentos e, por isso, a educação deve promover não só o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento afectivo; a educação deve ter uma dupla direcção e deve conciliar o espontâneo com o normativo, o instinto com a razão, o princípio do prazer com o princípio da realidade. (p.111)

A partir das palavras destes autores podemos cruzar a informação com algumas experiências pessoais vivenciadas nos recreios nomeadamente quando as crianças se recusam a emprestar os seus pertences a outras. Este facto deve-se às amizades estabelecidas durante o seu crescimento que levam a criança a seleccionar determinadas pessoas que se identificam mais consigo, daí muitas vezes não permitirem que outras se cruzem nas suas brincadeiras.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

As estagiárias estiveram a pintar o castelo para a Festa de Natal.

A educadora no domínio da matemática trabalhou a teoria de conjuntos com material não estruturado palhinhas. Com este material desenvolveu os conceitos de: par, ímpar e representação de algumas figuras geométricas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a aula de teoria de conjuntos a professora teve de alterar algumas estratégias de aula de modo a responder às dificuldades de alguns alunos. É importante que isso se verifique quando o aluno apresenta dificuldades na perceção da informação que lhe foi dada e na resolução do problema, de forma a levar a criança a ter um raciocínio estruturado para chegar à resposta pretendida.

Salientando Rangel (1992, p.60), “as crianças não erram por acaso ou por falta de atenção, quando são deixadas em liberdade para pensar e opinar: há sempre um bom motivo sustentando o erro infantil”.

Assim cabe ao professor adaptar uma nova estratégia em resposta aos erros e dificuldades apresentadas porque após detetado esse erro o educador pode levar a criança a estruturar o raciocínio adequado de modo a chegar a uma resposta coerente.

Durante esta mesma aula de matemática a educadora enquadrava em todas as situações problemáticas, temas e vivências do dia a dia das crianças, o que tornava mais estimulante a procura de uma resposta àquela questão.

Morgado (2000, pp.29-30) afirma que o educador/professor deve “procurar encontrar situações problemáticas próximas da vida do dia-a-dia dos alunos, de forma a que estes não encarem a disciplina como um conjunto de noções e de princípios que nada têm a ver com a realidade em que se encontram inseridos”.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Neste dia as crianças trabalharam a teoria de conjuntos aprendendo conceitos novos. À medida que o material ia sendo distribuído pelos alunos, os outros contavam alternadamente.

Depois do lanche da manhã foi-me proposto que através de um livro “A que sabe a lua?” de Michael Grejniec, trabalhasse os conteúdos que achasse mais pertinentes salientando o tema, a lua, que tinha sido abordado ao longo das semanas anteriores.

Sentei as crianças numas almofadas dispostas em “U”, e antes de começar a contar a história fiz um momento de “magia” e imaginação com os alunos para os integrar no mundo de fantasia que são as histórias.

No decorrer da mesma, e com o auxílio de imagens de animais e da lua, fui pedindo a algumas crianças que imitassem o animal que aparecia num momento da história, que chamassem o animal que vinha a seguir através de estratégias diversificadas: silabicamente com o acompanhamento de “estalinhos dos dedos”, voz baixa, etc.

Quando acabei a história pedi a uma criança que contasse quantos animais tinha a história, o que tinha antes e o depois, e iniciei uma matéria nova que foi os numerais ordinais, trabalhei os números pares e ímpares e o tamanho dos animais.

Para concluir a aula fiz o jogo da barquinha com as crianças, onde cada uma delas tinha de dizer um nome de um animal.

Inferências / Fundamentação Teórica

O imprevisto das aulas surpresas provoca algum desconforto. Nessa altura é necessário ter a capacidade de improvisar e de arranjar estratégias apelativas para uma aprendizagem adequada de um determinado tema que nos é sugerido. Reconheço por isso a importância do planeamento das aulas, que são uma mais valia para o professor/aluno estagiário, não só para ter uma ideia do que irá desenvolver em sala de aula, mas também no método mais apelativo de o fazer, tendo em conta também o material e os recursos que vai utilizar.

Segundo as Orientações Curriculares Orientações Curriculares para a Educação Pré –Escolar (ME, 1997, p.26), planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades”.

Para contar a história achei pertinente colocar as crianças sentadas nas almofadas de modo a que se sentissem confortáveis. Procurei ter um ambiente caloroso e acolhedor. Coloquei-as em U de modo a que todas conseguissem observar as imagens da história e se vissem umas às outras.

Salientando Arends (1999, p.94) “a disposição em círculo é útil para a discussão e para o trabalho independente no lugar”, contudo quando “o professor lê para os alunos, estes devem sentar-se em semicírculo em vez de se sentarem ao acaso num tapete”.

No decorrer da aula, abordei o tema sobre os numerais ordinais, que os alunos ainda não tinham falado, no entanto a educadora desafiou-me a continuar esta nova abordagem e eu fi-lo. Coloquei as imagens dos animais que iam aparecendo na história (personagens) e daí desenvolvi este assunto.

Salientando as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.74), “as oportunidades variadas de classificação e seriação são também fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, como correspondendo a uma série (numero ordinal) ou uma hierarquia (numero cardinal)”.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011 a 2 de dezembro de 2011

Nestes dias os alunos estiveram a fazer construções com peças de encaixe, enquanto as alunas estagiárias construíam alguns dos adereços para a Festa de Natal, bem como, alguns produtos para venda na feira solidária em Sintra.

No decorrer desta semana foram realizados vários ensaios de natal.

Inferências / Fundamentação Teórica

O Natal é uma época de comunhão com experiências comoventes que dão magia à vida. O dar a conhecer a cultura de outros povos, permite à criança “viajar” do seu “mundo”, para conhecer outros.

Segundo Silveira-Botelho (2009):

as crianças não só desenvolvem desde cedo consciência das diferenças sociais, culturais, raciais e étnicas como interiorizam os valores dominantes face ao estatuto social atribuído a estes grupos. Neste sentido, a educação multicultural das crianças pequenas assume toda a relevância e deve constituir uma preocupação do jardim-de-infância, tendo em vista desenvolver atitudes, percepções e comportamentos transculturais positivos que contribuam para a formação cívica dos futuros cidadãos de uma sociedade que se quer mais justa e tolerante. (p.120)

Durante os ensaios de natal as crianças decoram algumas falas para serem representadas na festa.

Para Vygotsky (1998) as crianças memorizam as suas falas, os gestos, a voz, o espaço e outros acessórios que compõem os diferentes papéis que irão representar.

Toda a preparação, desde o cenário até à representação, constitui uma fase de excitação, imaginação e emoção. Com esta estratégia o educador promove a educação participativa, levando a superar a insegurança e a timidez de algumas criança, através da memorização e encarnação na representação.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Este dia foi marcado pela presença das professoras da prática pedagógica que foram assistir a aulas surpresas de três colegas minhas. Na primeira aula, foi proposto à aluna estagiária da sala dos 5 anos, que contasse a história: “A Galinha Ruiva”. Pediram-lhe de que fizesse depois uma dinamização de uma palavra com o auxílio de letras móveis.

A segunda aluna, que estava a estagiar na sala dos 3 anos, contou a história “Os três porquinhos” com o apoio de fantoches. E finalmente a terceira e última estagiária lecionou, na mesma sala, uma aula de matemática com o material não estruturado, palhinhas.

Inferências / Fundamentação Teórica

As aulas supressas assistidas pelas orientadoras da prática pedagógica possibilitam avaliar a postura do aluno, os seus conhecimentos científicos de uma determinada matéria e o seu improvisado. Contudo estas aulas só são significativas se existir posteriormente uma reflexão deste momento, dos aspetos positivos da aula e daqueles que ainda se podem melhorar, ao longo do tempo. É durante o decorrer de toda uma atividade profissional que o professor ou educador vai ganhando traquejo.

Segundo Alarcão e Coimbra (2003) a observação destas aulas estão destinadas:

a obter dados e informação sobre o que se passa no processo ensino/aprendizagem com a finalidade de, mais tarde, proceder a uma análise do processo numa ou outras variáveis em foco. Quer isto dizer que o objeto da observação pode recair num ou noutro aspecto no aluno, no professor, na interação professor/aluno, ambiente físico da sala de aula, no ambiente sócio-relacional na utilização de materiais de ensino, na utilização de espaço ou tempo, nos conteúdos, nas matérias, nas características dos sujeitos, etc. (p.86)

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011 a sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Os ensaios para a Festa de Natal começaram e foram feitos várias vezes ao dia. Eu e a minha colega de estágio fomos preparando alguns dos cenários para o “grande dia”. Também fizemos uns porta-chaves em velcro para dar às crianças como prenda de natal das educadoras, para os seus alunos.

Inferências / Fundamentação Teórica

A Festa de Natal manifesta-se num momento de partilha e troca. Nestes momentos, nós futuras educadoras/professoras percebemos a importância que a família tem para as crianças.

Segundo Kaloustian (1988 como citado em Reis, 2008) a família

é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da protecção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afectivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (p.61)

Para as crianças a presença da família naquele dia torna-se para aqueles pequenos “príncipes e princesas” um pequeno palco onde o momento de brilharem é o mais importante, por isso empenham-se bastante nos papéis que vão representar.

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Esta manhã de aulas foi preparada pela minha colega de estágio. Inicialmente abordou o tema “família” e os graus de parentesco, recorrendo-se a uma árvore genealógica.

Num segundo momento, na área do domínio da matemática trabalhou o 3º dom de *Froebel* fazendo a construção da mobília da sala e do quarto. Para esta aula a minha colega também levou uma “família” (bonecos) para as crianças colocarem nas construções e daí realizar algumas situações problemáticas.

Inferências / Fundamentação Teórica

As aulas dadas pelas alunas estagiárias criam nas crianças momentos mais enérgicos e motivantes, visto que, são estas alturas que se proporcionam, espaços de aula diferentes, materiais não tão usuais e novas pessoas a interagirem com eles.

Na aula de matemática os alunos resolveram algumas situações problemáticas contextualizadas numa história que a minha colega foi contando.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.78) a “resolução de problemas constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir no como e no porquê”.

Estas questões sem respostas imediatas ou que tenham excesso de dados obriga a criança a parar para pensar naquele resposta mais adequado para a pergunta pretendida. Daí ser um excelente exercício não só de seleção correta de dados importantes, como também da atenção da concentração das crianças.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Esta manhã de estágio foi planeada por mim. Teve como objetivo abordar o tema sobre o natal, falar de algumas tradições e costumes, referir as figuras enigmáticas que constituem o presépio, como também do nosso imaginário, o pai natal. Para completar a aula levei um presépio que foi montado pelas crianças à medida que ia falando das figuras do presépio que fazem parte do mesmo.

Na área do domínio da matemática trabalhei com as crianças a teoria de conjuntos com material alternativo (pinheiros de natal). Nesta aula contei uma história sobre uns duendes mágicos que iam apanhar pinheiros de natal à floresta, de modo a criar situações problemáticas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Visto que se estava a aproximar esta época festiva da qual, todas as crianças gostam e falam entusiasmadas, o tema natal surge como um momento de família, amizade e partilha. São estes momentos que nos dão, a nós futuras educadoras, oportunidade de lhes fazer ver a importância desta palavra e de todo o valor que ela tem. Deste modo cabe a nós, modelos da educação, promover atitudes e valores que promovam o desenvolvimento pessoal da criança.

Segundo Serrão (2009, p.7) citando UNICEF relativamente à Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989 acerca da importância e da necessidade de dar a esta proteção, atenção e principalmente educação, salientam que:

é importante que a educação surja na vida da criança como promotora do seu desenvolvimento e da sua personalidade de modo a desenvolver as suas potencialidades físicas e mentais. Esta mesma educação deve preparar a criança para a sua vida futura (vida adulta) de um modo ativo na sociedade respeitando e aceitando a identidade de cada um, bem como as diferentes línguas e valores culturais diferentes dos seus.

(http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3440/1/ulfc055580_tm_Emilia_Serrao.pdf)

Assim sendo, cabe ao educador promover todo um ambiente propício para que estes valores sejam devidamente transmitidos, compreendidos e assimilados pelo aluno, não como meros conteúdos de boas maneiras, mas sim como palavras integrantes no carácter de um futuro adulto.

A teoria de conjunto permite ao aluno agrupar determinados objetos com uma determinada característica em comum. O grupo de objetos que cada um tinha eram pinheiros de Natal feitos em cartolina. Este material, com todas as suas características iguais possibilitou que as crianças fizessem várias representações de conjuntos, consoante o que lhes era pedido, à medida que estas tarefas eram contextualizadas na história.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p 74), os conjunto permitem: “agrupar os objectos, ou seja, formar conjuntos de acordo com um critério previamente estabelecido, a cor, a forma, etc., reconhecendo as semelhanças e diferenças que permitem distinguir o que pertence a um e a outro conjunto”.

Já Palhares (2004) refere que:

quando as crianças aprendem a contar e adquirem competência de linguagem, precisam de organizar os objectos e as experiências em conjuntos. Juntas, elas têm de aprender a classificar as coisas que são, de alguma forma, semelhantes e necessitam de aprender a diferenciar entre coisas que são diferentes. O fundamento matemático para estas ideias reside nas teorias de conjuntos e da lógica. (p.113)

Podemos afirmar portanto, que a criança à medida que vai desenvolvendo as suas capacidades, diferenciando ou associando características comuns em determinados objetos, tem a aptidão de os conseguir agrupar consoante os seus atributos.

Quarta-feira, 16 de dezembro de 2011

Devido ao facto da educadora estar de férias, eu e a minha colega ficámos com a turma a fazer diversos trabalhos. Enquanto, nas mesas, algumas crianças faziam construções e moldagens com plasticina, outras, com a nossa ajuda, concluíam as propostas de trabalho realizadas por mim e pela minha colega, que consistiam em elaborar um postal de natal e a uma moldura.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo deste tempo foi notória a evolução das crianças, não só da sala dos 3 anos o qual correspondeu ao momento anterior do estágio profissional, como também das crianças da sala dos 4 anos. Ambas as turmas que acompanhei foram crescendo, não só fisicamente mas psicologicamente, adquirindo aprendizagens a vários níveis.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997) as crianças desenvolvem diversos níveis de aprendizagem ao longo do tempo:

a nível das aprendizagens supõe-se que as crianças tenham evoluído no domínio da compreensão e da comunicação oral (...). Também terão realizado aprendizagens básicas ao nível da matemática e adquirindo as noções de espaço, tempo e quantidade que lhes permitam iniciar a escolaridade obrigatória. (p.91)

1.3. 3.ª secção: Sala dos 5 anos

1.3.1. Caracterização de turma

Esta turma é constituída por 23 crianças, sendo 11 do género feminino e 12 do género masculino.

Duas das crianças estão a ter acompanhamento especial a nível da aprendizagem.

A nível da motivação das aprendizagens esta turma é bastante interessada pelas atividades propostas, tanto em sala de aula como em espaços exteriores. As crianças colaboram de forma dinâmica nas rotinas e mostram motivação para as ações propostas.

1.3.2. Caracterização do espaço

Na sala de aula estão disponíveis armários para o arrumo de material individual dos alunos, material didático e material de papelaria.

Dois quadros, prateleiras com livros, bancada com lavatório.

Existem prateleiras para arrumar os *dossiers* de matemática e de estimulação à leitura.

As crianças também tem, na sala de aula uma casinha para brincarem.

1.3.3. Rotina diária

As crianças da sala dos 5 anos, bibe azul, diariamente começam por se reunir no ginásio, onde cantam juntamente com outras crianças de diversas idades.

De seguida dirigem-se à casa de banho, antes de entrar na sala de aula.

1.3.4. Horário de turma

De seguida, na figura 12 apresenta-se o horário das crianças dos 5 anos.

	segunda-feira		terça-feira		quarta-feira		quinta-feira		sexta-feira
09:00	Rodas e canções								
09:30	Iniciação à leitura e escrita	09:30	Iniciação à matemática	09:30	Iniciação à leitura e escrita	09:30	Iniciação à matemática	09:30	Iniciação à leitura e escrita
		10:00	Iniciação à escrita matemática			10:00	Iniciação à escrita matemática		
10:30	Atividades ao ar livre								
11:00	Educação pelo movimento	11:00	Estimulação à leitura e escrita	11:00	Iniciação à matemática	11:00	Iniciação à leitura e à escrita	11:00	Iniciação à matemática
11:45	Iniciação à matemática			11:30	Iniciação à escrita matemática			11:30	Iniciação à escrita matemática
12:30	Jogos livres e orientados	13:30	Cantinho da leitura	12:30	Jogos livres e orientados	12:30	Cantinho da leitura	12:00	Informática
13:00	Almoço								
13:30	Atividades ao ar livre								
14:30	Conhecimento do mundo	14:30	Conhecimento do mundo	14:45	Música	14:30	Conhecimento do mundo	14:30	Educar para a cidadania / experiências / área projeto *
15:00	Estimulação à leitura e à escrita	15:00	Ditados gráficos/Desenhos em série *	15:45	Estimulação à leitura e à escrita	15:00	Expressão plástica	15:30	Estimulação à leitura e à escrita
15:45	Biblioteca de turma	15:45	Estimulação à leitura e à escrita			15:30	Inglês	15:45	Conclusão e arrumação de trabalhos
						16:00	Estimulação à leitura e à escrita		
16:20	Lanche								
16:45	Jogos livres e orientados	17:00	Jogos livres e orientados	16:45	Ballet	16:45	Jogos livres e orientados	17:00	Karaté

Figura 12 – Horário da turma da sala dos 5 anos.

1.3.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Por estarmos no período de férias do natal, as crianças estiveram sempre no recreio.

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

As crianças depois de se reunirem no ginásio dirigiram-se para a sala de aula da educadora da outra sala dos 5 anos, onde se desenrolou uma conversa sobre o natal e a passagem de ano. Dada a chegada da educadora os alunos encaminharam-se para a respetiva sala de aula dando início à abertura da lição, rotina que se observa ao longo do período que estive nesta sala e por fim a uma pequena revisão da Cartilha Maternal.

Num momento seguinte a educadora trabalhou o material estruturado *Cuisenaire*, salientando as diferenças das peças quanto ao tamanho, cor e valores. Distribuído o material a educadora trabalhou com as crianças a adição e no fim fez com eles o “jogo dos comboios” que consiste nas tentativas consecutivas de chegar ao resultado pretendido através da utilização de várias peças.

Inferências / Fundamentação Teórica

A partilha de experiências nesta faixa etária é muito importante para as crianças que demonstram todo o seu entusiasmo ao contar as suas experiências vividas num período de ausência.

De acordo com Polónia e Dessen (2005) a família é o local onde a criança procura o conforto, o afeto, a “livre expressão dos sentimentos” e das trocas emocionais que se manifestam espontaneamente nesse ambiente. Assim as experiências que as crianças levam para a escola, influenciadas nesse contexto familiar levam a que estas usem uma linguagem particular. A escola revela-se muitas vezes, comparativamente com o espaço familiar, num meio “frio, distante e impessoal”

Os mesmos autores referem ainda que:

O reconhecimento destas diferenças, por exemplo, possibilitaria implementar estratégias apropriadas e fornecer orientações específicas para cada um, observando-se as características culturais, os papéis e a disponibilidade efetiva para concretizar as atividades conjuntas.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Os alunos começaram por dizer, oralmente a ordem das letras da cartilha e a educadora ia escrevendo-as no quadro.

De seguida exploraram o material *Tangran* verificando as diferenças entre as peças. Depois construíram um quadrado com este material excluindo apenas o paralelogramo e a peça triangular de tamanho grande.

Posteriormente os alunos reproduziram um trapézio que a educadora tinha posto no quadro, contornaram-no com lápis de carvão e por fim pintaram-no livremente.

A educadora perguntou aos alunos de que outras formas se pode chegar a 9 e verificaram que: $(4+4+1; 2+2+2+2+1=9)$

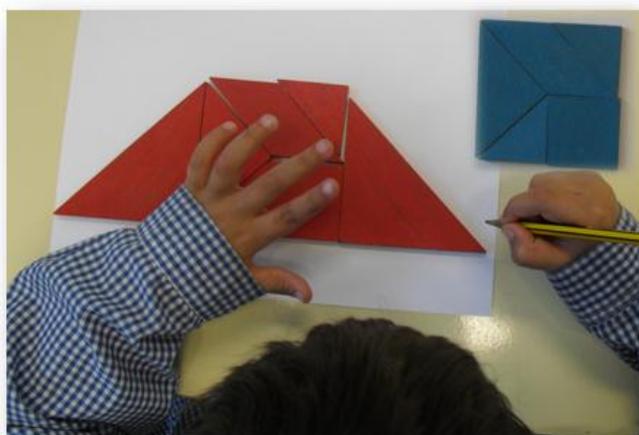


Figura 13 – Representação de um trapézio com as peças do Tangran.

Inferências / Fundamentação Teórica

O *Tangran* é um material com várias lendas, uma ensinada pela educadora, e citando Caldeira (2009a, p.392): “A lenda diz que há mil anos, na China, um homem chamado Tan, deixou cair um ladrilho, que se quebrou em 7 pedaços. Quando tentava juntar os pedaços para reconstruir o ladrilho, notou que era possível, com as 7 peças, formar múltiplas figuras diferentes, sem as sobrepor.” Foi assim desta forma mais lúdica que a educadora deu início à sua aula com a utilização deste material.

Com as 7 peças a educadora foi dando as indicações para os alunos conseguirem representar a figura geométrica: trapézio.

Este “*puzzle*” segundo a autora citada anteriormente “é constituído por 7 peças, e pode ser obtido, de uma forma bastante simples, por dobragens e recortes de um

quadrado, obtendo-se assim sete formas: 5 triângulos rectângulos isósceles (2 grande, 1 médio e 2 pequenos), um quadrado e um paralelogramo.

Este material possibilita às crianças novas formas de exploração, aquando estas, livremente, manuseiam o material e descobrem várias figuras ao posicionarem as peças de formas diferentes.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Neste dia, os alunos pela manhã, trabalharam as Calculadoras Papy como se pode observar na figura 14. Os alunos questionados pela educadora fizeram a exploração do material e salientaram algumas regras para trabalhar com o mesmo. No decorrer da aula os alunos trabalharam a subtração, a adição e a correspondência dos algarismos relativamente à unidade que cada um ocupava.

Seguidamente tiveram aula de educação pelo movimento. Nós ajudámos os alunos a despirem os bibes e a vestirem o equipamento de ginástica e depois dirigimo-nos para o ginásio, onde os alunos, distribuídos por equipas jogaram futebol.

Após a aula, e já vestidos, os alunos fizeram no caderno de escrita algumas vogais e consoantes para treinarem a caligrafia.

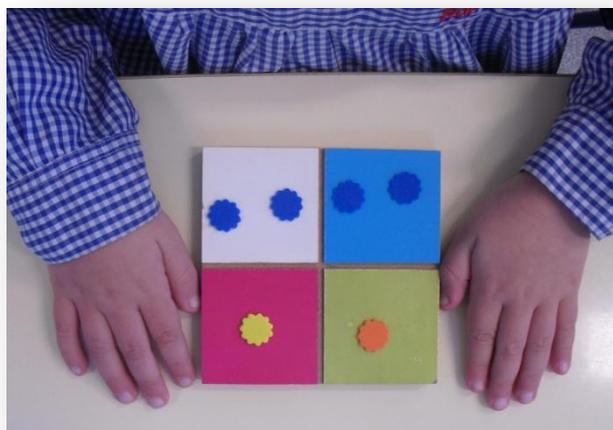


Figura 14 – Calculadoras Papy

Inferências / Fundamentação Teórica

No momento em que os alunos se estavam a equipar foram observadas algumas dificuldades que as crianças tinham. Muitas delas ainda não sabiam atar o ténis, nem abotoar ou desabotoar o bibe dos seus colegas. Dai ser importante trabalhar a motricidade fina com crianças desta idade.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.58) deve-se ter em conta:

o desenvolvimento motor de cada criança, a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.

É importante, por isso, respeitar o período de desenvolvimento da motricidade fina de cada criança, arranjando formas e estímulos para que dessa forma a mesma consiga desenvolver a sua motricidade da melhor maneira.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Esta manhã, na sala da outra educadora do bibe azul, os alunos fizeram uma revisão dos sentidos.

De seguida foi feito um ditado de letras que se pode visualizar na figura 15. Os alunos escreveram-nas, mas duas das crianças apenas escreveram as vogais.

Num segundo momento da aula, as crianças com o auxílio do material estruturado Geoplano trabalharam a lateralização. Começaram por dividir a placa em quatro partes utilizando apenas dois elásticos e numa determinada parte representaram a figura geométrica triangular.



Figura 15 – Ditado de letras

Inferências / Fundamentação Teórica

O ditado de letras foi um momento, de sala de aula, em que os alunos se concentraram e se dedicaram plenamente a esta tarefa que foi conseguida com sucesso pela maioria das crianças.

O Geoplano é um material que segundo Caldeira (2009a) é utilizado com elásticos de vários tamanhos e cores. Este mesmo material apresenta vários interesses pedagógicos. Citados pela mesma autora, foram trabalhados na sala de aula os seguintes: “estimular a construção de um mesmo tipo de figura, variando a sua disposição no espaço; e com diferentes ângulos” (pp. 410– 412) na medida em que os alunos puderam representar livremente uma figura geométrica triangular surgindo esta de diferentes maneiras.

Numa primeira fase é necessário haver uma exploração livre pela criança de modo a que esta se familiarize.

Como afirma Serrazina e Matos (1996, p.16) acerca da exploração deste material: “Num primeiro contacto a criança deve de explorar livremente este material de forma a familiarizar-se com os pregos, com os elásticos para depois “produzirem algo de importante para eles”. Numa primeira fase a criança faz um “desenho livre”.

Ainda os mesmos autores salientam duas das capacidades fundamentais para o desenvolvimento da criança:

Estas actividades desenvolvem ainda duas capacidades fundamentais: a coordenação visual-motora, isto é a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, ou seja, a capacidade de identificar formas incorporadas noutras.” São capacidades que devem ser incorporadas nos primeiros anos de escolaridade. (p.16)

É de salientar a importância deste material na educação pré-escolar, visto que as crianças através deste podem desenvolver várias capacidades e destrezas, nomeadamente a lateralização, a concentração da atenção e a noção espacial.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Os alunos começaram por contar de 10 em 10 e periodicamente a educadora fazia interrupções para perguntar aos alunos como é que se representava determinado algarismo.

Seguidamente foi-lhes distribuído o material estruturado, Calculadores Multibásicos. Retiraram a placa verde e fizeram a exploração do material para trabalhar cálculo mental.

De seguida jogaram ao “Jogo da base 10”, lembraram as regras deste jogo para depois representarem e resolverem várias situações problemáticas com o auxílio deste mesmo material.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os alunos ao contarem, em voz alta, revelam ter habilidade operatória. De acordo com Nabais (s.d., p.9) “quanto mais bem apetrechado for o arsenal da experiência pessoal da criança, mais rica e segura será a sua abstracção. Para voar é preciso ter asas e ter onde firmar-se para levantar vôo”.

Desta forma cabe ao educador trabalhar primeiramente os conteúdos no concreto para que a criança saiba relacionar e identificar uma quantidade a um determinado número para depois ter a capacidade de se abstrair do real.

Quando é trabalhado em sala de aula um determinado material é necessário que se ditem regras e que se as façam cumprir para que não surjam casos de indisciplina.

Sendo assim, Pais e Monteiro (1996, p.26) reforçam que “a forma mais eficaz de prevenir comportamentos de indisciplina resulta do envolvimento dos alunos em tarefas com sentido para eles próprios.”

É essencial que, desta forma, o professor envolva ativamente as crianças na realização das tarefas que se cruzam com os conhecimentos ou vivências do seu dia a dia.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

Os alunos, depois de realizarem a sua rotina, diária tiveram uma aula de Educação pelo Movimento.

De regresso à sala, e já no domínio da matemática as crianças realizaram um jogo, onde havia dois grupos: os rapazes e as raparigas.

Neste jogo, as crianças tinham uma folha dividida em quatro partes iguais e pedrinhas, como se pode visualizar na figura 16. O objetivo era que estas escutassem o número de vezes que a educadora fazia um determinado som e deste modo ir buscar o número de pedrinhas correspondente a esse mesmo som (por exemplo a educadora estalava quatro vezes os dedos, e os alunos teriam de ir buscar quatro pedrinhas) e colocá-las num determinado espaço que a educadora pedia. Enquanto esta tarefa era ditada para os meninos, às meninas era-lhes pedido que colocassem em x espaço a metade de pedrinhas que os rapazes tinham colocado na folha.

No final eram cotadas as pontuações e gloriado o vencedor.



Figura 16 – Material não estruturado.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste jogo a educadora pôde trabalhar com as crianças tanto cálculo mental; como também a lateralidade; a correspondência do algarismo com a sua ordem; questionar qual o algarismo que vem antes do dezasseis e depois do dezasseis; a associação com o material que também é dividido em quatro partes (Calculadoras Papy); a memória na medida em que também lhes foi questionado, através de uma pergunta de verdadeiro ou falso, por quantas peças é composta uma construção realizada com o 3.º e 4.º Dom de *Froebel*, entre outras perguntas.

O jogo não passa só por ser uma atividade lúdica como também formativa. De um modo mais descontraído, mas não menos rigoroso, o jogo possibilita que a criança ao mesmo tempo que brinca se integre no mundo do conhecimento e da sabedoria. Cabe ao educador proporcionar estes momentos em que cruze estes dois parâmetros.

Segundo afirmam Lebovici e Diatkine (1988, p. 38) o jogo “é uma função natural e indispensável para a vida da criança, velar para que o jogo não se degenere, para que conserve seu valor formativo, é incumbência dos educadores”

Na minha opinião esta aula foi bastante completa, no sentido em que, a educadora conseguiu ser transversal nas várias matérias lecionadas ao longo deste período. O facto de esta aprendizagem ter sido feita através de um jogo torna a aprendizagem muito mais satisfatória, pois a criança vê nela não só uma forma lúdica de aprender mas também um desafio a superar.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Neste dia as crianças trabalharam alguns conteúdos matemáticos (face, aresta, vértice, etc.) com o auxílio do material estruturado 3.º e 4.º Dons de *Froebel*. Com este material as crianças fizeram a construção livre de um camião e da ponte alta. Apresento na figura 17 a construção do camião.

À medida que iam construindo a ponte alta a educadora colocava, oralmente, algumas situações problemáticas para os alunos resolverem.



Figura 17 – Construção livre do camião.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os materiais do 3.º e 4.º Dons de *Froebel* são segundo Caldeira (2009a, p.277) “composto por duas caixas: uma do 3.º Dom e outra do 4.º Dom. (...) As crianças dispõem de 16 peças: 8 cubos e 8 paralelepípedos.”

Para além dos cálculos e das situações problemáticas que podem ser trabalhados com este material, se o mesmo for aplicado ao nível da criatividade da criança, ao lhe ser pedida uma construção, vai implicar que esta desenvolva o seu sentido criativo. Caldeira (2009a, p.285) refere por isso que um dos interesses pedagógicos que este material proporciona é nomeadamente o “desenvolvimento de criatividade” dar tempo e oportunidade para que a criança possa manusear as peças e moldá-las à medida da sua imaginação.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Este dia marcou-se pela diferença porque, depois do recreio da manhã foi-me proposto lecionar uma aula (aula surpresa) de domínio da matemática onde pudesse trabalhar os seguintes conteúdos matemáticos: dobro, metade, cálculo mental, par e ímpar. Desta forma foi-me facultado pela educadora umas abelhas.

Comecei por distribuir um saquinho com abelhas e comecei por contar uma história em que a personagem principal era um apicultor. Nesta altura aproveitei para explorar um pouco a importância deste trabalho. Enquanto contava a história ia colocando algumas questões aos alunos, trabalhando por isso todos os conteúdos propostos pela educadora.

Inferências

Na minha opinião as aulas surpresas permitem-nos desenvolver o léxico pois são nestas alturas que sentimos necessidade de formular corretamente questões e de falar igualmente bem sem apresentar qualquer dificuldade linguística/lexical, num improviso instantâneo. São também estas alturas que facilitam a avaliação do estagiário quanto às suas aprendizagens e se este sabe, ou não, explicar e criar estratégias para que o aluno fique a perceber o conteúdo abordado.

Na reflexão desta aula pude ter um *feedback* bastante positivo por parte da educadora que me fez críticas construtivas acerca de possíveis correções no meu futuro enquanto educadora.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Neste dia a educadora falou dos números ordinais e do algarismo que vem antes e depois consoante a referência que a criança tem.

De seguida para consolidarem a matéria as crianças realizaram uma proposta de trabalho, onde tinham de pintar a figura que correspondesse à posição indicada em cada alínea.

Inferências / Fundamentação Teórica

As propostas de trabalho são muitas vezes um recurso para consolidar os conhecimentos adquiridos pelas crianças, uma espécie de síntese em que o educador vai averiguar se a criança ainda necessita de trabalhar melhor determinado tema.

Para Bartolomeis (1999, p.22) as fichas são

meios que pretendem contribuir para a preparação de base ou a actualização dos professores, na medida em que não só traduzem a cultura psicossociológica num certo número de problemas de significado educativo, mas ajudam o professor a reconhecer e tratar fenómenos de importância fundamental que escapam à forma tradicional de colocar o problema.

Desta forma o professor vai adaptando estratégias diferentes consoante as necessidades de aprendizagens dos alunos.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Como já foi referido na caracterização da turma, existem duas crianças com dificuldades na aprendizagem. Assim sendo e para motivar uma delas, presente neste dia, a educadora chamou-a ao quadro para ir escrever por ordem as letras da Cartilha Maternal até àquela que aprendeu, tarefa essa realizada com sucesso.

De seguida, e já no domínio da matemática os alunos trabalharam com os Calculadores Multibásicos, onde foram introduzidos os conceitos de dezena e meia dezena. Com este material foi-lhes proposto que fizessem um jogo e para isso dividiram-se em três grupos: cada fila de mesas correspondia a um grupo. Cada um realizou uma situação problemática que tinha de ser efetuada com os Calculadores Multibásicos ou então a educadora representava nesse material uma situação problemática e os alunos tinham de resolvê-la.

Depois jogaram ao “jogo da base 10” e realizaram uma soma.

Inferências / Fundamentação Teórica

As dificuldades na aprendizagem são mais significativas para umas crianças do que para outras. Neste caso em concreto, esta criança revela uma enorme falta de atenção, estando constantemente distraída prejudicando-se nas tarefas que lhe são propostas realizar, pois nunca as termina no tempo previsto.

Para Martínez, García, e Montoro (1990, p.23) relativamente às perturbações dos processos de atenção referem que “A criança com problemas de aprendizagem tem dificuldades em distinguir, numa situação de estímulo, os aspectos importantes dos que são supérfluos.”

Toda esta distração é agravada pela disgrafia, isto é, uma perturbação ou dificuldade na escrita.

Os mesmos autores (1990) salientam os erros mais frequentes que as crianças dão nestes casos:

- Mudam a forma;
- Aumentam ou diminuem o tamanho de alguma letra da mesma palavra;
- Não respeitam as margens
- No final da linha amontoam varias letras;
- Ultrapassam a linha, para cima ou para baixo;
- Têm dificuldades em pegar no lápis ou caneta. (p.23)

Estas características específicas da disgrafia foram observadas em sala de aula, no entanto a professora motivava sempre a criança para melhorar a apresentação do seu trabalho.

É bastante importante dar o reforço positivo, e motivar a criança para que esta se sinta segura e confiante quando lhe é proposto um desafio.

Segundo Estanqueiro (2010,p. 31) “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos.” Assim sendo, a motivação que a professora deposita no esforço e dedicação daquela criança com maiores dificuldades vão consequentemente motivá-la a desempenhar um trabalho ainda melhor.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

As crianças que não tinham trabalhos em atraso puderam brincar na casinha de bonecas ou ler um livro.

Depois do intervalo a minha colega de estágio lecionou uma aula supressa no âmbito do Domínio da Matemática. A educadora facultou-lhe uma caixa com flores feitas de goma eva e pediu-lhe que trabalhasse com as crianças cálculo mental, que fizesse associação a um material estruturado e por fim que trabalhasse sequências.

O facto das crianças não perceberem o que era uma sequência e qual a importância nas suas vidas gerou alguma agitação e desinteresse por aquele tema.

A minha colega, na sua aula, começou por distribuir flores por cada criança e depois começou a contar uma história para trabalhar os conteúdos pedidos. No final pediu que cada criança fizesse uma cara com as flores.

Inferências / Fundamentação Teórica

A “casinha”, que existe em muitas salas de aulas, é como refere Cordeiro (2008, p.372) “um hino à imaginação e à criatividade, ao jogo do faz-de-conta, vivências de papéis, mas também da exercitação da linguagem, respeito pelos outros, responsabilidade e organização do espaço”. É neste espaço que as crianças se colocam noutra papel e representam um pouco das suas vivências em casa.

Relativamente à aula surpresa da minha colega, ao trabalhar sequências é importante que sejam dadas indicações espaciais para que os alunos representem corretamente a sequência que pretendemos e sempre que é introduzido um conceito é necessário explicar qual a sua importância e para que serve.

Pais e Monteiro (1996) afirmam que a disciplina parte dos professores e que é possível:

evitar-se comportamentos indesejáveis pois, numa situação de aula, uma parte da responsabilidade da indisciplina cabe ao professor. Podemos dizer que existe disciplina quando há interiorização das regras ou normas definidas e negociadas por quem as assume. (p.25)

É importante que se estabeleçam e esclareçam regras desde o primeiro dia de modo a que a criança perceba que tem de cumprir as normas da sala de aula.

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Na aula de educação pelo movimento, as crianças sentaram-se em roda e a educadora elegeu uma criança para fazer exercícios de aquecimento enquanto as outras a imitavam. De seguida fizeram um jogo com bola, onde as crianças iam passando aleatoriamente a bola umas para as outras e quando a música, que antes estava a tocar, parasse a criança que possuísse a bola saía do jogo.

De seguida as crianças realizaram uma proposta de trabalho que foi orientada pela educadora.

Inferências / Fundamentação Teórica

O exercício físico é fundamental para o bem-estar físico e psicológico do ser humano. E é importante que este hábito/rotina seja implementado desde cedo na vida das crianças.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.58) referem que o desenvolvimento motor da criança no pré-escolar “deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.”

A expressão motora melhora de algum modo o combate contra a obesidade infantil que hoje em dia tanto se fala. É importante que os hábitos alimentares saudáveis venham de casa, pois a escola apenas pode complementar essas boas práticas, Cabe então aos encarregados de educação prevenir esta doença que hoje em dia afeta muitas crianças.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

No dia anterior, da parte da tarde, as crianças estiveram a fazer “pintura com papel de seda”, onde colocaram na folha cola e vários pedacinhos de papel de seda. No dia seguinte, ou seja, terça-feira o efeito foi o que se pode observar na figura 18, ao serem retirados os papéis de seda.



Figura 18 – Pintura com papel de seda.

De seguida a educadora trabalhou com o material estruturado Geoplano. Foi feita a exploração deste material e distribuídos uma boneca e um morango, como se pode observar na figura 19. À medida que a educadora dava as indicações para colocar os elásticos as crianças iam realizando um percurso, relembrando a noção de espaço.

No decorrer desta atividade a educadora foi colocando perguntas às crianças relacionando-as com outro material estruturado – o *Cuisenaire*.

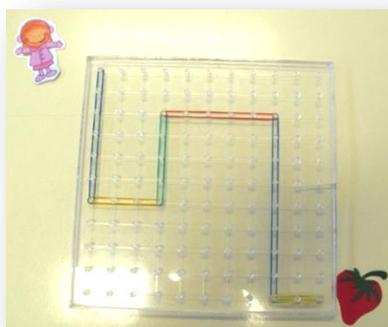


Figura 19 – Caminho representado com o Geoplano.

Inferências / Fundamentação Teórica

A expressão plástica é um momento entusiasmante para as crianças, em que elas contactam com materiais novos e apelativos, desenvolvendo a sua imaginação e criatividade.

Tal como afirma Sousa (2003, p.160), “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades”.

Pretende-se com isto que a criança se sinta realizada com o resultado do seu trabalho após lhe ter sido solicitado um desafio.

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

O facto de a educadora ter chegado atrasada à escola fez com que eu e a minha colega de estágio assumíssemos por algum tempo a turma.

Começámos por distribuir uma bola de plasticina por cada aluno e pedimos que moldassem o algarismo que nós ditássemos. No entanto a turma manteve-se agitada, e desse modo houve necessidade de mudar de estratégias e optámos por fazer um jogo.

Cada fila representava uma equipa e, como no dia anterior os alunos tinham aprendido a numeração romana, fomos fazendo algumas perguntas sobre essa matéria.

Quando a educadora chegou os alunos concluíram algumas propostas de trabalho do domínio da matemática, que estavam em atraso.

Inferências / Fundamentação Teórica

O imprevisto desta aula obrigou-nos a arranjar atividades, que agradassem às crianças, enquanto a educadora não chegava.

Para Estrela (2002, p.47) “As actividades de aprendizagem pressupõem a existência de uma organização que cria tarefas, distribui papéis aos alunos e ao professor, estipula regras e instruções (...)”.

Foi de acordo com esta autora que desempenhámos o nosso papel. Tendo sempre em consideração as opiniões dos alunos, podemos estabelecer algumas regras para que todos realizassem algo do seu agrado. Por fases fomos diversificando as atividades de modo a compensar toda a turma.

A turma foi bastante participativa e cooperante durante estas atividades e respeitaram-se sempre as opiniões de cada um.

Segundo Estrela (2002) uma turma é:

um grupo formal que obedece a características especiais”, pois o grupo não se forma às mãos deles, ou seja, o professor não escolhe os alunos como os alunos não escolhem o professor nem os seus colegas de turma. Contudo as características e interesses comuns entre os alunos leva-os a unirem-se e a “criar as suas próprias regras e essas regras opõem-se claramente às regras estabelecidas pelo professor originando obstruções sistemáticas no plano de comunicações da aula e obstrução do trabalho.(pp.56-57).

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

Neste dia coube à minha colega dar uma aula planeada sobre a planta.

Iniciou a aula pela área de Conhecimento do Mundo em que mostrou a germinação de um bolbo através de imagens e palavras. Também nuns vasos foi possível observar diferentes fases do desenvolvimento da planta e foi explicada a função dos seus órgãos constituintes.

Num segundo momento a colega mostrou algumas flores e de seguida os alunos divididos em dois grupos: rapazes e raparigas plantaram uma flor que ficou exposta na sala de aula.

Já na área do domínio da matemática os alunos trabalharam itinerários com o material estruturado *Cuisenaire*. No final, as crianças pintaram os espaços que percorreram com a cor correspondente à peça que utilizaram.

Inferências / Fundamentação Teórica

O tema sobre as plantas foi bastante interessante e possibilitou o contacto direto entre a natureza e as crianças.

Foi notório o envolvimento das crianças neste assunto visto que elas conheciam muitas das flores e plantas que a minha colega lhes falava, tendo havido uma troca de conhecimento entre a estagiária e a criança.

De acordo com Silva, Fonseca, Guimarães, Novo, Rocha e, Cardona (2008, p.58): “A Escola deve valorizar os conhecimentos com que as crianças chegam, criar pontes entre o mundo da criança e o que lhe pretende ensinar e tirar o maior partido possível do seu desenvolvimento.”

Ao valorizarmos todos estes conhecimentos da criança, o educador torna a sua aula mais completa e transversal à troca de informações, à partilha e ao interesse que essa criança nutre por um certo tema.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Este dia de aulas foi dado por mim, onde abordei o tema “Árvores de fruto”.

Dispus a sala eu “U” e em cada lugar estava um copo, uma colher e um guardanapo.

Iniciei a aula por tocar na viola a música “E peras e peras, e peras e maçãs/ Ameixas e uvas, marmelos e romãs” de maneira a que as crianças chegassem ao tema da aula. Depois de terem descoberto, em conjunto cantamos esta música, conhecida dos alunos por a cantarem, todas as manhãs, na roda.

Com o auxílio de um *placard* com algumas árvores de frutos as crianças puderam observar e explorar os frutos das árvores através de exemplares reais.

Cada fruto que era apresentado e explorado calmamente dando oportunidade e tempo para que os alunos olhassem, cheirassem, tocassem e provassem o alimento. De seguida eram vistos e comparados os caroços e as sementes, dando também algumas informações e curiosidades sobre o tema.

Ao longo da aula foram adotadas várias estratégias para os alunos chegarem ao nome da árvore de fruto, ou ao fruto desta. Para isso utilizei letras móveis para as crianças completarem as palavras pretendidas através de adivinhas, regras da Cartilha Maternal, etc. (figura 20).

No final as crianças com a minha ajuda fizeram uma salada de frutas que puderam saborear no lanche da manhã que se seguiu.

Já na aula de matemática as crianças trabalharam a adição com o material estruturado *Cuisenaire*, com algarismos e com “laranjas” móveis.

Por fim distribui uma proposta de trabalho que tinha como objetivo a criança conseguir completar uma palavra lacunar e desenhar numa árvore o fruto correspondente à árvore de fruto de que se tratava (anexo 2).

Enquanto as crianças resolviam a proposta de trabalho, um grupo foi à Cartilha Maternal, onde reviram a lição do <m>.

Na figura 20 apresento vários momentos da aula que dei.



Figura 20 – Vários momentos da aula das árvores de frutos.

Inferências / Fundamentação Teórica

O início da aula foi bastante acolhedor pois as crianças puderam ter um momento de descontração e de diversão ao ouvirem uma música tocada num instrumento musical.

Como salienta Cordeiro (2008, p.420) a música deve ser “um polo importante de desenvolvimento das capacidades e aptidões musicais dos alunos, ou seja através de aulas específicas, seja da inclusão da música quando se fala de qualquer outro assunto.”

Visto que não é habitual as crianças terem contacto com este instrumento musical no jardim-escola achei pertinente levá-lo para a escola e enquadrar a área da expressão musical no contexto inicial da aula.

Em relação à disposição da sala, decidi mudá-la para que todos os alunos tivessem a oportunidade de se observarem e de poderem igualmente observar o quadro.

De acordo com Sanches (2001, p.76):

a organização da sala pode também ajudar nas boas aprendizagens dos alunos já que, «mudar o aspecto da sala de acordo com as actividades a realizar é um bom ponto de partida». E determinadas situações, o facto de as crianças não saberem o que vão fazer e pela organização do espaço reparam que vai ser alguma coisa de novo gera automaticamente expectativas positivas.

O facto da sala de aula apresentar outro aspeto gerou algum entusiasmo e curiosidade, por parte dos alunos, ao se aperceberem que iam ter uma aula diferente e dada por uma aluna estagiária.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Este foi o último dia de estágio na sala dos 5 anos. A minha colega continuou a sua aula de expressão plástica, onde pediu às crianças para molharem o jornal na tinta e pintar o *placard* onde estava contornada uma flor. De seguida deu uma lição de cartilha a um grupo de meninos.

Sendo este o último momento em que estávamos presentes naquela escola, fomos proposto que realizássemos uma dramatização juntamente com todas as nossas colegas que também se encontravam a fazer estágio naquela escola.

Decidimos dramatizar a história “O Cuquedo” de Clara Cunha.

Todas as turmas reuniram-se no ginásio, e nós, já equipadas para o momento começámos o teatro, que se revelou ser um momento bastante divertido e alegre, onde as crianças puderam também participar.

Inferências / Fundamentação Teórica

É de extrema importância realizar atividades lúdicas e de dramatização na educação pré-escolar. Estas vão promover a interação entre os “atores” e as crianças, bem como a socialização e o prazer da grande arte, o teatro.

Como salienta Maluf (2008, p. 21), a atividade lúdica “é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem a pratica”.

E assim foi, no último dia de estágio, as estagiárias ofereceram gargalhadas e sorrisos àqueles pequenos aprendizes que tanto se deliciaram com este momento.

1.4. 4.ª secção: Estágio Intensivo

No período de 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012, estive a estagiar numa escola de Tomar, com algumas colegas de turma. Fomos recebidas pela diretora que começou por nos apresentar todos os recantos da escola. Esta encontra-se totalmente remodelada devido à tempestade de 7 de dezembro de 2011 que destruiu a escola. Depois apresentámo-nos à turma de 3.º ano onde iríamos estagiar.

1.4.1. Caracterização de turma

A turma é composta por 18 alunos, sendo eles 10 do género feminino e 8 do género masculino e é uma turma uniforme a nível de aprendizagem. Apenas um aluno revela mais dificuldades na concentração e vontade para trabalhar apresentando Síndrome de Asperger. Deste modo, está a ser acompanhado por profissionais, em Cascais, sendo que, neste dia da semana não compareceu à escola. Dentro da escola é-lhe também possível ter um apoio individualizado que o ajuda a realizar as propostas de trabalho que não foram concluídas na sala de aula e que são adaptadas ao seu nível de aprendizagem.

1.4.2. Caracterização do espaço

Devido ao tornado a escola foi inaugurada há pouco tempo, contudo já podemos observar bastantes cores nas paredes. Na figura 21 apresentam-se o espaço exterior do recreio e alguns painéis e materiais representados.

Na sala de aula, pode-se observar dois quadros: um de giz e outro interativo. Encostadas às paredes existem estantes com livros e também um *placard* onde estão expostos os aniversários dos alunos, e em termos de arrumação existem alguns armários para guardar os materiais da sala de aula (livros, folhas, canetas, flautas e copo e escova de dentes).



Figura 21 – Espaço exterior do recreio; painéis ilustrativos das matérias e materiais lecionados no jardim-escola.

1.4.3. Rotina diária

Todos os dias, pelas 8 horas é feito o acolhimento das crianças até às 9h30m.

Como mencionado anteriormente, os alunos têm na sua sala de aula um copo e uma escova de dentes que utilizam todos os dias após o recreio do almoço. Na figura 22 é possível visualizar o copo de cada aluno com a respetiva escova e pasta de dentes.



Figura 22 – Escova, pasta e copo dos alunos para a sua higiene pessoal.

1.4.4. Horário de turma

Na figura 23 apresento o horário da turma do 3.º ano.

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9h 9h15m	Ler, Contar e Mostrar	Contos e Histórias/Leitura autónoma			
9h15m 10h10m	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h10m 11h					
11h 11h30m	Lanche/Recreio				
11h30m 12h30m	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h30m 13h		Estudo do Meio	Formação Cívica	Estudo Acompanhado/ Área de Projeto	Estudo do Meio
13h 14h30m	Almoço/Recreio/Higiene Oral				
14h30m 15h	Inglês	Expressão Plástica	História de Portugal	Estudo do Meio	Expressão Físico-Motora
15h 15h30m					
15h30m 16h	Estudo do Meio	História de Portugal	Estudo do Meio	Expressão Musical	Arquivo de trabalhos
16h 16h30m				História de Portugal	Assembleia de turma
16h30m 17h					
17h	Lanche				

Figura 23 – Horário da turma do 3.º ano.

1.4.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Nesta secção vou relatar as atividades da semana, dia a dia, e posteriormente faço as inferências sustentadas com fundamentação teórica dos aspetos que considere mais relevantes.

Segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

A turma começou por contar as suas vivências do fim de semana, e um a um, foram partilhando os seus momentos. Seguidamente deram início à correção de uma ficha de trabalho de matemática que envolvia exercícios com perímetros, redução de unidades de medida e a interpretação de um pictograma. À medida que os alunos iam concluindo os exercícios a professora dirigia-se ao lugar de cada um para fazer a correção. Na área de Português os alunos, em voz alta, procederam à leitura de um texto “O lobo e a cabra do mato”.

Um pouco antes da hora de entrada, os alunos deslocaram-se à casa de banho para lavar os dentes.

Hoje era dia de Inglês e o tema da aula era “ a comida”. A professora levou umas imagens de alimentos diferentes e os alunos disseram o nome de cada um deles, lembrando o vocabulário que já tinha sido abordado anteriormente. De seguida alguns alunos ficaram com as imagens e através de gestos tinham de representar os alimentos de modo a que os outros os identificassem (jogo de mímica). A aula teve a duração de 1 hora.

Na área de História de Portugal os alunos deram “As Conquista de D. Sancho II”. A professora leu um texto sobre esta parte da história de Portugal e fizeram exercícios de interpretação e consolidação.

Terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

Neste dia, pela manhã, as duas turmas de 3.º e 4.º ano juntaram-se na sala da professora do 3.º ano que leu a história da autora Maria Alberta Menéres intitulada de “Ulisses”.

A professora leu o texto, em voz alta, do dia anterior. De seguida os alunos, por palavras suas recontaram a história e, numa folha em branco, escreveram as palavras que achavam mais difíceis. Depois fizeram um ditado e posteriormente procederam à autocorreção do mesmo com a ajuda do livro.

Após o recreio da manhã, eu e a minha colega estivemos a ajudar o aluno, que demonstra ter algumas dificuldades na aprendizagem, a realizar exercícios de

Português e Matemática. Os restantes estavam a analisar um gráfico de barras que continha dados relacionados com a turma.

Da parte da tarde, os alunos do 3.º e 4.º ano estiveram reunidos no coro em que cantaram algumas músicas no âmbito da disciplina de História de Portugal. Já na sala de aula, na área de Estudo do Meio, a turma abordou o tema sobre as plantas e com o apoio do quadro interativo, os alunos visualizaram diferentes tipos de plantas e os seus constituintes. Relativamente às folhas, observaram a forma, a textura e o recorte que estas podem ter.

Quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012

Nesta manhã as turmas voltaram a reunir-se na mesma sala para ouvirem mais um pouco da história que ao longo da semana a professora tem contado.

De seguida os alunos corrigiram os trabalhos de casa que se resumiam à recolha e legendagem de uma planta que tinham apanhado.

Como tem vindo a ser trabalhada a fábula do “O lobo e a cabra do mato” a professora lembrou a diferença entre fábula e moral. Desta forma pediu aos alunos que extraíssem a moral desta fábula. Posteriormente, os alunos ordenaram as imagens desta fábula e recontaram-na novamente por palavras suas.

À quarta-feira, depois do almoço os alunos têm Expressão Plástica, e neste tempo enfeitaram um palhaço com alguns materiais de desperdício (aparas, goma-eva, etc.).

Pelo facto de nós, estagiárias, não sermos da zona e nem todas conhecerem a cidade de Tomar, a diretora deu-nos autorização para visitarmos um pouco mais a cidade do distrito de Santarém. Dessa forma aproveitámos para visitar: o Convento de Cristo; o Castelo de Tomar; a Igreja de São João da Baptista; a Igreja de Santa Maria dos Olivais; a Sinagoga de Tomar; a Capela de São Gregório e a Mata Nacional dos 7 montes.

Quinta-feira, 1 de março de 2012

Neste dia foi feriado municipal em Tomar. Aproveitámos para conhecer as redondezas e visitámos Dornes e Abrantes.

Sexta-feira, 2 de março de 2012

Este foi o último dia de estágio nesta cidade.

A professora continuou a ler a história “Ulisses” e depois deu início às atividades planejadas para este dia. Os alunos começaram por ler os seus trabalhos de casa, em que tinham de recontar a fábula “O lobo e a cabra do mato.”

Num segundo momento foi-lhes proposto que retirassem das suas histórias verbos e que os classificassem quanto à sua conjugação. De seguida conjugaram apenas um nos seguintes tempos: presente, pretérito perfeito e imperfeito e futuro do indicativo.

Na área de Português, os alunos, com o auxílio do computador Magalhães fizeram um ditado e redigiram-no numa página de *Word*, depois corrigiram os erros que tinham dado.

Após o almoço, os alunos tiveram aula de Expressão Motora. Quando voltaram à sala de aula, realizaram uma experiência do *site* “Sítio do Miúdos”. Para esta experiência necessitavam de vários materiais: lápis de cera branco, água misturada com corante e papel branco. Esta atividade tinha como objetivo observarem o que acontece ao colocarem a água colorida em cima do desenho que previamente tinham feito com o lápis de cera e perceberem a impermeabilidade que este tem. Na figura 24 observa-se um exemplo desta experiência.

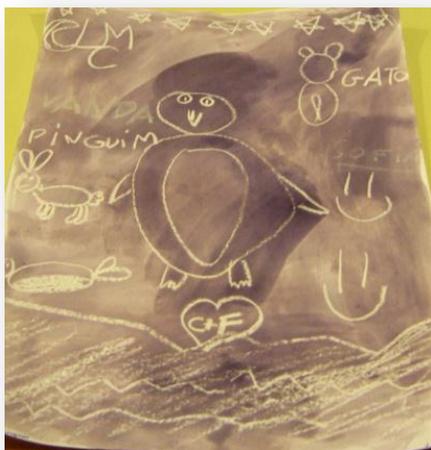


Figura 24 – Experiência com lápis de cera e água colorida.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante esta semana de contacto com a realidade educativa observei alguns hábitos diferentes e saudáveis que, na cidade de Lisboa, nem sempre se observa. O facto da escola estar localizada numa zona bastante calma com vista para o Castelo de Tomar, torna todo o clima envolvente mais acolhedor e apaziguador ao contrário do que acontece, na minha opinião, na capital. As crianças, durante o recreio também têm outras brincadeiras em que contactam com a terra. Pude observar neste momento que algumas delas, com os seus carros e motas fazem corridas nos canteiros do recreio. Hohmann e Weikart (2003, p. 231) salientam que “o tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventarem os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis”, esta realidade em que o contacto direto com a natureza se faz de uma forma natural é bastante importante para a criança. Esta usufrui desta realidade, através de brincadeiras e experiências com a natureza, uma perceção diferente através da observação e da constatação de “causa – efeito”.

Outro aspeto que saliento durante esta semana foi a experiência que a turma realizou na sexta-feira. Durante a aula houve uma mudança conceptual nos alunos.

Cachapuz *et al.* (2002, p. 139) definem quatro perspetivas de ensino das ciências: “perspetiva de Ensino por Transmissão; perspetiva de Ensino por Descoberta; perspetiva de Ensino para a Mudança Conceptual; e a perspetiva de Ensino por Pesquisa”.

O Ensino para a Mudança Conceptual tem como objetivo desfazer as ideias previamente assimiladas pelos alunos influenciados pelo senso comum.

Deste modo, Cachapuz *et al.* (2002) refere que o professor tem como objetivo

ajudar a transformar *estruturas conceptuais* e, assim sendo, contribuir para que os alunos reorganizem os seus conceitos de uma outra maneira, de uma forma qualitativamente diferente. Já não se aceita a ideia de um sujeito pré-construído, mas um sujeito a construir-se, que se auto-regula e auto-transforma à medida que (re)constrói e transforma os seus conceitos, que modifica a sua estrutura conceptual, que muda de maneira de observar e de pensar os fenómenos. (p.152)

O papel do professor perante esta perspetiva consiste no desafiar os seus alunos acerca dos significados dos saberes.

Os mesmo autores (2002) salientam ainda o papel do professor que

passa a ser um organizador de estratégias intencionais, em particular, provocadoras muitas vezes de conflito cognitivo, em que ao mesmo tempo estimula a problematização e a interrogação acerca de um possível significado que os alunos atribuem aos seus saberes. O professor sugere e refere propostas alternativas às dos alunos, provoca-lhes dúvidas e vacilações, incentiva a interação e a cooperação entre os alunos. (p.153)

Deste modo esta perspetiva obriga os alunos a “aprender a pensar” levando o aluno a desempenhar um “esforço pessoal e individual”.

Em suma o professor é o fio condutor de toda a estrutura do pensamento que o aluno tem até ao momento que consolida ou altera de modo científico aquilo que tinha já como conhecimento prévio.

Finalizo este momento por salientar a boa relação pedagógica que se estabeleceu entre professores, alunos e estagiárias ao longo deste curto espaço de tempo, o que facilitou bastante a nossa intervenção e participação em todas as atividades que vimos lecionar.

1.5. 5.ª secção: 4.º ano

A escola onde realizei os vários períodos de estágio no 1.º ciclo do Ensino Básico localiza-se na freguesia de São João de Brito, em Alvalade.

Perto deste local existem outras escolas secundárias, básicas, públicas, privadas e instituições particulares de solidariedade social. Fica também localizado numa zona de comércio e com transportes públicos acessíveis.

O escola tem as valências de creche, educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico. Assim, os alunos que o frequentam têm idades compreendidas entre os 6 meses e os 10 anos.

O espaço exterior, é constituído por dois recreios. Em relação ao interior este é constituído por dois andares. No andar de baixo fica o salão, onde os alunos dos 3, 4, 5 e 6 anos têm aulas. Neste andar existem casas de banho, a cozinha, o refeitório e a sala da direção. No andar de cima estão as salas das turmas do 2.º ano, 3.º e 4.º anos, bem como, as casas de banho, a biblioteca, a sala de informática e o ginásio.

1.5.1. Caracterização de turma

A turma do 4.º ano é composta por 17 alunos: 9 do género feminino e 8 do género masculino.

No grupo existe uma aluna que parece apresentar défice de atenção o que dificulta a sua aprendizagem. Segundo a professora esta aluna deveria de ter um acompanhamento individualizado com outro profissional, no entanto, o facto de os pais não aceitarem esta realidade complica a situação pois a professora tem que despende bastante tempo para, particularmente, lhe explicar o conteúdo que está a ser lecionado.

Na turma, há ainda uma criança que beneficia de apoio individualizado, fora da sala de aula, com uma psicóloga, que faz medicação para o Déficit de Atenção e uma outra medicada para a Hiperatividade.

1.5.2. Caracterização do espaço

A sala do 4.º ano é grande o que facilita a mobilidade na mesma, e possibilita também que se alterem, sempre que necessário, a disposição das mesas dos alunos. Estes estão sentados em mesas individuais. Ao longo do momento em que estive a estagiar nesta sala a professora foi alterando a disposição da sala devido a falhas no quadro interativo. Na sala existem armários para guardar os *dossiers* dos alunos e os materiais que estes utilizam na sala de aula. As paredes da sala estão forradas com informações acerca dos conteúdos lecionados ao longo dos períodos.

1.5.3. Rotina diária

As rotinas, na vida das crianças são bastante importantes, como já referido anteriormente, pois possibilitam-nas de antever o que se vai suceder a um determinado momento.

Os alunos do 1.º ciclo reúnem-se no ginásio ou no recreio até às 9 horas. A partir dessa hora cada turma dirige-se até à sua sala de aula, passando pela casa de banho antes de começarem a trabalhar até às 11 horas. Nessa altura é distribuído o lanche da manhã e as crianças, durante 30 minutos, vão até ao recreio.

Voltam novamente para as salas de aula e antes de entrarem nestas vão à casa de banho, novamente. Continuam as atividades planeadas para esse dia até às 13 horas, hora em que vão almoçar.

- **Acolhimento**

O acolhimento dos alunos do 1º ciclo é feito no ginásio, ou no recreio exterior, conforme as condições climáticas entre as 8h30m e as 9 horas da manhã. Nesta altura um professor de cada ano vai buscar os alunos. Estes dirigem-se à casa de banho para de seguida irem para as suas salas onde seguem o alinhamento do horário e as planificações propostas para esse dia.

- **Higiene**

A higiene é uma rotina imposta nos jardins-escola desde cedo. As crianças são constantemente sensibilizadas para a higiene pessoal e fazem-no sempre antes de entrarem para a sala de aula, como também antes de cada refeição.

- **Recreio**

O recreio é um espaço onde a criança brinca ao faz de conta usando a sua imaginação para recriar vivências a que assiste e que lhe causam alegria, medo, tristeza, etc.

De acordo com Vygotsky (1998, p.124), o faz-de-conta é uma atividade relevante no desenvolvimento cognitivo da criança, pois exercita no plano da imaginação, a capacidade de imaginar situações lúdicas, as regras e conteúdos inerentes a cada situação. Para este autor, "a situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas *a priori*. A criança imagina-se como mãe da boneca e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras do comportamento maternal".

Kishimoto (2003, p.43) realça também este assunto realçando a importância das situações imaginárias e das regras que são "elementos importantes na brincadeira infantil, onde, nas situações imaginárias claras ou não, há regras implícitas e explícitas. Como exemplo, a criança ao imitar um motorista, segue as suas regras implícitas, diferente do futebol, onde as regras são explícitas, variando conforme estratégias adotadas pelos jogadores." Este autor salienta ainda que "ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressa os seus desejos e internaliza as regras sociais".

Recuperado em 6 de junho de 2013, de http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_13387/artigo_sobre_jogos_e_brincadeiras_de_faz-de-conta_no_processo_pedagogico - jogo e brinquedo.

Áreas curriculares disciplinares:

- **Português**

A criança desde que nasce tem contacto com a sua língua materna. Começam por ouvir, observar textos nos livros, falar, até que aprendem a escrever. Segundo a Orientação Curricular e Programas do Ensino Básico (OCPEB – ME, 2006) esta reconhece a “Língua Materna como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia.” Estas orientações referem ainda que é essencial que

na aprendizagem da Escrita e da Leitura, se mobilizem situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever. (p.135)

Assim se verifica desde o 1.º ano de escolaridade em que as crianças têm aulas de Português onde começam a aprender a ler e escrever. Nestes jardins-escola existe uma particularidade em relação a esta aprendizagem, que se faz ainda no pré-escolar quando as crianças têm entre 4 e 5 anos de idade.

- **Matemática – currículo nacional do ensino básico 2001;**

A Matemática faz parte do currículo nacional do ensino básico, mas tal como o Português é trabalhado nestes jardins-escola desde o ensino pré-escolar. Esta área curricular deve desenvolver um conjunto de atitudes, capacidades e conhecimentos que segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001) se desenvolvem ao longo do percurso no ensino básico, tais como:

- A predisposição para relacionar matematicamente, isto é, para explorar situações problemáticas, procurar regularidades, fazer e testar conjecturas, formular generalizações, pensar de maneira lógica;
- O gosto e a confiança pessoal em realizar actividades intelectuais que envolvem raciocínio matemático e a concepção de que a validade de uma afirmação esta relacionada com a consistência da argumentação logica, e não com alguma autoridade exterior;
- A aptidão para discutir com os outros e comunicar descobertas e ideias matemáticas através do uso de uma linguagem, escrita e oral, não ambígua e adequada à situação;
- A compreensão das noções de conjectura, teorema e demonstração, assim como das consequências do uso de diferentes definições;
- A predisposição para procurar entender a estrutura de um problema e a aptidão para desenvolver processos de resolução, assim como para analisar os erros cometidos e ensaiar estratégias alternativas;

- A aptidão para decidir sobre a razoabilidade de um resultado e de usar, consoante os casos, o cálculo mental, os algoritmos de papel e lápis ou os instrumentos tecnológicos;
- A tendência para procurar ver e apreciar a estrutura abstracta que está presente numa situação, seja ela relativa a problemas do dia-a-dia, à natureza ou à arte, envolva ela elementos numéricos, geométricos ou ambos;
- A tendência para usar a matemática, em combinação com outros saberes, na compreensão de situações da realidade, bem como o sentido crítico relativamente à utilização de procedimentos e resultados matemáticos. (p.57)

O mesmo currículo (2001) menciona ainda duas finalidades da Matemática no ensino básico que visam

proporcionar aos alunos um contacto com as ideias e métodos fundamentais da matemática que lhes permita apreciar o seu valor e a sua natureza, e desenvolver a capacidade e confiança pessoal no uso da matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar. (p.58)

É importante disponibilizar à criança todo e qualquer material que lhe permita desenvolver e compreender a Matemática.

- **Estudo do Meio**

O Estudo do Meio é uma área curricular pertencente ao 1.º ciclo de estudos. Esta promove a aquisição de conceitos e deve, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001, p.75) proporcionar “vivência de experiências de aprendizagem” para que o aluno seja “levado à compreensão, à reelaboração, à tomada de decisões e à adopção de uma linguagem progressivamente mais rigorosa e científica.”

Assim esta disciplina pretende que o aluno adquira noções espaciais e humanas.

- **Expressões Físico-Motoras**

De acordo com Brickman e Taylor (1991) as crianças

ao participarem em actividades físicas, as crianças vão descobrindo como é que o seu mundo funciona e como é que elas se integram nele. Ao movimentarem o corpo e ao mostrarem ou dizerem aos outros como o fazem, as crianças podem também fazer imitações, realizar observações de espaço e dimensão, estabelecer correspondências, contar ou utilizar capacidades de expressão verbal. (p.104)

Segundo as Orientações programáticas de atividade física e desportiva do 1.º ciclo (ME, 2007) as atividades físicas definem-se como sendo

[um] conjunto de actividades muito diferenciadas e com níveis diferentes de execução (...) produzidas pela interligação da estrutura locomotora com a perceptivo-cinética, das quais resulta dispêndio suplementar de energia, e sistematizadas no sentido de ampliar as experiências e possibilidades de realização do aluno. (p.7)

Promove ainda “a saúde e o bem-estar” tal como o “equilíbrio psicológico”. O mesmo documento (p.8) realça ainda a importância do desporto para as crianças, que passa pela “referência” que os seus “ídolos desportivos (...) exercem” sobre elas. A criança vê toda e qualquer oportunidade para “jogar, servindo simultaneamente para testar as suas capacidades”. Estas desenvolvem-se nas seguintes dimensões: motora, cognitiva e relacional.

Assim podemos afirmar que as aulas de Educação Física são um bom momento para o aluno desenvolver a sua coordenação motora, a capacidade de observação, a análise e interpretação, bem como, a capacidade de se relacionar com os seus colegas dando assim origem à descoberta do outro e alargando por isso a sua aprendizagem social.

Áreas curriculares não disciplinares;

- **Clube de Ciências**

É necessário que desde cedo se veicule de forma simples e apelativa o gosto pela natureza através das ciências pois a sociedade atual em que nos encontramos é bastante científica e tecnológica, como por exemplo, o uso do computador, do telemóvel e da *playstation* que envolvem tecnologias que as crianças manipulam com alguma facilidade. O facto de o mundo estar em constante evolução científica faz com que os indivíduos necessitem de uma educação que promova a literacia científica.

Segundo Martins *et al.* (2007, p.11) refere que “os avanços científicos e tecnológicos têm vindo a ter uma influência crescente na esfera pessoal dos indivíduos, na sociedade em que se inserem”.

Desta forma o professor tem o importante papel de estimular a curiosidade, a admiração e o interesse pelas ciências. Eshach (2006, como citado em Martins *et al.* 2007, p.11) ainda aponta como uma das razões a favor da educação em ciências desde os primeiros anos o “desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente”, ou seja, a procura de respostas e explicações para fenómenos do dia a dia que despertem a curiosidade da criança. Se esta estimulação for bem aplicada, a

criança, intrinsecamente vai desenvolver uma imagem positiva acerca desta área de estudo e com ela desenvolver a capacidade de pensamento ao longo de uma construção de conhecimento científico, melhorando com isto o modo de interação entre si e a natureza.

- **Informática**

Vivemos numa sociedade cada vez mais avançada tecnologicamente, em que os *Gadgets* apoderam-se dia a dia dos mais novos. É de extrema importância que se transmitam valores para uma boa promoção da cidadania. Neste sentido o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001, p.191) refere que um cidadão tecnologicamente competente deve ser capaz de “apreciar e considerar as dimensões sociais, culturais, económicas, produtivas e ambientais” resultantes desta evolução.

Desde cedo observa-se, no jardim-escola este contacto com as novas tecnologias, que passam desde a reprodução de textos em programas informáticos, como da visualização de conteúdos curriculares, mais dinâmicos e apelativos que facilitam a aprendizagem dos alunos.

1.5.4. Horário de turma

A figura 25 representa o horário da turma do 4.º ano de escolaridade.

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09:00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11:00					
11:00 11:20	Tempos de Jogos				
11:20 13:00	Matemática	Português	C. Ciências (11:15/12:05)	Português	Matemática
			Matemática		
13:00 14:30	Almoço / Recreio				
14:30 15:30	Música	História de Portugal	História de Portugal	Inglês	Estudo do Meio
15:30 16:30	Biblioteca (15:20 / 16:20)		Educação Física	Expressão Plástica	História de Portugal
16:30 17:00	Orquestra (16:10 / 17:00)	Estudo do Meio	Estudo do Meio		Assembleia
17:00	Lanche				

Figura 25 – Horário da turma do 4.º ano.

1.5.5. Relatos diários e Fundamentação Teórica

Segunda-feira, 5 de março de 2012

Este dia deu entrada a um novo período de estágio profissional, o primeiro ciclo do ensino básico. À chegada eu e a minha colega fomos recebidas por uma turma do 4.º ano que se fez apresentar.

Os alunos começaram por dialogar com a professora sobre o fim de semana. De seguida fizeram a correção de exercícios de Português.

Na área da matemática trabalharam a decomposição de números em fatores primos, e respetivas regras. No final acompanharam a professora no raciocínio de um problema de modo a consolidarem o que lhes foi ensinado.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a aula de matemática gostei particularmente de observar a diversidade de estratégias que a professora utilizou para explicar o exercício, o que permite a todos os alunos perceberem e entenderem os diversos raciocínios possíveis que poderiam utilizar para responder àquele problema. Estes são solicitados quando, de uma caixa com tampas numeradas, é retirado o seu número respetivo à pauta.

Como defende Alsina (2004, p. 9), a aprendizagem da matemática, seguindo um modelo ideal, deverá partir de “um ensino diversificado, rico em recursos e estratégias para abordar uma mesma aprendizagem, se conseguirá que as aprendizagens matemáticas sejam interiorizadas de forma significativa”. Foi dessa forma que a professora pôde cativar a atenção de todos os alunos, visto que chegou a todos eles de maneiras diferentes proporcionando-lhes a mesma aprendizagem do conteúdo que pretendia trabalhar.

Terça-feira, 6 de março de 2012

Aberta a lição, os alunos continuaram a trabalhar a leitura de um texto “Os tontos” de Roald Dahl. A professora fez uma leitura modelo e de seguida todos os alunos leram um excerto do texto.

Visto que eu e a minha colega estávamos desenquadradas acerca do que se estava a trabalhar, os alunos fizeram, oralmente, um resumo. Depois concluíram com exercícios gramaticais e exercícios de interpretação de texto. Concluída esta tarefa realizaram um ditado sobre o mesmo texto.

Depois de feitas as revisões de Português foi a vez da Matemática onde os alunos trabalharam: perímetros, áreas e a composição de números.

A professora fez a interpretação dos exercícios com a ajuda dos alunos, e posteriormente estes resolveram-nos.

Inferências / Fundamentação Teórica

O resumo é uma forma de os alunos esquematizarem a matéria selecionando os factos mais importantes do conteúdo que estão a abordar.

Salema (1997) saliente que, esse método:

implica mais do que a simples identificação das ideias principais; exige a integração dos vários elementos de informação num discurso coerente e coeso. Se o aluno é incapaz de parafrasear a informação para um resumo, provavelmente não percebeu a informação veiculada pelo texto. (p.28)

Desta forma, foi-nos possível integrar na dinâmica da turma.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

A manhã começou com a ficha de avaliação sumativa de Português que teve duas horas de duração. Após concluírem esta atividade os alunos pintaram uma capa onde colocariam as avaliações do período escolar.

Na área da Matemática os alunos realizaram situações problemáticas onde o conteúdo trabalhado foi a soma de números complexos; os divisores; a área de figuras geométricas e o volume de sólidos.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na realização das situações problemáticas, a professora leu primeiro todos os problemas e em conjunto com os alunos decifraram o que era pretendido em cada um deles. Assim os alunos com a ajuda da professora perceberam qual o modo de responder ao problema pretendido, sendo aquela uma das formas de responder à questão. No Novo Programa de Matemática (ME, 2007, p. 20-24), no capítulo de Geometria e Medida, no 1.º Ciclo, os alunos devem ser capazes de “[...] compreender as grandezas dinheiro, comprimento, área, massa, capacidade, volume e tempo [...]”. Especificando os objetivos para este tópico refere que os alunos devem ser capazes de:

- Estabelecer relações entre factos e acções que envolvam noções temporais e reconhecer o carácter cíclico de certos fenómenos e actividades.
- Relacionar entre si hora, dia, semana, mês e ano.
- Identificar a hora, a meia-hora e o quarto-de-hora.

- Resolver problemas envolvendo situações temporais.

Foi o que se observou nesta aula através a proposta de trabalho distribuída.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

A professora neste dia levou um animal de estimação para a sala de aula, a “Cookie”, uma coelha. Salientou os cuidados que todos deviam de tomar com esta: em relação à sua alimentação e aos cuidados de higiene.

Os alunos corrigiram os trabalhos de casa e realizaram uma proposta de trabalho. De seguida fizeram revisões para o teste de Matemática e de Português.

Depois do recreio fizeram revisões para o teste de Estudo do Meio e um ditado de uma estrofe de um poema “Carochinha e João Ratão saem juntos ao serão”. A professora avisou desde logo o que considerava erro ou falta referindo os seus critérios de avaliação.

Inferências / Fundamentação Teórica

A professora nas suas aulas demonstra uma enorme atenção relativamente à postura dos alunos. Tem também uma grande facilidade na organização do quadro o que facilita a perceção da informação exposta.

A professora costuma realizar alguns ditados. Jean (1999, pp. 108 - 109) afirma que o ditado “(...)continua a ser um exercício útil de verificação, desde que ele se desritualize, se desdramatize, desde que seja concebido, de facto, como um jogo pelo qual a leitura em voz alta volta a encontrar a sua forma gráfica.” O mesmo autor afirma ainda que aquele que dita “ (...) aguarda o «erro». (...)” assim considera que “o erro de ortografia seja considerado como uma falta moral. Ainda que a palavra «falta» tenha perdido essa conotação, verificamos que a má ortografia depende um pouco mais da ética do que da gramática”.

Antes de realizarem o ditado, os alunos, já tinham conhecimento do poema que foi anteriormente lido pela professora. Como refere Bastos (1999):

a poesia para os mais novos partilha de algumas características: os aspectos fundamentais que enformam o discurso poético distinguem hoje toda a poesia, independentemente da existência de um destinatário preferencial no momento do ato criativo. A riqueza discursiva, a variedade formal, a amplitude temática surgem, de forma indiferente, na poesia. (pp.163-164)

No decorrer desta atividade os alunos, pela fonética que o poema oferece já sabiam quais as palavras que sucediam umas às outras. A poesia é um dos textos

literários que cativa as crianças e desta forma deve ser promovida na estimulação da leitura dos mais novos.

Esta atividade permite também que os alunos estejam com atenção à palavra ditada para depois a reproduzirem na sua forma gráfica.

Terça-feira, 13 de março de 2012

A professora começou por dar a fichas sumativas de final de período de Matemática. Leu a ficha de avaliação toda e salientou a importância da organização na elaboração dos exercícios na folha.

Depois do recreio a professora leu um texto para trabalhar os sinais de pontuação. Os alunos tiveram de colocar a pontuação no texto de modo a que este fizesse sentido.

Inferências

Nestas semanas têm-se verificado um grande número de fichas de avaliação e de propostas de trabalho para os alunos treinarem alguns exercícios para a preparação das provas de aferição do Ministério da Educação.

Como se consta no relato, a manhã foi preenchida pela realização da ficha de avaliação sumativa de Matemática. Após este momento os alunos puderam descontraír um pouco no recreio. Acho bastante importante que este momento surja após outro de grande esforço, visto que a criança durante a realização desta atividade despendeu muita atenção e concentração para interpretar, realizar e finalizar o seu raciocínio.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Os alunos, nesta manhã realizaram uma avaliação sumativa de Estudo do Meio. Assim que terminavam a prova a professora ia-lhes distribuindo um questionário de História em que os alunos tinham de ir fazer consultas ao manual escolar para conseguirem responder ao que lhes era pedido. Depois de todos os alunos terem terminado o teste, decoraram um saco de papel que seria o embrulho do presente do Dia do Pai, como se pode observar na figura 26.



Figura 26 – Presente para o Dia do Pai.

Inferências / Fundamentação Teórica

A avaliação de Estudo do Meio foi realizada muito rapidamente, pelos alunos. Esta turma demonstra uma grande facilidade nesta área e também um grande interesse nos temas abordados nesta disciplina.

No decorrer da atividade de expressão plástica que tinha como objetivo elaborar um saco decorativo para embrulhar uns chinelos de presente para o Dia do Pai, as crianças demonstraram-se muito animadas. De acordo com as OCPEB (ME, 2006, p.89) “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permitem que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.” Desta forma cada criança teve a oportunidade de exteriorizar aquilo que mais gostava num presente para o seu pai.

Segunda-feira, 19 de março de 2012

Os alunos iniciaram o dia por realizar uma ficha de avaliação de História de Portugal. No final da avaliação colocaram os sumários em dia e de seguida trabalharam um texto “Ciberempresária de 11 anos” da revista Visão Júnior, onde a professora fez a avaliação da leitura.

Um aluno foi chamado à atenção por, no dia anterior, ter saído da escola sem avisar a professora.

Inferências / Fundamentação Teórica

Este dia tinha a particularidade de haver um festejo da 100.^a lição. Desta forma, e como previamente combinado, os alunos levaram alguns bolos, doces e sumos para comemorar. Assim, sabendo que depois da avaliação teriam um pequeno festejo, os alunos demonstravam-se bastante bem dispostos e animados.

A leitura em voz alta é muitas vezes uma dificuldade para a criança que lê, pois não tem fôlego o suficiente para “prossequirem na sua leitura «até ao fundo do sentido»” Para que isto não aconteça é relevante que haja um treino frequente e que a criança aprenda a “respirar fundo, a suster o seu fôlego e a expirar o mais lentamente possível” (Jean, 1999, p.166).

O professor, sendo um avaliador presente e constante na sala de aula pontualmente cria momentos para que se avaliem determinados parâmetros.

Segundo Bartolomeis (1999, p.38) avaliar é inevitável pois “A actividade de avaliação é uma característica intrínseca do conhecimento e das decisões práticas.

Conhecer algo equivale a avaliá-lo, a atribuir-lhe um valor, um significado, a explicá-lo, e isto tanto na experiência comum quanto nos mais sistemáticos processos científicos”. Desta forma cabe à professora avaliar, consoante os critérios com que se rege, a atribuição de uma determinada classificação de acordo com o que ouviu.

Terça-feira, 20 de março de 2012

A professora iniciou o dia por dizer aos alunos as notas da prova de História.

De seguida, recorrendo a um texto da revista “Visão Júnior”, a professora abordou o tema sobre o retrato físico e psicológico da personagem principal do texto. Começou por escrever algumas expressões, de cada retrato no quadro, e os alunos tinham de elaborar um texto em conjunto.

Depois do recreio, eu e a minha colega realizámos um jogo com os alunos.

Inferências / Fundamentação Teórica

No decorrer da atividade coletiva, os alunos demonstraram-se muito participativos. No entanto, cabe à professora conduzir a discussão. Como menciona Estanqueiro (2012, p.55) o bom professor “conduz a discussão de modo a explorar a riqueza do tema (...) Aprendemos uns com os outros, partilhando ideias e sentimentos com abertura de espírito.” O professor deve ter atenção às intervenções dos alunos de modo a que a aula tenha o seguimento pretendido. Assim o texto coletivo demonstra o trabalho feito em equipa e a dedicação e interesse que os alunos depositaram na tarefa que lhes foi proposta. Para Rebelo (2000, p. 135), “[a] escrita é uma actividade complexa que consiste essencialmente na construção do texto” e desta forma a professora teve um papel mediador na coerência e construção do texto.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Os alunos começaram por elaborar uma proposta de trabalho sobre os pronomes e determinantes interrogativos. Depois pintaram um envelope que continha a sua autoavaliação do 2.º período.

A professora concluiu a manhã lendo uma história “Vem e abraça-me” do autor Michal Snunit.

Inferências / Fundamentação Teórica

A professora sempre que tem oportunidade apresenta uma história aos alunos. Essas histórias remetem, muitas vezes, para vivências dos alunos o que se torna mais

motivante e apelativo, pois a criança relaciona o que ouve, com aquilo que vivencia normalmente. Cadório (2001, p. 40) afirma que “a leitura pode assumir também uma dimensão lúdica” e ao mesmo tempo tornar-se um veículo de “enriquecimento do vocabulário, de novas estruturas de frase, de novos contextos vocabulares”. Teberosky e Colomer (2003, p.135) partilham da mesma opinião afirmando que “(...) a leitura em voz alta é uma fonte de aprendizagem de vocabulário.” É desta forma lúcida que a criança vai assimilando e alargando o seu léxico. Quanto mais histórias forem ouvidas e lidas maior será o seu vocabulário.

Terça-feira, 10 de abril de 2012

Este foi o primeiro dia do 3.º período do ano letivo. A professora falou com os alunos sobre o que tinham feito nas férias da Páscoa e estes contaram um episódio que tinham achado mais engraçado ou que mais tinham gostado. Relembrou as regras da sala de aula e salientou o facto de os alunos terem de adotar uma postura mais adulta, visto que estavam quase a ir para o 5.º ano de escolaridade.

Os alunos fizeram a correção da prova de aferição e trabalharam a subtração de números complexos.

No final das atividades a professora leu um livro “O rapaz de bronze” da autora Sophia de Mello Breyner Andresen.

Inferências / Fundamentação Teórica

A agitação foi muita neste primeiro dia de aulas do 3.º período. As saudades, as novidades e a alegria do reencontro tornaram o dia um pouco mais agitado. No entanto o trabalho estava de volta, e a leitura também. Esta é uma constante no dia a dia dos alunos do 4.º ano, seja ler um documento, um texto literário, uma informação no *placard*, uma questão de Matemática, etc.

É importante definir a palavra “literatura”. Para Soriano (1975, citado por Magalhães, 2009, p.125), definiu literatura infantil como “um conjunto de textos ficcionais que escritores adultos, num determinado espaço e tempos históricos, direccionam a um destinatário extratextual específico – a criança (...)”. A mesma autora (2008, p.64) salienta que “a formação de um leitor literário integra e culmina a formação do leitor de outros tipos de texto, pois implica que a criança ouça ler e possa manusear o texto literário, mas a par de outros”. Ou seja, toda a leitura transversal com que a criança tem contacto leva-a a uma melhor conduta em relação ao seu conhecimento pois teve a oportunidade de contactar com diversos textos.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Os alunos realizaram uma prova de aferição de Matemática do ano de 2010.

Num segundo momento fizeram alguns exercícios ortográficos, um ditado.

Depois do almoço, os alunos tiveram aula de história e fizeram algumas revisões de História de Portugal.

Inferências / Fundamentação Teórica

Nesta manhã, eu e as minhas colegas de estágio, estivemos apenas a assistir à aula, não havendo muito contacto com os alunos, visto que estes estavam a trabalhar autonomamente.

Relativamente à disciplina de História de Portugal, segundo o Ministério da Educação (1998, p. 33) face ao papel do professor de História, refere que este tem como objetivo “criar «apoios» que ajudem o aluno na construção de um conhecimento com as características referidas, estimulando-o a expressar “ideias históricas” na sua linguagem, desde muito cedo. “É neste sentido que o papel da professora se torna relevante nas suas aulas porque para além da estimulação constante recorre a vários materiais didáticos para lecionar as suas aulas.” O mesmo autor realça a importância da utilização e da renovação destes materiais afirmando que “estes meios são especialmente atractivos para o ensino da História” que servem como “veículo para desenvolver técnicas de análise crítica da realidade; os audiovisuais e as novas tecnologias da informação e comunicação são recursos que a escola não pode ignorar, pois são poderosos instrumentos para a aprendizagem formal e informal dos alunos.” Recorrendo ao quadro interativo e a aplicações interativas, bem como a vídeos históricos a professora vai apresentado os conteúdos a lecionar integrados nas novas tecnologias que se apresentam mais apelativas e atrativas para motivar e cativar o interesse da criança nas aulas de História de Portugal.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

Correção dos trabalhos de casa. Os alunos foram avaliados na tabuada e fizeram uma ficha de exercícios gramaticais e de seguida realizaram uma ficha com situações problemáticas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os trabalhos de casa são normalmente mandados na sexta-feira para os alunos terem mais tempo para os realizar, no fim de semana. No entanto existe um problema relacionado com a fadiga escolar que se revela no excesso de trabalho pois, muitas vezes, a criança abdica de algumas atividades desportivas e culturais para se dedicar à escola. Meirieu (1998, p.11) refere que “não é bom que os alunos muitas vezes desde o quarto ano, sejam obrigados a abandonar actividades desportivas ou culturais para consagrar os seus tempos livres ao trabalho escolar”. O que acontece nesta turma é que a maioria das crianças pratica atividades extracurriculares como: natação, ténis, karaté e futebol. A professora tem em atenção este aspeto e nunca manda trabalhos em demasia, apenas os suficientes para as crianças não se esquecerem daquilo que aprenderam na escola na semana anterior, normalmente um ou dois exercícios de aplicação. O autor acima mencionado (1998) salienta ainda que quando surge a fadiga escolar acontece normalmente:

«aos bons alunos», àqueles que cumprem à risca o que lhes é pedido e que sofrem, assim, as consequências de um raciocínio que é muito utilizado por alguns professores: «se lhes dermos muito trabalho, eles hão-de fazer alguma coisa.» (p.11)

A verdade é que os bons alunos são aqueles que apresentam sempre os exercícios feitos atempadamente, nunca se esquecendo de avisar a professora para a correção dos mesmos. Estes alunos, aplicados e motivados para aprender e verificar os seus conhecimentos, nunca falham com um compromisso e caso o trabalho seja em demasia e desvalorizado, a criança começa a sentir-se desmotivada, surgindo a fadiga escolar.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

Neste dia lecionei uma manhã de aula, nas diversas áreas de conhecimento: na área de Português abordei os quantificadores existenciais; na área de Matemática trabalhei com os alunos a passagens de números complexos para números incomplexos e por fim na área de Estudo do Meio abordei o tema sobre “Emigração” com base na observação de um vídeo. Depois de apresentado interpretámos algumas questões importantes deste tema que foram retratadas por emigrantes portugueses que se encontravam ainda fora do nosso país.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei bastante de lecionar a minha manhã programada na sala do 4.º ano. Vou realçar a aula de Estudo do Meio, pois foi uma aula bastante dinâmica e interessante. Os alunos ficaram bastante motivados na visualização do vídeo apresentado, pois era uma prática escolar menos comum no quotidiano deles. Esta aula tornou-se ainda mais motivante para os alunos, visto que alguns deles tinham familiares no estrangeiro ou eram descendentes de emigrantes. Desta forma puderam partilhar com a restante turma as suas vivências. Como refere Estanqueiro (2012, p.40) o aluno “aprende conteúdos e desenvolve competências na interação com o professor e com os colegas. Através da partilha de saberes e experiências, o aluno alarga as suas perspectivas e constrói activamente o seu conhecimento.” Estes momentos de partilha que surgiram nesta aula foram bastante positivos e enriquecedores para toda a turma que partilhou e ouviu, tendo também a possibilidade de tirar algumas dúvidas com os colegas, em relação ao tema abordado.

Em relação à aula de Matemática tive sempre em atenção o reforço positivo sempre que os alunos se dirigiam ao quadro para a realização de um exercício.

Campos (1990) afirma que:

são as atitudes do professor que vão marcar de forma positiva ou negativa a ideia que temos de nós e a crença nas nossas capacidades. Por isso se constituem referência fundamental.(...) é através do eco que essas atitudes têm em nós que nos vemos e revemos enquanto nos vamos construindo como pessoas, estimulados pelo reforço positivo, humilhados pelo julgamento reprovador. (p.50)

Considero de extrema importância o reforço positivo durante as aulas pois a criança, como refere o autor, vai tendo a perceção de si mesma através desse “eco” que o professor lhe transmite. O reforço positivo é uma recompensa para o aluno sempre que este tem sucesso numa tarefa executada com sucesso e dessa forma é relevante que seja reconhecida por parte do professor.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Esta manhã foi lecionada pela minha colega de estágio. Começou por falar da frase passiva e ativa. Num segundo momento, na área de Matemática lecionou a passagens de números incomplexos para complexos e para concluir a manhã, na área de Estudo do Meio abordou o tema: países lusófonos.

Neste dia, ficamos na escola durante a parte da tarde onde nos foi possível presenciar uma aula programada de História de Portugal dada por uma aluna do Mestrado do 1.º e 2.º ciclo de estudos.

Inferências

Os momentos em que lecionamos aulas são muito importantes para a nossa formação enquanto alunos estagiários, pois são estes que nos possibilitam adotar estratégias momentâneas e alterar as planificações sempre que necessário para garantirmos o sucesso escolar do aluno no tema que estamos a abordar. Cabe-nos então ter a perceção de quando uma estratégia não é a mais adequada ou não está a ser a mais dinâmica naquele momento. Em suma, o professor deve ser capaz de se adaptar às circunstâncias e solucionar um problema sempre que necessário.

Segunda-feira, 23 de abril de 2012 a sexta-feira, 27 de abril de 2012

Pelo facto de as atividades desta semana serem um pouco repetitivas decidi relatar estes dias juntos.

Durante esta semana os alunos estiveram a fazer revisões de História de Portugal e a corrigir os trabalhos de casa.

Num dos dias, os alunos tiveram de interromper a prova de aferição de Português pois havia, no ginásio, uma formação sobre “Os Açores”.

Nesta semana uma colega minha lecionou a sua manhã de aula. Abordou, na área de Português os quantificadores universais, na área de Matemática falou sobre as unidades de massa e na área de Estudo do Meio fez uma experiência com ar, como se pode observar na figura 27.



Figura 27 – Aluno a realizar a experiência.

Inferências / Fundamentação Teórica

A aula de sexta-feira, dada pela minha colega de estágio, foi o momento mais significativo desta semana. A minha colega de estágio ao lecionar a sua aula de Português fez interdisciplinaridade com a área de Matemática, pois distribuiu uma receita e esta, como é habitual, apresenta quantidades de medida de massa, tema que abordou de seguida na outra área curricular. Durante a manhã proporcionou aos alunos, na área de Estudo do Meio, um contacto com materiais apelativos e integrantes no seu dia a dia o que os motivou para a participação da atividade proposta. Estas atividades experimentais são bastante relevantes na aprendizagem da criança. Para Santos (2002, p.38) o trabalho experimental “é aquele que é baseado na experiência, no acto ou efeito de experimentar, ou no conhecimento adquirido pela prática”. Ao longo da experiência a aluna estagiária permitiu que as crianças tivessem contacto com os materiais de forma a poderem observar, manusear e tirar conclusões da experiência proposta. Segundo Miguéns (1990, como citado em Santos, 2002, p.38) as atividades práticas ou trabalho prático são “dois termos que podem ser utilizados com idêntico significado: trabalho realizado pelos alunos, interagindo com materiais e equipamentos, para observar fenómenos, na aula ou em actividades de campo.” Foi o que se observou ao longo da aula dada pela aluna, exigindo a participação de todos os alunos da turma.

1.6. 6ª secção: 3.º ano

1.6.1. Caracterização de turma

A turma do 3.º ano A é constituída por 22 alunos, sendo 15 do género feminino e 7 do género masculino.

No geral, o grupo é homogéneo e os alunos demonstram interesse pelas diversas áreas de estudo, sendo a Português a área com melhores resultados escolares. No grupo, uma criança destaca-se pelas suas dificuldades na aprendizagem.

1.6.2. Caracterização do espaço

A sala de aula do 3.º ano situa-se no primeiro piso, junto ao ginásio. É uma sala bastante espaçosa, o que facilita a mobilidade tanto dos alunos como do professor e permite que a disposição das mesas mude consoante a atividade que os alunos realizem. É uma sala que tem muita luz natural devido ao grande número de janelas. Nas paredes existem vários cartazes elaborados pelos alunos alusivos aos conteúdos lecionados.

1.6.3. Rotina diária

As rotinas diárias dos alunos dos alunos do 3.º ano são idênticas às rotinas dos alunos do 1.º ciclo de ensino. É possível visualizar estas no horário que se segue mais à frente.

1.6.4. Horário de turma

A figura 28 representa o horário dos alunos do 3.º ano de escolaridade.

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09:00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
10:00			Clube de Ciências (10:20 / 11:10)		
11:00	Tempos de Jogos				
11:30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
13:00	Almoço / Recreio				
14:30	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio	Educação Física
15:30	História de Portugal	Música (15:20 / 16:10)	Matemática	Biblioteca (15:00 / 16:00)	Expressão Plástica
16:30	Assembleia de Turma	História de Portugal	Área Projeto	Estudo do Meio	
17:00	Lanche				

Figura 28 – Horário dos alunos do 3.º ano.

1.6.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Este dia marcou o início do segundo momento de estágio profissional no 1.º ciclo, na sala do 3.º ano.

Os alunos fizeram a correção dos trabalhos de casa. De seguida, na área de História falaram do rei D. Pedro I, com o apoio de um texto.

Nesta manhã, algumas colegas tiveram aulas programadas que foram assistidas pelas orientadoras da prática pedagógica, deste modo eu e a minha colega fomos assistir a uma aula lecionada pela nossa colega, na sala do 2º ano de escolaridade.

Inferências / Fundamentação Teórica

O primeiro dia de aulas na sala do 3.º ano foi muito positivo. Fomos muito bem recebidas pelo professor titular de turma, bem como, por todos os alunos que se apresentaram num contexto de jogo de quebra-gelo.

As aulas programadas são um momento importante para a nossa reflexão individual sobre a prestação que tivemos naquele momento. As professoras da prática pedagógica ao avaliarem indicam-nos os pontos menos positivos e ajudam-nos a arranjar outras estratégias.

Severino (2007) refere que:

A formação deverá, pois, estruturar-se numa interacção permanente entre a prática e a reflexão individual e colectiva, na procura de soluções para a resolução dos problemas que vão surgindo e para a recolha de elementos que permitam repensar crítica, reflexiva e construtivamente a formação dos formandos/ supervisandos e dos próprios supervisores. (p.42)

Na minha opinião estas reuniões são uma mais-valia para o aluno estagiário que deu a aula em questão, como também para todos os outros que através da descrição da aula visionada percebem o que podem continuar a fazer para um bom rendimento escolar, como o que devem tentar melhorar para a aula ser consistente e apelativa.

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

O dia começou pela correção dos trabalhos de casa. De seguida, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Português e posteriormente o professor fez-lhes a avaliação da leitura.

Para consolidar os conhecimentos aprendidos na sala de aula, o professor distribuiu uma proposta de trabalho individual para avaliação formativa.

Inferências / Fundamentação Teórica

A avaliação é uma constante na rotina do professor e do aluno. É através dela que o professor pode estar a par da evolução e do modo como o aluno se apresenta face a um conteúdo. Assim são recorrentes as avaliações feitas pelo professor ao longo dos períodos escolares.

Bartolomeis (1999) refere que:

os alunos aprendem ou produzem algo: têm, portanto, direito de saber se partiram de premissas corretas, se estão no bom caminho, qual é a importância do que estão a realizar, como é possível melhorar a aprendizagem ou a atividade produtiva, que factores provocaram eventuais erros, de que modo um problema deve ser reformulado ou os métodos modificados para se chegar a resultados mais satisfatórios. Neste caso, o professor ajuda os alunos a tomarem consciência do modo como se comportam no seu trabalho e dos resultados intermédios e finais que conseguem. (p.38)

Relativamente à avaliação formativa à qual o aluno está sujeito, esta tem por finalidade recorrer a “instrumentos e a procedimentos que permitam compreender o estado da situação e do conhecimento ao longo do processo de formação” tal como refere Leite e Fernandes (2002, p.43). Estes autores salientam ainda que a avaliação formativa

compreende uma dimensão diagnóstica que permita identificar os pontos de partida dos alunos quanto aos seus conhecimentos, aptidões e interesses e que sirva de base para a organização dos processos de ensino-aprendizagem. Contrariamente à avaliação sumativa, tendo como finalidade classificar os alunos no final de um período de formação, apenas serve para os situar numa escala sendo, por isso, definitiva. (p.43)

Desta forma o professor tem consciência das aprendizagens adquiridas pelos alunos até àquele momento, dando-lhes desta forma alguma mobilidade para consolidar melhor os conhecimentos ou então avançar na matéria.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

Esta manhã começou com uma ação de formação dada pela URIAGE. Tinha como principal objetivo divulgar a importância da utilização do protetor solar.

Depois deste momento os alunos, já na sala de aula, corrigiram os trabalhos de casa. De seguida fizeram a leitura e interpretação do texto de “D. Pedro I, o Justiciero” e realizaram exercícios gramaticais.

Após o intervalo da manhã os alunos realizaram a prova de avaliação de Matemática.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os trabalhos de casa, na minha opinião, são uma forma de consolidação dos conhecimentos. A criança, num momento posterior à escola, pode aplicar aquilo que aprendeu na sala de aula, no entanto Meirieu (1998, p.10) afirma que “o essencial faz-se na aula... ou deveria fazer-se na aula!”. Concordando com a sua afirmação considero importante todo o trabalho desenvolvido na sala de aula, contudo a criança tem de algum modo consolidar os conhecimentos transmitidos e desta forma aplicar esses mesmos conhecimentos fora da sala de aula. Realço que o excesso de trabalhos de casa não seja uma boa estratégia pois pode provocar na criança alguma fadiga escolar. Assim como refere o mesmo autor (1998, p.10) esclarece que “não é normal que se imponham a crianças dias de trabalho de oito a dez horas, que não se lhes permita regressar a casa antes das 17 ou 18 horas e que sejam obrigadas a retomar o trabalho para fazer os deveres, para estudar a lição, ou para prepararem um teste”.

Mais uma vez expresso a minha opinião dizendo que um trabalho semanal pode ser importante para a criança, no sentido em que esta resume numa atividade aquilo que aprendeu durante a semana.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

A manhã começou pela correção dos trabalhos de casa de matemática sobre a divisão. De seguida os alunos, com o material estruturado *Cuisenaire* trabalharam o perímetro, a área e as áreas equivalentes, como se pode observar na figura 29.

Por fim os alunos realizaram uma proposta de trabalho e depois fizeram a correção da mesma, fazendo assim a sua autoavaliação.



Figura 29 – Material estruturado – Cuisenaire.

Inferências / Fundamentação Teórica

A correção dos exercícios permite que o aluno detete os seus erros, e com a ajuda do professor os corrija de modo a perceber onde errou.

Meirieu (1998) afirma que os trabalhos de casa

(...) poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objetivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal. (p.14)

Cabe depois ao professor corrigi-los e assegurar o “seu cumprimento... e correção do trabalho feito.” O facto do professor não cumprir também com a sua parte “corre o risco de se comprometer com os procedimentos inflacionados, que penalizarão inevitavelmente os alunos mais cumpridores” sendo estes aqueles que cumprem sempre o que lhes é pedido e caso isso não se verifique pode provocar-lhes algumas “rejeições escolares”. (p.11).

O material estruturado é uma ferramenta de trabalho interessante para trabalhar com os alunos do 1.º ciclo de estudos. Neste dia os alunos trabalharam as áreas equivalentes com o material estruturado *Cuisenaire* explorando-o de diversas formas verificando no concreto as várias possibilidades de obter áreas equivalentes.

Como afirma Palhares (2004, p. 388) “ao medirmos a porção de plano que uma dada figura plana ocupa, estamos a calcular a área dessa figura”.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Os alunos começaram o dia por fazer a leitura do texto “As fases da lua” e consequentemente realizaram exercícios ortográficos relacionados com o tema abordado.

De seguida a turma equipou-se para a aula de educação física onde estiveram a fazer patinagem.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia os alunos tiveram uma experiência diferente na área da educação física, foi dia de patinagem. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001), nas Competências Específicas da área da Educação Física, salientam-se alguns dos objetivos desta área curricular, com o intuito de promover a qualidade de vida do ser humano:

- Melhorar a aptidão física elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno;
- Promover a aprendizagem dos conhecimentos relativos aos processos de elevação e manutenção das capacidades físicas;
- Promover o gosto pela prática regular das actividades físicas e aprofundar a compreensão da sua importância como factores de saúde e componente da cultura, na dimensão pessoal e social,
- Promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais [...]. (pp.219 -220)

Esta modalidade foi repetida ao longo de algumas semanas. O facto de ser uma actividade diferente tornou-se muito apelativa para os alunos. Muitos deles puderam, pela primeira vez, ter um contacto direto com esta modalidade proporcionando à criança outra visão da prática desportiva que poucas vezes é vivenciada sem ser em contexto lúdico.

A segurança nestas aulas é bastante importante para resguardar os alunos de possíveis incidentes. Para isso é importante que utilizem sempre proteções.

Papalia, Olds e Feldman (2001, p. 413) salientam que os alunos devem-se precaver com “capacetes” e que devem de aprender a “cair adequadamente; nunca patinar de noite ou usar patins em degraus (...) e assegurar-se que todo o equipamento está em bom estado.” Desta forma cabe ao professor salientar a importância de todo o equipamento utilizado durante esta prática.

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Neste dia os alunos começaram por conjugar alguns tempos e modos verbais.

Na área da matemática, trabalharam a leitura de números com o auxílio do material estruturado Calculadores Multibásicos.

Nesta manhã houve aulas programadas lecionadas por mim. Na área de Português fiz a análise e interpretação do texto referente à biografia de D. Fernando, num papel de pergaminho. Já na área de História abordei este mesmo rei e de seguida, na área de matemática introduzi o volume do cubo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os Calculadores Multibásicos, para além de muitas outras funções que nos levam a trabalhar neles, também são bastante importantes na aprendizagem da leitura de números. Permitem por isso fazer várias leituras dos números por cores, por classes e por ordens, sendo que, cada cor representa uma ordem pertencente a uma classe. Como afirma Caldeira (2009a, p. 208) “os Calculadores Multibásicos permitem aprofundar a compreensão da essência do número”. Neste sentido a mesma autora

(2009a, citando National Council of Teachers of Mathematics, 1991) salienta que “(...) a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo” (p.203). Ou seja, deve de existir um trabalho consistente e gradual em cada etapa de modo a que a criança seja capaz de conseguir ter um desenvolvimento do sentido do número.

Num segundo momento, na minha aula programada na área de História optei por distribuir aos alunos um pergaminho (texto) que falava da vida de D. Fernando.

Segundo Félix (1998, p.37) é por meio da História “que o aluno adquire a consciência do tempo social, isto é, a noção de diacronia e da dimensão total do mundo em que vivemos. Sem a História não se poderá ter a noção de tempo e sociedade.”

Para lecionar estas aulas recorri às novas tecnologias, utilizando o *Powerpoint*. A mesma autora (1998, p.25) salienta esta evolução no ensino desta unidade curricular, dizendo que estes meios são “atractivos para o ensino da História” pois demonstram ser instrumentos de aprendizagem “formal e informal dos alunos”. No entanto cabe ao professor dinamizá-los no sentido de arranjar estratégias inovadoras auxiliando-se deste material que “não são inovadores por si próprios”.

Esta aula foi bastante desafiante, pois nunca tinha lecionado uma aula de História, e gostei particularmente da participação ordeira e pertinente que os alunos foram tendo ao longo da aula, permitindo explorar vários conteúdos que não estavam programados especificamente para esta aula, o que a torna mais interessante e motivadora, tanto para o aluno que esclarece as suas dúvidas, como para o professor que pode alargar um pouco mais o assunto consoante as necessidades que os seus alunos demonstram em saber algo em particular.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

Os alunos realizaram o teste de avaliação de Estudo do Meio e de História. Depois fizeram alguns exercícios de aplicação na área de matemática onde trabalharam as várias operações matemáticas.

Por fim realizaram uma proposta de trabalho da tabuada do oito.

Após o intervalo leram e interpretaram um texto que foi seguido de exercícios ortográficos e gramaticais. A minha colega de estágio teve aula surpresa pelo professor titular de turma. Foi-lhe pedido que fizesse a leitura e interpretação de um texto.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os textos narrativos são bastante trabalhados no 1.º ciclo de estudos, através da sua leitura e interpretação. Antes de mais é importante definir “narrativa” que de acordo com Sim-Sim (2007, p.37) é “uma descrição de eventos, baseados em experiências (...)” e que por sua vez tem uma determinada organização. Para a compreensão destas narrativas é necessário que sejam trabalhadas “histórias curtas, pequenas novelas (...) adequadas à idade e interesse das crianças, fomentando o raciocínio dedutivo, a análise de acções, a antecipação de acontecimentos, a previsão de consequências, o raciocínio inferencial e a apreciação valorativa do texto.” Para que sejam interpretados devidamente a mesma autora indica algumas das estratégias que podem ser aplicadas: “uma compreensão global de todo o texto ou de partes específicas do mesmo (capítulos, parágrafos, frases, expressões, palavras) e interligações entre as partes específicas”; “que desenvolvam a interpretação, i.e., o relacionamento entre a compreensão do texto e a experiência individual do leitor (...); só desta forma o aluno é capaz de compreender a mensagem implícita no texto.

Sexta-feira, de 18 maio de 2012

Os alunos começaram por corrigir os trabalhos de casa. De seguida realizaram alguns exercícios gramaticais sobre preposições.

Após o intervalo da manhã a professora fez revisões para o teste de Português e depois, já na área da matemática, os alunos, realizaram uma ficha sobre volumes. Com o material estruturado *Cuisenaire* fizeram alguns exercícios com potências.

Inferências / Fundamentação Teórica

As revisões que são feitas antes dos testes de avaliação são bastante importantes para os alunos, pois nestes momentos o professor faz uma revisão geral de todas as matérias que vão sair no teste. Assim o aluno tem conhecimento do que poderá sair no teste e pode esclarecer, mais uma vez, alguma dúvida que lhe surja.

O *Cuisenaire* é um material estruturado que permite ao aluno trabalhar várias matérias curriculares, visto que tem essa grande vantagem pedagógica. No entanto é necessário que a criança esteja disposta e se sinta motivada para estas mesmas aprendizagens e, desta forma, cabe ao professor tornar a atividade apelativa e estimulante. Segundo NCTM, (1991, p. 273) “A predisposição das crianças para a matemática manifesta-se no modo como abordam as tarefas – se é com confiança, com vontade de explorar alternativas, com perseverança e interesse – e na sua

tendência para refletir sobre o próprio pensamento”. Assim o professor é visto como fio condutor de uma aprendizagem direcionada para a autoexploração dos conceitos, despertando interesse ao proporcionar aos seus alunos estratégias diversificadas.

Segunda-feira, 21 de maio de 2012

Os alunos fizeram o teste de avaliação de Português. De seguida realizaram exercícios ortográficos.

Num segundo momento assistiram a uma ação de formação sobre higiene oral.

Já na sala, com o material estruturado 3.º e 4.º Dons de *Froebel* os alunos fizeram algumas construções com os cubos e com os paralelepípedos e posteriormente calcularam a área de uma figura retangular.

À tarde foram a uma visita de estudo ao INATEL.

Inferências / Fundamentação Teórica

As ações de formação são muito importantes para os alunos, visto que estas sensibilizam-nos para possíveis problemas rotineiros derivados de descuidos na sua higiene diária. Esta ação de formação foi engraçada pois o tema abordado foi integrado numa peça de teatro, o que se tornou mais apelativo e motivante para os alunos que foram assistir à mesma.

Os Dons de *Froebel* têm vários pontos pedagógicos. Caldeira (2009a) salientou a importância desses mesmos pontos relativamente ao 3.º e 4.º Dons de *Froebel*:

[o] desenvolvimento da linguagem e do vocabulário; [d]esenvolvimento da criatividade; [l]ateralização; [m]otricidade fina; [d]esenvolvimento corporal; [n]oção de equilíbrio; [n]oção de ordem; [a]quisição de hábitos; [i]niciação de noções básicas para o desenvolvimento da matemática: quantidade, situações problemáticas, formas geométricas. (p.255)

É importante a utilização destes materiais didáticos que segundo Ribeiro (1995, p.6) citando Hole define como “todos os meios de aprendizagem e ensino”. Ao contrário da sua definição do conceito materiais estruturados que, por sua vez, os caracteriza como “uma colecção de objectos configurados de maneira a «corporizarem» uma ou mais estruturas matemáticas”.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

Neste dia os alunos fizeram a leitura e interpretação de um texto e de seguida realizaram alguns exercícios ortográficos. Ainda na área de Português, redigiram um

texto sobre a visita de estudo ao INATEL que tinha sido efetuada na tarde do dia anterior.

Inferências / Fundamentação Teórica

As visitas de estudo são um momento de convívio, partilha e diversão num outro espaço que não o habitual. Neste contexto descontraído e diferente, os alunos sentem-se “livres”, no entanto saem da sua zona de conforto. Isto foi visível nos textos escritos por muitos deles, pois referiam que tinham algum medo de se perderem dos restantes colegas de turma. Estas visitas permitem que a criança tenha consciência que tem de ter um grande sentido de responsabilidade.

Segundo Cordeiro (2008, p. 216) a responsabilidade é:

“um conjunto de capacidades que se desenvolvem e aprendem, que incluem: respeito e solidariedade com os outros; respeito por si próprio; honestidade; integridade; defesa dos valores em que se acredita; actuação segundo os valores em que se acredita; capacidade de sonhar e de fantasiar, mas igualmente de entender a realidade e saber as limitações”.

Assim, desde cedo a criança aprende a ter sentido de responsabilidade e autonomia que se vai refletir no futuro enquanto cidadãos.

Os textos escritos pelos alunos demonstram uma sequência e uma ligação lógica dos acontecimentos vividos. Segundo Rebelo, Marques e Costa (2000, p.133) afirmam que a escrita “implica um código, para traduzir uma mensagem verbal, organizada interiorizadamente, e uma determinada actividade motora”. O facto de os textos serem partilhados e lidos oralmente possibilita aos restantes alunos desenvolverem “capacidades metalinguísticas, que lhes permitem a análise da linguagem”. Esta tarefa possibilitou que os alunos fizessem uma sintetização daquilo que vivenciaram nesse dia e que os marcou mais.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Durante esta manhã a minha colega de estágio lecionou a sua manhã de aulas. Começou por fazer revisões sobre a relação gráfica e fonética entre palavras: homónimas, homógrafas e homófonas. Na área de Matemática fez uma revisão sobre o volume do paralelepípedo para consolidar os conhecimentos e realizou uma proposta de trabalho. Na área de História de Portugal fez um jogo sobre a 1.^a Dinastia de Portugal onde reviu toda a matéria já dada sobre esta temática.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei bastante da aula da minha colega. Os materiais não estruturados que utilizou eram bastante apelativos para as crianças. O jogo que realizou com a turma demonstrou ser muito divertido e educativo pois ao mesmo tempo que as crianças punham em prática aquilo que já tinham aprendido com o professor, puderam também brincar um bocadinho, visto que o jogo era ao mesmo tempo lúdico.

De acordo com o programa de Estudo do Meio do Ensino Básico, desenvolvido pelo Ministério da Educação (2006, p. 113), pretende-se, com o estudo das dinastias que o aluno possa “conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próximo, reis que concederam forais a localidades da região...)”.

Através deste jogo a minha colega conseguiu cumprir alguns destes objetivos, visto que, fez uma revisão de toda a dinastia, não aprofundado cada um dos reis que nela pertenceram, mas realçando os feitos históricos mais relevantes.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

Nesta segunda-feira, foi o meu dia de lecionar uma manhã inteira de aula, abordando três áreas curriculares: Português, Estudo do Meio e Matemática.

Em Português comecei por fazer uma pequena revisão sobre as preposições. Em cada mesa existia: ou uma frase lacunar, ou uma preposição e as crianças tinham de completá-las com a preposição adequada para aquela frase.

De seguida, e já na área de Estudo do Meio, distribuí um bilhete de comboio a cada aluno, pois íamos fazer uma viagem num meio de transporte ferroviário – o comboio. Dirigimo-nos até ao ginásio, onde estava montado o *datashow*. Os alunos sentaram-se em U, de modo a que todos tivessem a mesma visibilidade para a apresentação e aí abordei o tema: Turismo Religioso.

Na área da Matemática introduzi as expressões numéricas, comecei por indicar as regras dando alguns exemplos, e posteriormente distribuí uma proposta de trabalho, para os alunos realizarem exercícios de aplicação.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei imenso de toda a manhã em que estive a lecionar os conteúdos sugeridos pelo professor titular de turma. No entanto, e por ser diferente, a aula que se tornou mais apelativa e dinâmica, foi a aula sobre o Turismo Religioso. Nesta aula, “virada” para Meca, as crianças puderam ter contacto com os trajes utilizados por

estas pessoas, com o alcorão e como a bússola que os Muçulmanos utilizam para se posicionarem em direção a Meca. Durante a aula houve também a possibilidade dos alunos tirarem todas as dúvidas em relação a estas pessoas e à religião que seguem. Foi uma aula mesmo muito produtiva, no sentido em que as crianças intervinham constantemente para fazerem perguntas pertinentes o que me possibilitou também abordar outros assuntos que não estavam na planificação mas que no entanto eram interessantes e curiosos. O tempo, esse escasso para tanta curiosidade, foi um ponto menos positivo da aula, visto que esta estava a ter um seguimento pedagógico e lúdico. Segundo Postic (1990, p.116) cabe ao docente “desmistificar as imagens que se julga muitas vezes constituírem a verdade (...)”, assim o “papel do professor é fundamental, porque os alunos têm muitas vezes a ilusão do saber e ficam com imagens justapostas da realidade.”

Na área de Matemática introduzi uma nova matéria. Este momento tornou-se especial, pois nunca tinha introduzido um conteúdo pela primeira vez, ou seja, as bases que os alunos levaram desta aula foram dadas por mim. Os exercícios de aplicação feitos no quadro interativo, e aplicados passo a passo foram importantes para a consolidação dos conhecimentos. Depois deste momento senti-me um pouco confusa pois não tinha a perceção se realmente os alunos tinham ficado com as “regras base”, ou se não tinham percebido o que lhes quis explicar. No entanto o professor deu-me o *feedback* de que as regras iam sendo consolidadas ao longo do tempo, mas que as bases tinham sido sólidas e bem trabalhadas.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Neste dia os alunos começaram por corrigir os trabalhos de casa.

De seguida foi-me proposto pelo professor titular de turma que eu lecionasse uma aula surpresa de 20/ 30 minutos. No âmbito da disciplina de Português fiz a leitura e interpretação de um texto e a respetiva análise morfosintática de algumas palavras e depois fazendo a interdisciplinaridade abordei os cuidados que deveríamos de ter na floresta.

Após este momento eu e a minha colega arrumamos os *dossiers* enquanto os alunos faziam exercícios de aplicação.

Inferências / Fundamentação Teórica

As aulas surpresas são momentos em que o aluno estagiário pode ter a noção se está minimamente preparado e consciente dos seus conhecimentos acerca de

determinado conteúdo que lhe é proposto lecionar. Durante estas aulas que leciono sinto que vou tendo uma maior consciência na sequência lógica das questões que coloco às crianças, como na diversidade de estratégias que utilizo para dinamizar as aulas.

A reunião após a aula surpresa, em que todos os alunos estagiários se reúnem com as professoras da prática pedagógica e com os/as professores/as titulares de turma, para fazerem uma reflexão conjunta acerca da aula visionada revela-se muito importante para o estagiário profissional. Segundo Alarcão e Roldão (2008, pp. 54 -56) este encontro “prepara para a actuação em situações complexas, a exigir adaptabilidade; a observação crítica; o diálogo; o relacionamento plural e multifacetado; o autoconhecimento relativo a saberes e a práticas”. Os mesmos autores ainda salientam que “a supervisão como actividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão e formação com relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas. Na diversidade estratégica é possível detetar uma tendência alinhada com uma abordagem reflexiva”. Neste sentido estas reuniões revelam-se uma mais-valia na autorreflexão do aluno, na partilha de pontos de vista diferentes perante a estratégia utilizada pelo estagiário que pode ou não estar em concordância com os outros elementos e que são fundamentais para uma discussão saudável sobre a melhor e mais eficaz estratégia para se obter resultados significativos na aprendizagem. Como afirma Alarcão e Tavares (1987, p.25), um futuro professor não é capaz de “dominar tudo ao mesmo tempo” e, pelo facto de se deparar com o imprevisto tem a necessidade de adaptar “técnicas específicas de ensino”.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

A manhã começou com a correção dos trabalhos de casa, seguida da organização dos *dossiers*.

De seguida os alunos realizaram uma proposta de trabalho sobre medidas de massa.

Já na área de Português os alunos realizaram um exercício de expressão escrita em que o tema era escolhido por eles. No final desta tarefa puderam desenhar algo relativo ao tema abordado.

Inferências

O facto dos alunos arrumarem os *dossiers* faz com que estes se organizem.

A expressão escrita permite ao aluno dar asas à sua criatividade e explorar ao máximo um tema com o qual ele se identifica e gosta em particular. Assim ao mesmo tempo que desenvolve o seu léxico e estrutura o seu pensamento de uma forma lógica também vai imaginando e criando o seu próprio texto à altura da sua imaginação.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

Os alunos fizeram a correção dos trabalhos de casa.

Depois o professor propôs-me que lecionasse uma aula na área da Matemática com o material estruturado Calculadores Multibásicos, onde trabalhasse a leitura de números até aos biliões.

De seguida foi a vez da minha colega lecionar uma aula na área de Português em que fez a análise e interpretação de um texto.

Inferências / Fundamentação Teórica

Após ser surpreendida para lecionar esta aula senti de imediato um turbilhão de estratégias para aplicar naquele momento. O importante e mais difícil foi estruturar o pensamento: como começar?; o que perguntar primeiro?; e a partir daí ser uma sequência lógica para a aula ter alguma harmonia. Nesta aula fiz a leitura de números até à classe dos biliões mas senti que a minha estratégia não foi a mais motivante pois segui muitas vezes a mesma estrutura de questões o que tornou a aula um pouco monótona. Poderia desta forma pedir aos alunos que criassem eles mesmo questões uns aos outros, e ditassem um número para posteriormente ser representado na placa de modo a dinamizar um pouco a aula e os conteúdos abordados terem sido, dessa forma, mais apelativos.

Dienes (como citado em Nabais, s.d., pp.5-9), afirma que o aluno constrói gradualmente um edifício matemático “a partir da sua própria experiência real que por meio de manipulações simbólicas” e desta forma é necessário que “as crianças aprendam a extrair a essência das matemáticas a partir da sua experiência pessoal, e não a partir da nossa.”

Terça-feira, 12 de junho de 2012

A minha colega de estágio lecionou, neste dia, a sua aula surpresa de Matemática. No primeiro momento explorou o material 5.º Dom de *Froebel* onde

trabalhou as frações. Começou por abordar as frações equivalentes com as peças deste material e de seguida contou uma pequena história e realizou a construção do poço, como se pode observar na figura 30. Fez também uma situação problemática envolvendo soma de frações com o mesmo denominador.

Depois do intervalo da manhã os alunos realizaram divisões com 3 e 4 algarismos no divisor. Mais tarde fizeram a simetria de um desenho e pintaram-no.



Figura 30 – 5.º Dom de Froebel: Construção do poço.

Inferências / Fundamentação Teórica

O 5.º Dom de *Froebel* é um material delicado pois exige dos alunos uma enorme concentração, pois é bastante apelativo para criar novas construções e para divagar na imaginação. Cabe ao professor manter a disciplina na turma e trabalhar o conteúdo pretendido da forma mais prazerosa para os alunos, onde interligue o seu conteúdo lúdico com a aprendizagem.

Segundo Caldeira (2009a, p. 241), os Dons são “veículos fantásticos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias”.

Nestes momentos em que a turma está connosco é importante estabelecer regras de comportamento para que possamos respeitar o espaço de cada um e o momento de participação de cada aluno.

O 5.º Dom de *Froebel* faz parte de um conjunto de materiais a que vários autores denominam de material manipulativo. Masutti (1993, citado em Caldeira, 2009a, p.15), definem material manipulativo como um recurso que é utilizado pelos professores no processo de aprendizagem.

Ponte e Serrazina, citados por Caldeira (2009a, p.18), esclarecem que a manipulação do material, desde que seja orientada pode “facilitar a construção de certos conceitos” que conseqüentemente vão ser também eles representações de conceitos que os alunos já conhecem por outra experiências e atividades “permitindo assim melhorar a sua construção”.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Os alunos realizaram o teste sumativo de Português. Concluído o teste pintaram um separador das avaliações referentes ao 3.º período.

Depois de um momento mais calmo de descompressão, o professor fez revisões para o teste sumativo de matemática.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na elaboração de um teste, que tem como objetivo avaliar os conhecimentos dos alunos, o professor deve ter em conta as dificuldades da sua turma. Quando um docente planeia e elabora um teste, a fim de avaliar os conhecimentos dos seus alunos, deve ter em atenção a dificuldade inerente no mesmo.

Coll, Marchesi e Palacios (2004, p. 44) defendem que “é preciso haver um currículo comum para todos os alunos, que posteriormente deve ser adequado ao contexto social e cultural de cada escola e às necessidades diferentes de seus alunos”. É o que se observa nesta escola, o professor respeita as capacidades e conhecimentos dos seus alunos.

Segunda-feira, 18 de junho de 2012

Nesta manhã estive com uma aluna a fazer o teste de Português, já realizado pela restante turma no dia anterior.

No recreio estive com um grupo de alunos que se debatiam acerca da utilização de *piercings* e tatuagens. Já na sala de aula fizeram um ditado e ilustraram-no.

Posteriormente realizaram exercícios de revisão – expressões numéricas.

Inferências

O recreio é um bom espaço para perceber algumas das ideias que os alunos têm acerca de um determinado assunto. Pude escutar, neste espaço, uma discussão que alguns deles estavam a ter em relação à utilização de *piercings* e tatuagens. Algumas crianças diziam que quem utilizava *piercings* ou fazia tatuagens era drogado, enquanto outros discordavam. É possível observar que os alunos consoante o meio

onde vivem e o contacto que possam ter com pessoas que possuem estes adereços tenham opiniões divergentes. E desta forma curiosa, pude observar estes momentos em que se cruzam opiniões opostas e que são vistas de diferentes modos. Face a esta discussão os alunos recorriam a vivências muito particulares para se “defenderem” desse estigma social.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

Neste dia os alunos realizaram o teste de Estudo do Meio, que teve a duração de duas horas.

Num outro momento os alunos exercitaram alguns conteúdos gramaticais e ortográficos. Depois da realização dos exercícios fizeram a autocorreção dos erros cometidos.

Já na parte da tarde concluíram a proposta de trabalho de matemática que servia de revisões para o teste.

Inferências / Fundamentação Teórica

A avaliação, como já referi anteriormente, é uma prática constante na sala de aula. Os testes de avaliação revelam-se mais um momento desta atividade feita pelo professor para acompanhar o processo de aprendizagem do aluno.

Ribeiro e Ribeiro (1990, p.348) afirmam que o teste de avaliação consiste numa avaliação formativa e esta “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam”. Assim, através destes momentos o professor fica a par dos conhecimentos dos alunos e adota estratégias, sempre que necessário, para facilitar e fazer entender ao aluno os conteúdos do currículo que deverão ser trabalhos e adquiridos pelo aluno.

Em relação aos exercícios ortográficos as crianças ao fazerem a autocorreção através da comparação do seu erro com a correção no quadro das palavras ditadas ficam mais sensibilizadas e atentas para futuros erros cometidos na escrita destas palavras pois verificam as palavras que escreveram e onde erraram na sua escrita.

Em relação às revisões para o teste é importante que sejam feitas de modo a abordar sinteticamente os conteúdos já abordados. Meirieu (1998, p. 81) propõe “três tipos de actividades para fazer revisões para um teste: uma memorização activa e sistemática dos conteúdos adquiridos, um inventário e o aprofundamento dos pontos mais delicados e uma passagem exaustiva de toda a matéria”. Deste modo, o

professor salientou os pontos fulcrais, dando ênfase àqueles que as crianças apresentavam mais dificuldades ou dúvidas.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

Este foi o último dia de estágio, na sala dos alunos do 3.º ano que coincidiu com as Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP) dos meus colegas do Mestrado de Educação Pré-escolar e os do Mestrado de 1.º ciclo do Ensino Básico. A turma do 3.º ano foi para uma visita de estudo à Kidzania enquanto eu e a minha colega ficamos na escola a ajudar as nossas colegas na preparação das aulas e posteriormente assistir às mesmas.

Inferências

Ao longo deste dia, pude assistir e participar na preparação das aulas finais – PPACP. Durante a manhã tive a oportunidade de assistir a duas aulas em salas do pré-escolar (5 anos) e a uma aula na sala do 4.º ano de escolaridade. Todas as aulas foram muito apelativas. As alunas estagiárias recorreram a materiais muito apelativos e a temas interessantes, utilizando estratégias adequadas à faixa etária e à turma onde estavam.

1.7. 7.ª secção: 1.º ano

1.7.1. Caracterização de turma

A turma do 1º ano B é constituída por 25 alunos, sendo 10 do género feminino e 15 do género masculino.

Um dos alunos tem diabetes necessitando de doses de insulina, várias vezes por dia.

1.7.2. Caracterização do espaço

A sala de aula é composta por mesas retangulares onde os alunos se sentam a pares e virados para dois quadros de giz. Nas paredes é possível observar quadros para serem afixados os trabalhos dos alunos, bem como alguns armários de arrumações de *dossiers* e de material escolar. Esta sala tem o privilégio de receber ao longo do dia bastante luz natural que resulta das grandes janelas de uma das paredes da sala.

1.7.3. Rotina diária

Os alunos desta turma reúnem-se no ginásio da escola onde ocorre o acolhimento durante a manhã. Aqui estas aproveitam para brincar umas com as outras até às 9 horas, momento em que se dirigem à casa de banho para de seguida se deslocarem até à sala de aula onde ao longo da manhã, de acordo com o horário, é feita a chamada à Cartilha Maternal. Por volta das 11 horas, vão para o recreio onde permanecem durante 30 minutos e é nesta altura que comem pão ou bolachas.

De seguida voltam para a sala de aula até às 13 horas, dirigem-se à casa de banho e vão almoçar na sala de aula.

1.7.4. Horário de turma

O horário que se segue refere-se à turma do 1.º ano (figura 31).

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09:00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11:00					
11:00 -11:20	Recreio				
11:20	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12:10					
12:10	Expressão e Educação Musical	Assembleia de Turma		Expressão e Educação Físico-Motora	
12:40					
12:40					
13:00	Higiene/Almoço/ Recreio				
14:30					
14:30	Matemática	Estudo do Meio	Inglês	Português	Estudo do Meio
15:20					
15:20	Inglês	Expressão e Educação Físico-Motora	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Educação e Expressão Plástica (15:30 - 17h)
16:10					
16:10	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressão e Educação Musical	
17:00					

Figura 31 – Horário dos alunos do 1.º ano.

1.7.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Segunda-feira, 24 de setembro de 2012

Neste dia os alunos do Mestrado reuniram-se no Museu da Escola Superior de Educação João de Deus, como acontece sempre no início do semestre.

Inferências

Na reunião, eu e a minha colega soubemos que iríamos estagiar com mais duas colegas do Mestrado do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Este foi o primeiro dia que de estágio na turma do 1.º ano. Os alunos e as estagiárias apresentaram-se.

Os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Estudo do Meio, enquanto outros eram chamados para a lição de revisão do dia na Cartilha Maternal. Após lerem a palavra tinham de inseri-la numa frase. Depois dos alunos concluírem a proposta de trabalho tinham como tarefa ler um texto do manual escolar.

Na área de Matemática os alunos trabalharam, a pares, com os Calculadores Multibásicos a adição até à ordem das dezenas, a decomposição dos números e a leitura dos mesmos. Durante esta aula a professora alertou para as regras e utilizou uma estratégia de comportamento que consistia em: agrupar os alunos por filas, representando desta forma um grupo, e anotar o desempenho consoante as respostas que estes davam e a postura/comportamento que tinham ao longo da aula.

Num segundo momento, os alunos fizeram uma proposta de trabalho, na área de Português, sobre a letra <d>.

Inferências / Fundamentação Teórica

O método de leitura João de Deus insere-se no Modelo Interativo de Leitura. Este modelo, como refere Ruivo (2009, p. 92) é aquele que representa uma “concepção em que o acto de ler é o produto da utilização de várias estratégias...” e que “consiste em representar ou organizar a informação em função dos conhecimentos prévios do leitor”. Este Método de Leitura João de Deus é adequado a todos os alunos. Segundo Alegria (1989 como citado em Ruivo, 2009, p.100) “associa a capacidade fundamental da descodificação com a necessária compreensão do texto lido para que leitura seja efectivamente conseguida na sua plenitude”. Desta forma a

criança tem num primeiro momento contacto com as letras, as palavras e a pontuação à medida que vai adquirindo os conhecimentos necessários para uma compreensão total daquilo que lê. Este método que se sustenta num suporte físico denominado de Cartilha Maternal faz parte da vivência das crianças que o trabalham desde os 4/5 anos de idade, logo, ao chegarem ao 1.º ciclo, muitos deles já se sentem familiarizados com esta rotina de “ir à Cartilha Maternal” aprender uma nova lição.

Desta forma, e citando Ruivo (2009, p.100) o método João de Deus “constrói na criança as estruturas mentais e os pré-requisitos essenciais ao desenvolvimento da competência da leitura, fazendo um estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança, através de lições, concebidas pelo seu autor com uma estrutura muito definida e organizada que permite estas aprendizagens.” Ao longo do estágio no primeiro ano, todos os dias é possível observar a evolução destas estruturas mentais que facilitam a aprendizagem da leitura na criança.

Sexta-feira, 28 de setembro de 2012

A professora hoje começou por ler uma história intitulada de “O Cuquedo” da escritora Clara Cunha. À medida que a professora lia a história os alunos começaram, em coro, a contá-la. Pontualmente a professora completava alguns diálogos que os alunos já não se recordavam.

De seguida aprenderam uma nova letra, o <p>. Através da Cartilha Maternal a professora perguntou aos alunos o nome da letra e pediu para que lesse algumas palavras. Num segundo momento escreveu uma frase no quadro, solicitou um aluno para a ler e depois de a ter apagado do quadro ditou para os alunos escreverem-na na proposta de trabalho.

Já na área da Matemática, a professora solicitou a ajuda de dois alunos para distribuir o material e trabalhou a leitura de números até à classe das centenas bem como a decomposição de números. Depois introduziu novos conceitos na leitura de números, tais como a leitura por ordens e a leitura por classes.

Inferências / Fundamentação Teórica

As histórias que são lidas às crianças são momentos muito entusiasmados para elas. A magia, a interação e intervenção que possam vir a ter na história revela-se um momento muito positivo e alegre.

Martins e Niza (1998, p.205) afirmam que:

geralmente quando lemos um texto, servimo-nos ou apoiamo-nos nos conhecimentos prévios que temos sobre o tema que trata e sobre a estrutura de textos semelhantes já por nós conhecidos. Tais conhecimentos facilitam a leitura dado que nos permitem fazer antecipações. (p. 205)

Foi o que aconteceu nesta manhã, o livro que a professora levou já era do conhecimento dos alunos. Desta forma assim que a professora começou a ler, os alunos, em coro, continuaram a história recitando cada diálogo e cada narração que existia neste texto. Gostei bastante deste momento, pois os alunos apesar de estarem todos a “falar” conseguiram tornar este momento interessante, pois todos eles sabiam de cor cada fala e puderam divertir-se com este texto relembando a história e a moral que esta tinha.

Durante a atividade de Português, a professora foi sistematicamente relembando as regras da Cartilha Maternal. Este método de leitura é bastante peculiar. Ruivo (2009, p.116) afirma que “cada letra consoante é incluída numa lição em que estão reunidos os seus diferentes valores, as letras consoantes são ordenadas em função do seu número de valores, sendo ensinadas primeiro as que correspondem foneticamente a fricativas “certas”, ou seja aquelas que só têm uma leitura, um valor, um som.” Os alunos durante estas primeiras semanas reviram algumas destas letras, relembando o modo como tinham de colocar os lábios para pronunciar cada letras.

Na área de matemática, achei muito interessante e apelativo o modo como a professora introduziu os novos conceitos de leitura de números. A meu ver, foi bastante curioso, para além de nunca ter visto o iniciar desta matéria permitiu-me perceber que a estratégia utilizada tinha bons resultados e que os alunos percebiam e entendiam aquilo que era suposto trabalharem naquela aula. Para tal desenhou no quadro um comboio com as janelas (ordens) e por cima o nome do comboio (classe). A professora referiu que para lermos por classes um número inteiro dizemos apenas o número e depois a classe a que pertence. Na figura 32 apresenta-se a figura utilizada.

Durante este exercício a professora foi colocando o número que estava a trabalhar debaixo de cada ordem correspondente e de seguida pediu a uma criança para o decompor.

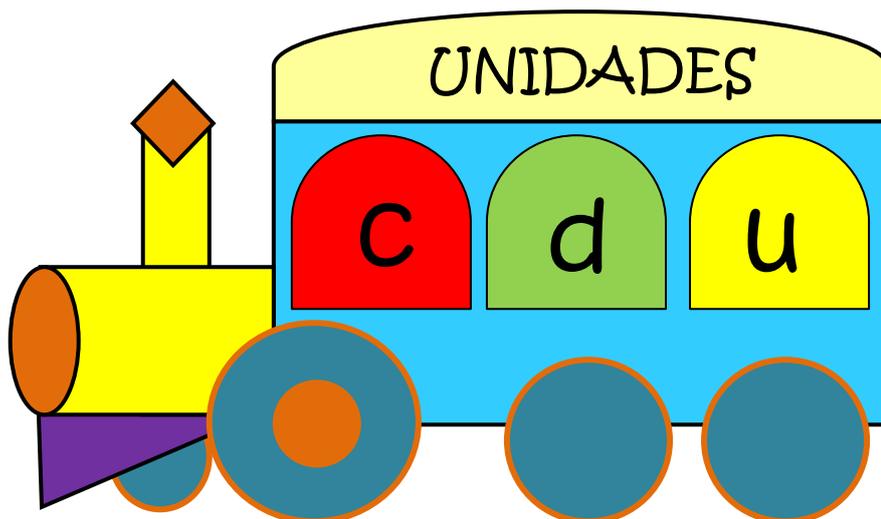


Figura 32 – Comboio representativo das ordens e das classes da unidade.

Segunda-feira, 1 de outubro de 2012

Os alunos estiveram a dialogar com a professora sobre o que estiveram a fazer no fim-de-semana.

De seguida a professora fez a revisão da letra <l>, pedindo a alguns alunos que lessem uma palavra da Cartilha Maternal com esta mesma letra formando posteriormente uma frase. Para consolidar a matéria foi-lhes distribuído uma proposta de trabalho.

Na área da matemática, os alunos estiveram a trabalhar com o material estruturado *Cuisenaire* ao qual iniciaram o tema sobre o pictograma. Depois de aprenderem a função dos eixos e o que cada elemento representava no gráfico, os alunos fizeram a análise do mesmo respondendo oralmente a algumas questões colocadas pela professora.

Num outro momento, os alunos tiveram aula de música, onde reviram a clave de sol e aprenderam pela primeira vez a clave de fá e toda a sua pauta.

Inferências / Fundamentação Teórica

A professora ao abordar o novo tema acerca do pictograma relacionou-o com os materiais escolares adquiridos pelos alunos de modo a fazer uma associação daquilo que é habitual no dia a dia. Desta maneira a criança percebe qual é a funcionalidade e importância destas representações no seu dia a dia.

Segundo Martins, Loura e Mendes (2007, p.28) os pictogramas são “uma representação gráfica (...) Começa-se por escolher uma figura ilustrativa da unidade

observacional. Cada figura pode representar uma ou mais unidades observacionais”. Durante esta aula a professora escolheu como figura um gelado, que se revelou uma figurante apelativa pois faz parte da vivência dos alunos.

Moreira e Oliveira (2003, p. 66) salientam que “para relacionar conceitos podem usar-se vários tipos de representações: a gráfica, a icónica e a simbólica”. Ao explorarmos estas representações é importante facilitar à criança “um amplo leque de possíveis representações as quais são importantes na definição de estratégias mobilizadas na resolução de problemas e outras actividades matemáticas.” Os alunos, durante a aula puderam construir e interpretar o gráfico – pictograma, segundo as indicações que lhes tinham sido fornecidas.

O professor de música para ensinar uma matéria nova aos seus alunos optou por contar uma história muito divertida e animada que despertou a atenção dos alunos. Esta história pretendia que os alunos ficassem a saber porque é que na música existe a clave de sol e a clave de fá.

Terça-feira, 2 de outubro de 2012

No início da manhã a professora ensinou a ler as vogais acompanhadas de uma consoante <l> pertencente à mesma sílaba (al, el, il, ol, ul). Na continuidade desta tarefa os alunos leram algumas palavras formando frases e de seguida realizaram uma proposta de trabalho onde aplicaram o que aprenderam.

De seguida, já na área de matemática os alunos iniciaram a matéria sobre simetrias. Numa folha branca traçada com um eixo de simetria os alunos escolheram várias cores de guache e colocaram algumas gotas num lado do eixo, depois com a ajuda das estagiárias presentes na sala, dobraram a folha ao meio, pelo eixo de simetria, observando uma imagem espelhada no outro lado onde não tinham sido colocadas gotas de tinta.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a aula de matemática os alunos tiveram a oportunidade de observar o que aconteceu quando dobraram a folha pelo eixo de simetria. Observando deste modo uma figura simétrica no lado oposto da folha. Para Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p. 89), a simetria “proporciona oportunidades para os alunos verem a geometria do mundo da arte ou da natureza”. Com esta experiência, os alunos, de um modo concreto puderam retirar as suas próprias conclusões. Esta atividade foi muito divertida e teve a participação de todas as pessoas da sala de aula. Nós estagiárias

tivemos a oportunidade de ajudar os alunos a realizarem esta tarefa, como também de lhes explicar e fazer entender qual a função do eixo de simetria.

Segunda-feira, 8 de outubro de 2012

Logo de manhã a professora mandou recolher a avaliação do comportamento dos alunos, que é feita semanalmente, e que depois é enviada para os encarregados de educação assinarem.

A professora fez a revisão das consoantes que os alunos já tinham aprendido até à data. Depois fizeram uma proposta de trabalho onde tinham de copiar algumas frases e um abecedário escritas com letra de imprensa para letra manuscrita.

Neste dia os alunos trabalharam a pares com o 3.º e 4.º Dons de *Froebel*. Os alunos fizeram a construção da mobília de quarto e num segundo momento a construção da ponte. Durante esta aula a professora ia questionando a turma.

Inferências / Fundamentação Teórica

O comportamento das crianças é registado, pelos alunos e aprovado pela professora e todas as semanas remetida aos pais para tomarem conhecimento e devolverem assinada. De acordo com Pais e Monteiro (1996, p. 25), “para o desenvolvimento integral do aluno, é necessária a existência de regras, mas dando ao aluno possibilidade de as discutir, de apresentar o seu ponto de vista, de as negociar (...)” é ainda mais relevante pois ele tem a possibilidade de se autoavaliar e mostrar o seu ponto de vista relativamente às suas atitudes. É neste momento que a professora, depois de ouvir o aluno, concorda ou discorda da opinião dele e “valida” o seu comportamento.

Na proposta de trabalho, os alunos tinham como tarefa copiar algumas frases para treinar a sua caligrafia. Tal como afirma Luz (2002):

copiar bem, significa dominar uma série de operações: transpor de um plano para outro, de um tamanho para outro, perceber onde termina uma palavra e começa a outra, onde termina a linha e começa outra, decidir o que fazer ao resto da palavra ou da frase que não coube na linha onde se estava a escrever, adequar o tamanho das letras ao papel, enfim, resolver uma série de problemas. (p.22)

Este exercício permite que os alunos passem da letra de imprensa, habitual nos manuais e a transformem em letra manuscrita, tarefa que às vezes se torna desafiante para os alunos.

Terça-feira, 9 de outubro de 2012

Os alunos começaram a manhã por trabalhar com os Calculadores Multibásicos. Numa placa, cada um representava o número de peças que a professora ditava de seguida liam por cores, ordens e classes e posteriormente faziam a decomposição do número oralmente.

Num segundo momento a professora solicitou-me para que a ajudasse a fazer a avaliação oral de leitura de números. Enquanto a professora questionava os alunos, eu com o auxílio de uma grelha registava se a leitura dos alunos tinha sido Insuficiente, Suficiente ou Muito Boa. Durante esta avaliação a professora perguntou aos alunos qual era o algarismo que no número 133 valia mais, sendo que os alunos ao decompor o número e ao verem que a casa das dezenas representa uma quantidade maior que a das unidades, responderam com facilidade.

Na área de Português os alunos estiveram a fazer um “ditado mágico”. A professora escreveu a palavra no quadro e passado um tempo de os alunos a observarem apagou-a pedindo aos alunos que a escrevessem novamente na proposta de trabalho.

Inferências / Fundamentação Teórica

Com o auxílio dos Calculadores Multibásicos, os alunos puderam trabalhar vários objetivos traçados para aquele dia, um deles a leitura de números. De acordo com Caldeira (2009b, p.305) este material “é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças e seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, dois cor-de-rosa e duas de cor lilás. Encaixam umas nas outras e nos orifícios formando “torres”. Para trabalhar com este material, a mesma autora (2009a,p.189) realça ainda uma das regras principais para uma boa exploração deste material dizendo que “deve ser ensinado ao aluno que a cada furo corresponde a uma cor de peças, o que significa uma ordem numérica”. Assim a criança ao observar um conjunto de cores sabe identificar a ordem e classe a que cada uma pertence. Este material revela também um grande interesse pedagógico no sentido em que se situa “em termos matemáticos, em aspetos de: exploração de atributos; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição; leitura de números inteiros; operações aritméticas e as suas provas; situações problemáticas”.

Em relação ao ditado mágico, gostei bastante da estratégia que a professora utilizou. As crianças revelaram bastante atenção e curiosidade para a palavra que iria surgir e que posteriormente tinham de memorizar para a voltarem a escrever.

Sexta-feira, 12 de outubro de 2012

O dia iniciou-se com a leitura feita pela professora de uma história intitulada de “O Nabo Gigante” do escritor Alexis Tolstoi

Já na área da Matemática, os alunos trabalharam com o material estruturado *Cuisenaire* fazendo a escada crescente e decrescendo, lendo posteriormente por cores e valores. Com o mesmo material fizeram o “Jogo das Estações”.

Neste dia, visto que existia a “Feira do Livro” na escola, as crianças dirigiram-se até ao ginásio para comprar alguns livros.

Inferências / Fundamentação Teórica

É importante que as crianças ouçam histórias. Tal como afirmam Martins e Niza (1998, p. 88) as crianças “quando ouvem ler histórias (...) estão a familiarizar-se com a organização da linguagem escrita e estão a aprender a prestar atenção à mensagem linguística enquanto fonte principal de significado”. Este aspeto é bastante relevante para este ano de escolaridade, visto que, os alunos começam a fazer a interpretação de textos de modo a extraírem dele o seu conteúdo mais relevante.

A Feira do Livro é um evento que se torna muito apelativo para os alunos que ao contactarem com diversas imagens atrativas e alegres os cativam para a leitura, querendo saber e desvendar o que vai por detrás de uma capa tão elucidativa. É importante que seja inculcado na criança o gosto pela leitura, e estes momentos podem ser propícios à realização desse objetivo, pois existe um contacto direto com os livros e a criança pode manuseá-los e ver aquele que lhe é mais interessante.

Segunda-feira, 15 de outubro de 2012

Esta manhã a professora começou por falar sobre a família. Com o auxílio de algumas imagens falou do grau de parentesco de cada uma delas, em relação a uma criança, que por sua vez representava cada menino(a) da turma.

Inferências / Fundamentação Teórica

A família é um tema muito atrativo para as crianças, pois elas gostam em particular de falar da sua. A escola e a família estão ligadas no quotidiano das crianças e segundo Kaloustian (1988 como citado em Reis, 2008)

É a família que propicia os aportes afectivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. (p.61)

Neste sentido é importante que haja uma ligação constante entre estas duas entidades para que a criança consiga ter um equilíbrio emocional e afetivo de modo a que se sinta confiante e motivada para a aquisição de conhecimentos ao longo da sua vida escolar.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012

Este dia foi lecionado por uma das minhas colegas de estágio e abordou os seguintes temas: na área de Português - Género masculino e feminino; em Estudo do Meio - Roda dos Alimentos e em Matemática ensinou algumas construções com o material estruturado 3.º e 4.º Dom de *Froebel*.

Inferências / Fundamentação Teórica

Pela primeira vez, vi esta colega a lecionar uma aula. Fiquei bastante satisfeita com a sua prestação ao longo da mesma. Ela manteve um dinamismo e uma alegria constante ao longo da sua manhã, o que favorece a aprendizagem dos alunos, no sentido em que estes se demonstram mais predispostos a aprender. No entanto é importante que se estabeleçam regras e que se as façam cumprir ao longo de todas as atividades planeadas para o dia, o que não aconteceu.

Segundo Costa (1998, p.29) “a amizade é baseada na reciprocidade, do dar e receber, no investimento, no compromisso entre indivíduos que se reconhecem como iguais ou similares, numa relação simétrica” o que não é suposto acontecer neste caso, pois existe uma distinção hierárquica entre o aluno e o professor que é bastante visível. Esta postura leva a que haja indisciplina e mau funcionamento das propostas planeadas, devido à indisciplina dos alunos. Tal como afirmam Pais e Monteiro (1996, p.22) é importante que o professor desde o primeiro dia do ano letivo imponha regras na sala de aula e que as faça cumprir, sem nunca as deixar “cair em esquecimento”, dando-lhes continuidade. Caso isso não aconteça o professor “perde a sua autoridade

perante os alunos” o que posteriormente terá consequências negativas para um “bom clima de trabalho em sala de aula.”

Foi o que se observou durante esta aula, a aluna que estava a lecionar não fez cumprir as regras estabelecidas e já do conhecimento dos alunos, nem adotou outras novas de modo a estabilizar a agitação que se fazia sentir naquele momento.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Os alunos neste dia começaram por ouvir uma história: “O macaco do rabo cortado” através de um CD. Enquanto os alunos ouviam a história eu e as minhas colegas estávamos a cortar e a plastificar imagens de gelados para a aula de Matemática sobre os pictogramas. Nessa aula os alunos iam completando o pictograma no quadro à medida que o faziam igualmente no lugar, mas em suporte de papel, pintando imagens.

Inferências / Fundamentação Teórica

É importante inovar o modo como “contamos” histórias. Os alunos revelaram-se entusiasmados pois tinham, como grande desafio, imaginar o que acontecia no decorrer da ação, ao contrário do que é habitual, são-lhes mostradas imagens consoante o tempo e espaço em que decorre a história. A meu ver é uma estratégia que para além de ser diferente suscita maior interesse. Desperta também uma imensidão de sensações através dos diversos sons, que em simultâneo nos transmitem informações dos locais onde se passa a ação, como por exemplo: do estado de tempo e da agitação ou acalmia em que ocorre a história. Todos estes elementos audíveis que completam a história são muitas vezes omissos na oralidade devido à diversidade de interrupções que surgiam caso quiséssemos transmitir tudo aquilo que imaginássemos naquele momento. O facto de a professora ter adotado esta estratégia, diferente do habitual, foge à rotina da leitura de história e leva o aluno a adquirir outras competências na aprendizagem da matéria lecionada. Tal como afirma Borràs (2001, p.281), as estratégias “têm como função orientar a tarefa do professor e guiar o processo de aprendizagem do aluno” e foi desta forma diferente que a professora captou, de outra maneira, a atenção dos alunos.

Em relação à aula de matemática, os alunos estavam bastante participativos e cooperantes na atividade proposta, pois muitos deles, já tinham algumas noções daquele tipo de gráfico. Segundo Aharoni (2012, p.74) “um dos princípios fundamentais do ensino é começar pelo familiar. Se um aluno já tem uma estrutura de pensamento na sua mente, use-a.” E desta forma o aluno pode exprimir-se dando a

conhecer aos restantes colegas e alunos aquilo que sabe, fazendo uma partilha pertinente e sequencial em relação ao conteúdo abordado.

Segunda-feira, 22 de outubro de 2012

De manhã os alunos falaram sobre o que fizeram no fim de semana. Depois deste momento inicial, trabalharam com o material estruturado 3.º e 4.º Dom de *Froebel*. Construíram a escadaria e responderam oralmente a algumas questões de cálculo mental que a professora foi fazendo. Em Português os alunos fizeram alguns exercícios de diferenciação entre as consoantes: “c” e “q” e de seguida fizeram um exercício ortográfico onde aprenderam a fazer parágrafos.

No final da manhã tiveram aula de música.

Inferências / Fundamentação Teórica

Todas as segundas-feiras, os alunos falam sobre o que fizeram no fim de semana e partilham, com os seus colegas, as vivências que tiveram. Nestes momentos existem sempre alguns diálogos entre professor-aluno e aluno-aluno, de acordo com a curiosidade e as partilhas que se estabeleceram ou não entre os alunos da turma, visto que, muitos deles encontram-se fora da escola. Estanqueiro (2010, p.40) revela que “o diálogo na aula é (...) uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências da comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprender-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando.” É importante que o professor adote a postura de “mediador” no sentido de controlar a disciplina na sala de aula, dando espaço a cada aluno de falar e ouvir o que os outros têm para dizer.

A aprendizagem da leitura é uma rotina neste ano de escolaridade, em que a criança relembra ou aprende algumas estratégias para aprender a ler. A Cartilha Maternal, como já foi referido anteriormente, é o suporte físico para esta aprendizagem e este método denominado de Método João de Deus tem como particularidade, segundo Deus (1997, p.7) um “conjunto de processos e meios que possam facilitar a aquisição do acto de ler” de tal modo que para facilitar a memorização da pronúncia e da grafia de uma letra são dadas a estas mnemónicas, que segundo Ruivo (2009, p.141) são “«nomes» que deu às consoantes «incertas» para que fosse mais fácil aprender os seus diferentes valores”. A Cartilha Maternal permite desta forma que a criança se recorde mais facilmente das letras que aprendeu.

Terça-feira, 23 de outubro de 2012

Neste dia uma das minhas colegas de estágio deu aula sobre os tipos de dentes que o ser humano tem, bem como da importância de ter uma dentição saudável e do que temos de fazer para que isso aconteça. Depois referiu a função de cada dente e distribuiu uma proposta de trabalho. Na aula de Matemática realizou um pictograma e a Português trabalhou a morfossintaxe de palavras quanto ao número (singular/plural). Ainda nesta área a aluna fez um jogo de revisão sobre a matéria dada.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei bastante do modo descontraído com que esta minha colega se apresentou perante a turma, visto ser a primeira aula que lecionava no decorrer do seu percurso académico. Consegui manter a disciplina utilizando uma estratégia de comportamento que tinha como objetivo a cooperação entre os alunos, no sentido em que estes, divididos por equipas, tinham de se comportar bem, caso contrário toda a equipa era penalizada. No entender de Sousa (1995, p.47) o estatuto do professor dá-lhe “autoridade” para exigir disciplina e assumir um papel de ensinante, educador e transmissor, ao mesmo tempo que lhe proporciona a possibilidade de controlar e sancionar. Este deve, assim, conservar toda a sua autoridade intelectual e moral, não a impondo aos seus alunos, mas pondo-a antes ao seu serviço.

No decorrer da sua manhã a minha colega demonstrou-se bastante afetiva com os alunos o que é desejável em contexto de sala de aula. De acordo com Maya (2000), este relacionamento:

(...) pode criar um clima positivo de sala de aula, o qual favorece o sucesso em termos académicos, promove a autoestima de cada jovem e possibilita o desenvolvimento de formas de relacionamento saudável entre pares e para com o professor. A melhoria das relações pessoais do professor com os seus alunos, ao proporcionar um clima de confiança, permite reduzir as tensões, as angústias e os problemas disciplinares dos jovens. (p.20)

Foi o que se observou ao longo da manhã, os alunos foram bastante receptivos às atividades planificadas para o dia e demonstraram sempre bastante disposição e interesse em participar, mantendo sempre a disciplina.

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012

Neste dia a equipa de professoras da supervisão pedagógica estiveram presentes na escola. Foi-me solicitado que lecionasse uma aula de Português, de modo a trabalhar a leitura com o apoio da Cartilha Maternal. A professora orientadora

da prática pedagógica disponibilizou-me algumas imagens para trabalhar com os alunos. Assim distribuí as imagens, com a ajuda de um aluno, para estes a legendarem enquanto, eu, com um grupo de alunos fazia a leitura preparatória de uma palavra e de seguida pedia-lhes que a inserissem numa frase.

Inferências / Fundamentação Teórica

Fiquei agradavelmente surpreendida quando me foi proposto dar uma lição de Cartilha Maternal, visto que, gosto imenso de trabalhar com este método de aprendizagem da leitura. No entanto tenho a noção que não fui sempre sequencialmente lógica nas perguntas que coloquei às crianças. Contudo, não deixei de estruturar bem as questões para que fosse feita uma boa leitura, recorrendo ao ponteiro. Segundo Deus (1997, p.92) é essencial para regular e dar “ritmo à leitura durante o estudo feito na Cartilha Maternal.

Deus (1997, p.62) refere que as consoantes incertas são aquelas que “têm mais do que uma leitura”. Recorri às mnemónicas já conhecidas pelos alunos. Papalia, Olds e Fedlman (2001, p. 430) referem que as mnemónicas são “dispositivos para ajudar a memória. As crianças poderão descobrir técnicas mnemónicas por elas próprias ou podem ser ensinadas a usá-las”. Durante a aprendizagem desta letra, utilizando este método de leitura, os alunos foram capazes de assimilar os conteúdos pretendidos recorrendo-se destas estratégias.

Segunda-feira, 29 de outubro de 2012

O dia começou com a leitura de um livro “O gato gatão poeta de profissão” da autora Graça Breia, que uma criança levou para a escola. Depois a professora fez a revisão do valor do <g> interligando as palavras escolhidas com a história lida.

Na área da matemática os alunos trabalharam com palhinhas os conceitos de: duplo, triplo, quadruplo e metade, bem como, as várias maneiras de decompor um número.

Neste dia os alunos não tiveram aulas de música pois passou a ser lecionada à quarta-feira.

Inferências / Fundamentação Teórica

No final da história a professora fez algumas questões acerca desta e recorreu a perguntas dirigidas. Como afirma Estanqueiro (2012, p.44) “as perguntas dirigidas à turma solicitam a participação voluntária sem forçar a resposta daqueles que preferem

manter-se calados. É preciso evitar que respondam sempre os mesmos (...).” foi o que se observou neste momento por parte da professora apelando a uma dinâmica de grupo, dirigindo-se a diferentes alunos, mesmo àqueles que não de predispunham a responder às questões colocadas.

Para dar diversos conceitos matemáticos a professora recorreu a palhinhas, material didático que segundo Mansutti (1993 como citado em Caldeira, 2009a, p.15) define como: “conjuntos de objectos que constituem ou formam uma obra, uma construção”.

Esta aula permitiu que os alunos observassem e manuseassem o material de forma a compararem as quantidades que lhes eram pedidas havendo por isso uma associação entre conceito-quantidade.

Terça-feira, 30 de outubro de 2012

Neste dia, lecionei todo o período da manhã de aulas. Iniciei o dia, com uma animação de leitura com o auxílio de um avental feito por mim (figura 33). Conteí uma história intitulada de “Jacaré com dor de dentes” que, tal como refere o título da história, falava sobre um jacaré que tinha dores de dentes por não saber trata-los bem. Desta forma pude fazer a ligação entre a área de Português com a de Estudo do Meio onde iria abordar a higiene oral. Em Matemática aproveitei a peça branca do *Cuisenaire* para fazer a interdisciplinaridade entre os dentes, também eles brancos, e a tabuada do 1.



Figura 33 – Momento em que conteí a história “Jacaré com dores de dentes”.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei particularmente desta manhã de aula, pois pude fazer uma animação de leitura, o que acontece e é mais visto, infelizmente, na educação pré-escolar. Senti que os alunos mal viram o avental ficaram muito entusiasmados e curiosos com a história que eu ia contar. O facto de eu levar fantoches e o próprio avental ser uma personagem tornou toda a história muito mais cativante. Contudo o auge aconteceu quando os alunos puderam interagir e ser eles mesmo também uma personagem e entrar na história, nessa altura a atenção ainda era maior e sentia-se o entusiasmo dentro da sala de aula. Fiquei bastante feliz por ver que esta aula motivou toda a turma, que os alunos gostaram da apresentação e da formação acerca da importância da utilização da escova, da pasta e do fio dentário e da forma como os devemos utilizar na nossa higiene oral e da sua importância no contexto da nossa saúde em geral.

É importante que o professor nestas alturas desmistifique os receios que os alunos têm ao ir ao dentista. Tal como afirmam Papalia, Olds e Feldman (2001, p. 400): “Os medos podem ser reduzidos se a criança vê outra pessoa fazer, sem receio, uma coisa que ela teme e, também, se for exposta ao estímulo produtor de medo, de uma maneira repetida e gradual.” Assim é bastante importante demonstrar e fazer entender à criança que as idas regulares aos consultórios médicos só nos beneficiam.

Já na área da Matemática, também gostei imenso de lecionar este conteúdo. Para além de gostar de trabalhar com materiais estruturados, este revela-se bastante interessante nas várias formas que nos possibilita trabalhar conteúdos matemáticos.

Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p. 49) referem que “ajudar os alunos a desenvolver estratégias que lhes permitam aprender a tabuada, como forma de facilitar o cálculo mental, o cálculo escrito e a estimação, contribui para que compreendam as relações entre os números e a raciocinarem”.

Ao longo da minha aula fui incidindo sempre no nome dos fatores (quantas vezes se repete?; o que se repete?). No entanto senti que fui demasiado exaustiva apesar de ir diversificando a dinâmica e a estratégia. Contudo durante a aula, sentia que era necessário isto acontecer porque algumas crianças não conseguiam responder corretamente quando se trocavam a ordem dos fatores (1×2 ; 2×1). Como afirma Englert e Sinicrope (1997 como citado em Ponte e Serrazina, 2000, p.152) “para uma boa compreensão deste algoritmo é imprescindível um bom domínio do valor de posição e a compreensão das propriedades associativa e distributiva da multiplicação em relação à adição, bem como o domínio dos factos multiplicativos

básicos”, sendo que esta operação aritmética traduz-se numa soma sucessiva de parcelas iguais.

No final da manhã após refletir sobre a minha aula, considerei que tive uma boa prestação e consegui cumprir com os objetivos a que me tinha proposto. Para além disso senti que despertei nas crianças interesse sobre a nossa saúde oral e um modo diferente de se ver a tabuada, mais lúdica e apelativa. Em relação a este momento achei que me excedi no tempo desta aula pois a minha preocupação em que os alunos entendessem o raciocínio era tanta que não me apercebi do tempo passar.

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Nesta sexta-feira os professores fizeram *roullement*, por isso muitos dos alunos não estiveram presentes na escola. Por consequência, os alunos do 1.º e 2.º ano juntaram-se na mesma sala e estiveram a decorar abóboras e a fazerem algumas bolachas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta manhã foi diferente. Os professores e os estagiários interagiram mais com as crianças, visto que, este dia foi mais dedicado a atividades lúdicas. Foi bastante interessante observar os alunos enquanto decoravam as abóboras apercebendo-me qual era o elemento do par que liderava e dava a ultima aprovação de que materiais iriam utilizar na decoração deste fruto.

Doise e Mugny (1981 como citado em Almeida, 2000) salienta que:

Nestas interacções as crianças aprendem a conhecer os pensamentos dos outros, a reconhecer e a lidar com as emoções, a inferir acerca dos motivos que subjazem aos comportamentos sociais e a ser capazes de compreender as intenções que estão associadas ao seu próprio comportamento e ao dos outros. (p.18)

É importante que haja momentos destes em que os alunos tenham a oportunidade de partilhar “suas” coisas com os outros e poderem também neste momentos confrontar ideias e pensamentos que podem divergir, e desta forma serem capazes de responder a estes conflitos de ideias e chegarem a uma conclusão.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Neste dia os alunos estiveram a fazer bolos e a enfeitar uma abóbora.

De seguida a minha colega de estágio teve aula surpresa supervisionada pelas professoras da Prática Pedagógica. Pediram-lhe que fizessem a leitura de números com os Calculadores Multibásicos.

Inferências / Fundamentação Teórica

A minha colega, no início da sua aula, lembrou as regras básicas para a utilização deste material. É importante que estas sejam lembradas para evitar comportamentos indesejáveis por parte dos alunos.

Pais e Monteiro (1996) afirmam que se devem:

(...) negociar regras de funcionamento em sala de aula. Para o *desenvolvimento integral do aluno*, é necessária a existência de regras, mas dando ao aluno a possibilidade de as discutir, de apresentar o seu ponto de vista, de as negociar. (pp.25-26)

Durante a aula da minha colega foi possível observar um envolvimento por parte dos alunos nas atividades que ela lhes propunha. Desta forma conseguiu que as crianças estivessem com ela durante a aula e tivessem um comportamento exemplar.

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

Neste dia estava programada uma aula de manhã inteira dada por uma das minhas colegas, no entanto esta só conseguiu lecionar duas das três áreas previstas, já que os alunos tinham uma ação de formação no ginásio da escola. Abordou o tema sobre a prevenção rodoviária, na área de Estudo do Meio, e na área da Matemática deu combinações com material não estruturado (peças de roupa).

Inferências / Fundamentação Teórica

Vou salientar neste dia a aula de Matemática lecionada pela minha colega que foi muito divertida. Os alunos puderam, através do material didático que lhes foi disponibilizado, conjugar de diversas maneiras a roupa do boneco. Estas imagens, segundo Ribeiro (1995, p.6) são consideradas como materiais não estruturados, ou seja, “material que na sua génese não apresenta uma preocupação em corporizar estruturas matemáticas”. Assim podemos dizer que um material didático é todo aquele que é aproveitado em sala de aula com o objetivo de ajudar a criança na sua aprendizagem.

Segunda-feira, 12 de novembro de 2012

A manhã começou pela apresentação de algumas árvores genealógicas feitas pelos alunos.

No momento seguinte a professora falou da “Lenda de Verão de São Martinho”, e no seguimento do tema, os alunos ordenaram algumas imagens de acordo com a lenda que lhes foi contada. No final legendaram e pintaram as imagens.

Depois a professora fez um ditado de lateralização. Na folha existiam várias castanhas e os alunos consoante a indicação da professora tinham de escrever uma palavra nesse determinado espaço (castanha).

Inferências / Fundamentação Teórica

Nestes dias a professora tem falado da família e neste sentido pediu às crianças que representassem a sua e a apresentassem aos restantes colegas. Com o anexo ou desenhos de alguns membros da família, as crianças levaram para a sala e afixaram a sua árvore genealógica no *placard*.

Segundo Simões (2006, p. 32), a família é “o primeiro núcleo de pessoas onde o indivíduo inicia as suas experiências de interação” este autor (p. 53) salienta ainda que “a família está ligada por laços de parentesco ou de afecto, mais amplos quando se trata da família mais próxima, que de parentes da família mais afastados”. Assim sendo, a criança tem a possibilidade de levar para o seu espaço escolar um pouco daqueles que tanto lhe são importantes. Nóvoa (1992, p.27) refere ainda que “as escolas com melhores resultados são, normalmente, aquelas que conseguem criar as condições propícias a uma colaboração das famílias na vida escolar.” Foi o que aconteceu na elaboração deste trabalho. A participação da família foi importante para a concretização deste, levando a criança a pedir ajuda e a complementar o seu trabalho com o apoio dos pais.

Terça-feira, 13 de novembro de 2012

Esta manhã foi lecionada pela minha colega de estágio. Num primeiro momento lecionou, na área de Português, “a notícia” e começou por ler uma, de um jornal, e posteriormente fez a interpretação da mesma. Em Estudo do Meio abordou alguns dos pontos turísticos da cidade de Lisboa e a Matemática introduziu os numerais ordinais.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei muito da forma como a minha colega introduziu o tema sobre a notícia. Considero importante que quando lecionamos uma aula se traga exemplos reais aos quais os alunos, muitas vezes, já têm acesso e conhecimento. Desta maneira, mais real e concreta o aluno pode observar e manusear a folha do jornal e ter um contacto direto com o que o professor quer abordar nessa aula, tornando-a mais motivante.

Na área da Matemática foram trabalhados os numerais ordinais. De acordo com Moreira e Oliveira (2003):

saber que o último número nomeado representa o último objecto da série (conceito de ordinal) e, simultaneamente, o total dos objectos (conceito de cardinal), estabelecendo a distinção destes dois aspectos, é fundamental para o número adquirir o seu estatuto numérico e esta capacidade é alcançada quando a ordenação se associa à inclusão hierárquica dos números. (p.126)

Assim através de um material apelativo, a minha colega conseguiu cumprir o plano e os objetivos a que se tinha proposto nesta aula.

Sexta-feira, 16 de novembro de 2012

Este último dia de estágio brindou-nos com uma visita de estudo ao Teatro Tivoli, em Lisboa para assistirmos a um musical infantil intitulado de “Uma viagem pelo Corpo Humano”.

Inferências / Fundamentação Teórica

Logo pela manhã as crianças reuniram-se na sala de aula para a professora alertá-las para os perigos que poderiam surgir, na rua, caso não estivessem sempre de mãos dadas ao seu par, ou saíssem do comboio (fila). No autocarro foram vários os avisos feitos acerca da utilização do cinto de segurança e as crianças, antes do autocarro partir, foram visionadas em relação à utilização deste.

Tal como afirmam Papalia, Olds e Feldman (2001)

Dentro ou perto de automóveis. As crianças com mais de 5 anos devem usar cinto de segurança bem ajustados, quando viajam de carro. Deve-se ensinar às crianças a olhar em ambas as direções quando atravessam a rua ou a atravessar apenas nas esquinas.” “No recreio. As crianças devem brincar em superfícies suaves como a areia, relva ou casca de árvores. Devem ser ensinadas a contornar os baloiços e estes devem ser colocados num espaço amplo, a descer os escorregas sentados, com os pés para a frente – nunca de cabeça; a usar as duas mãos nas cordas e a nunca subir para a barra húmida; a sentar-se face a face num balance, a agarrar-se com as duas mãos, a não se pôr de pé e a não saltar para fora. (p.413)

A visita de estudo ao teatro foi previamente planeada de modo a proporcionar às crianças uma boa experiência. Cordeiro (2008, p.424) refere varias vantagens na ida ao teatro: “(i) apreciação do teatro, como experiência estética; (ii) progressiva consciencialização dos valores culturais e sociais; (iii) aprendizagem de que a mesma pessoa pode desempenhar várias tarefas; (iv) aumento dos conhecimentos sobre a história e as suas personagens”. Já Carvalho (1995, p.173) salienta que “é na realidade exterior que reside o suporte de aprendizagens ativas, significativas e socializadoras”. E foi desta forma que o estágio no 1.º ano terminou, de forma lúdica em que a aprendizagem e o teor lúdico se cruzaram mais uma vez na aquisição e consolidação de conhecimentos.

1.8. 8.ª secção: 2.º ano

1.8.1. Caracterização de turma

A turma do 2.º ano é constituída por 24 crianças, sendo 13 do género feminino e 11 do género masculino. Com base na informação fornecida pela professora, a turma a nível cognitivo das aprendizagens é homogénea, embora haja quatro crianças com mais dificuldades na concentração da atenção.

A turma, no geral é bastante participativa e demonstra interesse nas atividades propostas. Demonstrem ser uma turma unida e muito afetuosa.

1.8.2. Caracterização do espaço

O espaço de sala de aula caracteriza-se pela sua forte iluminação, visto que duas das paredes têm várias janelas. As paredes estão forradas com matérias lecionadas e trabalhos realizados pelos alunos nas diversas áreas disciplinares.

Podemos observar também nas paredes o tema sobre a “selva” estando por isso a sala enfeitada com vários animais e vegetação que neste ambiente habitam.

Esta sala tem acesso a outras duas salas: de cerâmica e à sala da outra turma do 2.º ano.

1.8.3. Rotina diária

As rotinas desta turma são semelhantes às dos outros alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, havendo apenas alteração no horário que será apresentado mais à frente na figura 34.

1.8.4. Horário de turma

A figura 34 representa o horário dos alunos do 2.º ano de escolaridade.

	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09:00 10:00	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
10:00 11:00	Matemática Estudo acompanhado	Português	Matemática	Português Estudo acompanhado	Matemática
11:00 11:20	Recreio / Higiene				
11:20 13:00	Estudo do Meio (Clube de ciências - quinzenal - 11h20 / 12H10 Português	Matemática	Português	Matemática Assembleia de turma (12h40/13h	Português
13:00 14:30	Higiene/ Almoço / Recreio				
14:30 15:20	Expressão e Educação Musical	Educação Física	Estudo do Meio	Expressão e Educação Musical Cerâmica	Estudo do Meio
15:20 16:10	Expressão e Educação Plástica	Estudo do Meio / Português (quinzenal)	Inglês	Estudo do Meio Ed. Cidadania	Inglês
16:10 17:00		Estudo do Meio Área de projeto	Área Projeto		Ed. Cidadania
17:00	Lanche				

Figura 34 – Horário dos alunos do 2.º ano.

1.8.5. Relatos diários e fundamentação teórica

Segunda-feira, 19 de novembro de 2012

Este foi o primeiro dia de estágio na sala dos alunos do 2.º ano. A professora titular de turma, fez logo as apresentações entre nós e os alunos.

Estes trabalharam a adição sem empréstimo até à classe dos milhares com o material estruturado Calculadores Multibásicos. De seguida fizeram a prova dos nove. A professora faz constantemente o reforço positivo às crianças sempre que concretizam acertadamente um exercício, utilizando umas borboletas como forma de “reconhecimento”. No seguimento das provas, os alunos aprenderam a realizar a prova real pela mesma operação. Por fim fizeram a leitura de números por ordem e classes.

Inferências / Fundamentação Teórica

Deve-se a João António Nabais o aparecimento dos Calculadores Multibásicos. Segundo este autor (1986 citado em Caldeira, 2009a, p. 188) a “verdadeira matemática” deve “saltar dos dedos dos alunos, através de múltiplas e variadas experiências”. Refere ainda o interesse pedagógico deste material e passo a salientar alguns dos aspetos que foram trabalhados em sala de aula: “exploração de atributos; contagem de quantidades; valores de posição (ordens e classes); leitura de números inteiros; operações aritméticas (e provas); situações problemáticas; (...)”. No decorrer desta aula a professora explorou aquilo que já era do conhecimento dos alunos e gradualmente foi introduzindo novos conceitos.

A professora, durante as suas aulas, cria constantemente um clima positivo incentivando os alunos a responderem e reconhece sempre o seu esforço e raciocínio-lógico nas respostas que dão. De acordo com Arends (1999) um clima positivo é:

aquele em que os alunos têm expectativas de que cada um irá dar o seu melhor intelectualmente e se apoiam mutuamente; onde os alunos partilham elevado grau de influência potencial, tanto uns com os outros como com o professor; em que os níveis elevados de atracção existem, para o grupo como para um todo e entre colegas; em que as normas favorecem a realização do trabalho escolar, bem como maximizam as diferenças individuais; onde a comunicação é aberta e caracterizada pelo diálogo; e onde os processos de trabalhar e desenvolver-se em conjunto, enquanto grupo, são considerados, eles mesmos, relevantes. (p.112)

Assim o aluno, mais confiante pois sente conforto ao saber que está a ser apoiado, tem a iniciativa de participar abertamente nas atividades propostas em sala de aula, nunca temendo ser criticado por qualquer colega ou professor pois sabe que em conjunto a sua ideia pode ser completada com outra, chegando a uma conclusão coerente.

Terça-feira, 20 de novembro de 2012

Os alunos escreveram os sumários que tinham em atraso. Depois a professora fez a leitura modelo, de um texto do manual escolar, e de seguida pediu aos alunos que lessem para esta os puder avaliar nesse parâmetro. Os alunos depois de lerem, atribuíam uma classificação qualitativa, fazendo a sua autoavaliação que só depois era confrontada com a da professora. Sempre que os alunos se enganavam na leitura de uma palavra a professora intervinha para a corrigir, recorrendo sempre às regras da Cartilha Maternal. Após este momento responderam a algumas perguntas de interpretação.

Inferências / Fundamentação Teórica

A leitura modelo é importante para que o aluno, à medida que ouve e acompanha a leitura do texto, esteja atento à entoação e pontuação que este tem. Como afirma Cadório (2001, p.51) a leitura é normalmente

silenciosa, porém, na escola, pode haver benefícios de ela não se fazer exclusivamente por essa via. A leitura em voz alta, pelos alunos e sobretudo pelo professor, é um meio de os alunos captarem o ritmo, entoação e emoção de quem lê. É também uma forma de o professor mostrar fruição e intimidade com os livros e de, conseqüentemente, contagiar os auditores.

Desta forma o aluno deve ter perante si um bom modelo de leitura, para quando estiver a ser avaliado ter a noção do que é que o professor considera um bom leitor. Da maneira como se exprime e segue as regras de pontuação e entoação que o texto lhe “pede”. Neste sentido o aluno também se torna um avaliador da sua própria leitura, confrontando-a com o modelo anteriormente assistido.

A autoavaliação segundo Niza, Segura e Mota (2011, p.34) deve passar primeiro por uma motivação no desenvolvimento da “capacidade crítica de autoavaliação do seu trabalho, de modo a que possam converter-se em redactores eficientes e autónomos fora das paredes da escola.”

Esta oportunidade que o aluno tem em se autoavaliar, para além de lhe despertar o sentido crítico do seu trabalho escolar vai posteriormente refletir-se também na sua vida fora da escola.

Sexta-feira, 23 de novembro de 2012

O dia começou com os ensaios para a festa de Natal, no ginásio da escola. As turmas do 1.º e 2.º ano juntaram-se para definir o papel de cada aluno na peça de teatro que iam representar, em que o tema foi: “A cidade de Lisboa”.

Depois do recreio da manhã, os alunos realizaram uma proposta de trabalho de exercícios gramaticais.

Inferências / Fundamentação Teórica

A festa de Natal é um momento bastante ansiado pelos mais novos. A correria para os ensaios, os adereços, as falas que têm para decorar e a cooperação e organização que têm de existir para que tudo corra bem são os elementos fulcrais para este evento.

Segundo Aguera (2008, p73), “as festas e celebrações constituem atos extra, aos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagogicamente de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e integração das crianças”.

Nos ensaios é possível assistir a esta interajuda entre os vários alunos das turmas, para que o resultado final seja o melhor possível e que as crianças se possam orgulhar e mostrar aos seus familiares do seu esforço e dedicação resultante de horas de ensaios.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Mais uma vez o dia começou com os ensaios de Natal. Depois do recreio os alunos tiveram Clube de Ciências. Nesta aula realizaram uma experiência para verificarem se o gelo flutua ou não flutua quando colocado num copo com diferentes líquidos: água e álcool.

Na área de Português fizeram a leitura e interpretação do texto: “A menina Cabelinhos de Ouro” e uma ficha de revisão para o teste.

Inferências / Fundamentação Teórica

O Clube de Ciências é uma área curricular bastante enriquecedora para a criança pois esta estabelece uma relação com as ciências da natureza.

Segundo Charpark (1997, p.27) é no 1.º ciclo de estudos que “a criança é extraordinariamente receptiva às ciências da natureza: o seu ensino desenvolve a personalidade, a inteligência, o espírito crítico e a relação com o mundo” e desta forma a criança para aprender as ciências “não pode contentar-se com observar e manipular: deve ser guiada pelo professor e pelas suas perguntas”. Durante a aula foi possível observar isto, em que a professora guiava o pensamento dos alunos e seguia o protocolo experimental que lhes tinha distribuído e, passo a passo, explicava o que queria em cada item: primeiro o que os alunos achavam que iria acontecer, ou seja, as suas concepções alternativas, e segundo o que realmente acontecia. Foi uma experiência muito divertida e apelativa para as crianças, pois muitas delas tinham uma ideia diferente do que realmente puderam constatar através da observação direta que tiveram.

Terça-feira, 27 de novembro de 2012

Nesta manhã os alunos realizaram o teste de Avaliação Sumativa de Português. Após o teste os alunos dirigiram-se para o ginásio para ensaiar as falas e as danças da peça de Natal.

Inferências / Fundamentação Teórica

A avaliação é uma constante diária na vida escolar dos alunos. No entanto são feitos testes sumativos que segundo Leite e Fernandes (2003) “quando se fala de avaliação sumativa tem-se subjacente que se está a ajuizar sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos e as competências desenvolvidas durante um determinado período escolar: um ano lectivo; um final de ciclo; uma determinada unidade didáctica; ou o fim de uma acção educativa”. Desta forma a professora pode avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos no final desta unidade didáctica, e rever e adotar novas estratégias caso os conteúdos abordados não tenham sido compreendidos pelos alunos.

Sexta-feira, 30 de novembro de 2012

Nesta manhã os alunos estiveram a ensaiar para a festa de Natal. De seguida, fizeram a leitura e interpretação do texto “A borracha cansada” de António Torrado. Para finalizar a manhã os alunos fizeram a avaliação da leitura.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os ensaios da peça de teatro para a festa de Natal, têm sido bastante regulares ao longo destas semanas, em que as quatro turmas dos dois anos de escolaridade se juntam para ensaiar as entradas, posições, falas, etc.

Sousa (2003, p.86) refere que o teatro: “efetuado na escola, pelas crianças, tem existido sobretudo sob a forma de preparação para festas de Natal” e desta forma cabe aos professores e educadores realizar esta mesma festa com a antecedência de “uma ou duas semanas” colocando “de parte as atividades letivas” para assim conseguirem que “as crianças representem os papéis de algumas peças”.

Na minha opinião toda esta preparação deve ser feita com bastante antecedência, para que a criança ensaie as vezes que forem precisas até decorar os locais e percursos que tem de fazer em cima do palco. Desta forma a criança vai-se sentir mais confiante e segura daquilo que tem de fazer em cada momento da peça. Estes papéis vão ser bastante úteis e importantes no desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal da criança.

Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012

Os alunos começaram o dia por resolver alguns exercícios de matemática. No segundo momento da manhã fizeram a leitura e interpretação de um texto “O amigo Pai Natal” e depois responderam a algumas perguntas de interpretação e fizeram exercícios gramaticais relacionados com o texto.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os exercícios matemáticos colocados aos alunos foram bastante pertinentes e desafiantes. Castro e Rodrigues (2008) afirmam quanto às situações problemáticas que o importante é :

que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que se debatam com outra criança, num pequeno grupo, ou mesmo com o grupo todo, apoiando e explicando do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão. (p.37)

Quando os alunos corrigiram o problema puderam observar que existiam várias soluções para a mesma questão, o que permitia que todos chegassem a uma resposta utilizando diferentes estratégias e raciocínios.

Relativamente à aula de Português, a leitura, como se pode observar nos vários relatos anteriores faz parte do dia a dia dos alunos do 2.º ano de escolaridade, não só na leitura de textos, mas também na interpretação e leitura de enunciados de problemas matemáticos, questões de Estudo do Meio, entre tantas outras disciplinas que lhes são lecionadas e em que estão implícitas leituras e interpretações de questões que os alunos têm de perceber para conseguirem responder ao objetivo pretendido. Como afirma Mata (2008, p.79) ouvir uma leitura fluente “com a entoação adequada facilita o acesso ao sentido e à mensagem, a compreensão do que é ler e para que se lê, mas também desperta o interesse e a vontade em participar nesta actividade”. Assim é importante que o aluno esteja habituado a ouvir uma leitura fluente e que esta siga as regras de uma boa leitura, ou seja, que respeite os sinais de pontuação e entoação de modo a que o aluno consiga extrair a mensagem do texto.

Terça-feira, 4 de dezembro de 2012

Os alunos ensaiaram canções de Natal para a festa. Seguidamente, e já na sala de aula, realizaram a Avaliação Sumativa de Estudo do Meio. Num segundo momento, os alunos redigiram uma carta ao Pai Natal a pedir-lhe alguns presentes que gostassem de receber no Natal.

Inferências

Nesta manhã pelo facto dos alunos estarem a realizar o teste de avaliação não estabelecemos nenhum contacto com eles, visto que, este é um momento que implica alguma concentração e atenção.

Após este momento mais tenso os alunos escreveram uma carta ao Pai Natal pedindo-lhe alguns presentes.

Sexta-feira, 07 de dezembro de 2012

Neste dia deslocámo-nos até à Feira Internacional de Lisboa (FIL) para uma visita de estudo à exposição Natalis. Esta feira oferecia às crianças muitas atividades lúdicas e pedagógicas, entre elas: o *paintball*, jogo da glória gigante, experiências, jogos tradicionais, andar de cavalo, ações de formação em primeiros socorros, entre outras atividades.

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta manhã foi um pouco diferente, mais eufórica e divertida, em que os alunos puderam disfrutar das inúmeras atividades que a feira lhes proporcionou. Estes momentos são também bastante agradáveis para nós estagiárias, visto que temos a oportunidade de estar mais perto dos alunos e de partilhar mais uns com os outros. Foi também de extrema importância o nosso papel, pois foram feitos grupos e cada uma de nós responsabilizou-se por um deles. Neste sentido é bastante importante o nosso papel, no sentido de orientação e responsabilidade, pois nós, como adultos que somos temos o dever de saber gerir e organizar os mais novos, de modo a que estes também usufruam da melhor forma de todas as ofertas que esta feira lhes oferece.

Segundo Maya (2000, p.21) existem vários estilos de liderança, visto que eu estava responsável por um grupo e sendo o elemento fulcral que desempenhava o papel de líder identifiquei-me, segundo este autor, como sendo um líder do estilo democrático, visto que este se caracteriza por “tomadas de decisão baseadas no diálogo e na negociação com os intervenientes num determinado processo”. Só através do diálogo e da negociação, considerei pertinente a participação dos alunos nas atividades da feira, pois esta era dedicada a eles e consoante a preferência da maioria assim nos deslocávamos para uma determinada atividade e depois correspondíamos às necessidades e gostos dos outros elementos do grupo. Desta forma fui capaz de agradar a todo o grupo de modo a que todos fizessem o maior número de atividades, dando prioridade àquelas mais importantes para a sua formação pessoal, foi o caso da ação de formação de primeiros socorros.

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

A manhã foi passada, por mim e pelas minhas colegas de estágio, a fazer acessórios para a festa de Natal, enquanto os alunos pintavam as capas das avaliações. Depois os alunos fizeram a leitura silenciosa de um texto e uma ficha de exercícios ortográficos e a Matemática realizaram exercícios de simetrias.

Inferências / Fundamentação Teórica

É importante que haja cooperação entre os professores e os alunos estagiários de modo a que se crie um clima de interajuda, visto que o objetivo de ambos é que a festa corra da melhor maneira possível e que esteja tudo pronto atempadamente.

Desta forma, o nosso papel é muito importante nesta altura do ano, pois enquanto os professores estão a lecionar os conteúdos planificados para aqueles dias, nós adiantamos e organizamos os acessórios que são necessários para a festa, amortizando algum trabalho que os professores possam ter no final do dia, visto que ainda há bastante que fazer.

Citando Thurler e Perrenoud (2006, p.367) estes afirmam, relativamente aos estagiários, que “os mais cooperativos distanciam-se dos «individualistas inveterados» que encontram no caminho e sonham “cair” num estabelecimento que contenha poucos «combatentes solitários»”.

Neste sentido posso dizer que não me revejo no estagiário individualista, pois tenho sempre em atenção as necessidades do professor, disponibilizando-me, sempre que necessário, para o auxiliar.

Terça-feira, 11 de dezembro de 2012

Hoje foi o dia da festa de Natal. Esta teve lugar na igreja, perto da escola, de modo a garantir que houvesse espaço suficiente para o público, e para os alunos em palco, visto que em cada cena estavam a atuar vários alunos ao mesmo tempo.

Antes da festa do 1.º e 2.º anos houve a atuação das crianças da Educação Pré-Escolar que foram ajudadas pelas alunas estagiárias. Finalizada esta peça os alunos dos dois primeiros anos de ensino do 1.º ciclo atuaram, em conjunto.

Seguidamente, pais e alunos dirigiram-se às suas respetivas salas onde puderam comemorar esta festa com um pequeno lanche.

Inferências / Fundamentação Teórica

A festa de Natal é um momento bastante ansiado, pois os alunos ensaiaram canções, posições na peça e danças e querem que tudo corra como previsto. Os pais também demonstram partilhar desse mesmo sentimento, a ansiedade, pois acompanharam os seus filhos nestas semanas intensas. A expectativa vai de encontro ao receio que os filhos sentem em poder orgulhá-los com a sua prestação, neste momento escola-família. Segundo Lima (2002, p.284), “a relação escola-família tem vindo a ganhar visibilidade, havendo hoje uma consciência alargada sobre a

importância e a necessidade de os pais se envolverem na escolaridade dos filhos.” Esta necessidade é bastante visível, pois os alunos, quando estão em palco procuram sempre o seu “progenitor” de modo a garantirem que estão lá para os apoiar, fotografar naquele momento importante e aplaudir depois de uma atuação feita com grande esforço e dedicação.

Para mim, a festa de Natal é uma mais-valia para toda a comunidade escolar, pois consegue reunir pais, alunos e professores. É de salientar também todo o trabalho de equipa que houve, durante toda a manhã, por parte do corpo docente e não docente. Só assim foi possível realizar uma festa bonita e harmoniosa, em que todos puderam dar o seu contributo para que tudo corresse bem.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Neste dia os alunos receberam um pequeno presente da professora, um lápis. De seguida visualizaram algumas fotografias e filmagens da festa de Natal.

Inferências

Visto ser o dia pós festa, tornou-se também um dia mais descontraído, para que todos pudessem descomprimir um pouco de todas as semanas de correria para a preparação desta. A professora realçou a prestação dos seus alunos no dia anterior dando a todos os alunos os parabéns por se terem comportado muito bem. É, a meu ver, muito importante que se reconheça o bom trabalho feito pelos alunos e elogiá-los por isso, de maneira a que eles percebam que tivemos atentos a tudo o que se passou e que aquele esforço que tiveram não foi em vão.

Sendo esta época de troca e de partilha, a professora fez questão de oferecer um pequeno presente a cada um dos seus alunos, que desde logo ficaram radiantes.

Sexta-feira, 4 de janeiro de 2013

Este dia marcou o início do 2.º período. As professoras da prática pedagógica foram até à escola pedir a algumas das minhas colegas para lecionar uma área curricular. Assim fui assistir a duas dessas aulas no 4.º ano, em que ambas as alunas abordaram o volume do cubo com o auxílio do material estruturado *Cuisenaire*.

Quando regressei à minha sala de aula os alunos estavam a fazer exercícios de Matemática – Prova Real da Operação Inversa da adição.

Inferências / Fundamentação Teórica

As aulas surpresas são um momento tenso, em que depois de nos solicitarem para lecionar um determinado assunto temos de instantaneamente planear e organizar de um modo sequencial aquilo que vamos dizer e fazer. Na primeira aula, a minha colega não conseguiu ter um fio condutor coerente o que dificultou um pouco a aprendizagem deste conteúdo, o volume. Para Palhares (2004, p. 397) "(...) o volume de uma figura tridimensional é a quantidade de espaço que ele ocupa." Com o material que lhe tinha sido disponibilizado, poderia ter passado esta definição o que não aconteceu. Por vezes as estratégias que adequamos para uma determinada aula nem sempre são as melhores, de acordo com Lebrun (2002, p.148) devemos de ter em conta os "objectivos da actividade, a natureza do tema abordado, a composição do grupo-classe, os recursos e as ferramentas disponíveis e, finalmente, as afinidades pessoais do docente." Estes fatores devem-se ter sempre em conta de modo a atingir o sucesso num determinado conteúdo que queiramos abordar, caso contrário estamos em desacordo com os parâmetros que a turma assim nos exige.

Segunda-feira, 7 de janeiro de 2013

Os alunos, nesta manhã dirigiram-se para o ginásio onde a professora fez um jogo com eles sobre os verbos. Um aluno era escolhido para representar a palavra que a professora lhe tinha dito, e os restantes colegas tinham de adivinhar que ação é que esse aluno estava a representar.

Já na sala de aula, os alunos, na área da Matemática fizeram a leitura, por ordens e classes, de um número que a professora tinha escrito no quadro e indicaram o número de maior e menor valor relativo e absoluto. Depois fez a indicação de uma multiplicação e pediu a um aluno que achasse o seu produto enquanto explicava o seu raciocínio.

Depois do recreio os alunos tiveram Clube de Ciências. Neste dia fizeram uma experiência em que utilizaram pinhas como um hidrómetro natural quando colocada dentro de um copo de água.

Inferências / Fundamentação Teórica

Considerarei interessante o jogo que a professora realizou com os seus alunos, visto que o verbo "exprime a acção praticada ou sofrida pelo sujeito (...)"¹ segundo o o verbo logo o jogo de mimica enquadrou-se bastante bem para introduzir este

¹ Dicionário Básico de Língua Portuguesa (1996, p.483). Porto: Porto Editora

conteúdo de Português. O objetivo era que um aluno representasse o verbo que a professora lhe dizia, ou seja, uma ação, para depois os restantes alunos adivinharem o verbo que nela estavam implícitos.

Relativamente à experiência esta teve um grande impacto nas crianças. A professora explicou que o copo de água, onde era colocada a pinha, representava a humidade do ar, e dessa forma as crianças conseguiram observar o que lhe acontece quando existe muita humidade, ou quando chove. Foi-lhes explicado também que o facto de isso acontecer deve-se à proteção dos pinhões para que estes consigam manter-se secos. Os alunos ficaram surpresos com esta experiência pois remeteram-na para as suas vivências pessoais, pois já tinham encontrado muitas pinhas fechadas e outras abertas e não percebiam porque é que isso acontecia.

Citando Charpak (1997, p.29) que vai ao encontro do que aconteceu nesta aula, o mesmo refere que “a prática das ciências da natureza na escola primária proporciona uma ocasião excepcional para ajudar a criança a desenvolver e, depois, a organizar a sua relação com o mundo material (o real).

Terça-feira, 8 de janeiro de 2013

Esta amanhã foi lecionada por uma colega de estágio. Na primeira aula abordou os determinantes artigos definidos com o auxílio de um texto. De seguida, na aula de Estudo do Meio falou dos vários meios de transporte e a Matemática das medidas de comprimento.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante esta manhã foi evidente a preparação prévia da estruturação e planificação da aula. O material que distribuiu pelos alunos era muito apelativo e as crianças gostaram. Para Ruiz (1990, como citado em Braga 2001, p.35) planificar é “temporizar e preparar conteúdos, é também pensar na organização da sala de aula” e ter “a previsão da dinâmica e do ambiente em que levará a cabo.” Desta forma é importante que se planifique, se estruture e se faça um plano daquilo que pretendemos desenvolver e fazer em cada dia, de modo a estruturarmos melhor o nosso pensamento e as atividades.

Durante a aula, a ligação entre as várias áreas curriculares foi feita de um modo natural pois a minha colega teve o cuidado de fazer a interdisciplinaridade. Tal como afirmam Fourez, Maingain e Durfour (2002, p.25) a interdisciplinaridade, “(...) é utilizada para abarcar uma gama de práticas, na realidade, diferenciadas. Têm em

comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares”. Desta forma a minha colega conseguiu cruzar as várias áreas curriculares conseguindo ter uma sequência na passagem de umas para as outras.

Sexta-feira, 11 de janeiro de 2013

Mais um dia lecionado por uma colega minha, no entanto esta só conseguiu abordar duas áreas: Português onde fez a leitura de um texto e falou sobre os determinantes indefinidos e Estudo do Meio em que falou da prevenção rodoviária. Neste dia a minha colega não lecionou a área de Matemática porque os alunos às 12 horas tiveram de se dirigir ao ginásio onde foram assistir a uma palestra intitulada de “Hora do Conto”. Neste momento os alunos assistiram a duas dramatizações: “Os três reis magos” e “O travesseiro do rei”.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei bastante de assistir a esta peça de teatro, “Hora do Conto”, tal como o nome indica é uma hora em que os atores dramatizam alguns contos, o que foi muito interessante pois nunca tinha tido oportunidade de assistir a tal. Como afirma Gomes (2000, p.35) a hora do conto “ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das atividades capazes, pela sua prática continuada, de proporcionar o desenvolvimento do prazer, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias”.

Desta forma o contador de histórias e a dramatização reúnem-se de forma harmoniosa para despertar na criança a curiosidade, a atenção e concentração quebrando assim a rotina de leituras de textos, mas despertando o prazer de ouvir e ler histórias.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013

A minha colega de estágio deu neste dia a área de Matemática que não tinha conseguido lecionar no dia previsto.

Após o intervalo da manhã os alunos realizaram a leitura e interpretação de um texto e de seguida fizeram exercícios gramaticais e ortográficos.

Inferências / Fundamentação Teórica

O facto de a minha colega ter dado aula neste dia, foi de certo modo alterar um pouco a planificação semanal que a professora fez. No entanto é se salientar que o professor deve estar sempre pronto para alterações das suas atividades e neste sentido é importante que este seja organizado.

Pais e Monteiro (1996, p. 23) afirmam que “se o professor for organizado, ele passará a organização para os alunos, tal como a segurança se ele se mostrar seguro, ou a responsabilidade se se mostrar responsável”. É de extrema importância ter em conta toda a postura que o professor adota perante os seus alunos, pois estes vêm no professor um modelo a copiar e seguir.

Terça-feira, 15 de janeiro de 2013

Nesta manhã a minha colega lecionou as aulas planeadas para esta manhã. Começou por apresentar, com o auxílio do *Powerpoint* algumas instituições sociais e de seguida realizou um jogo de adivinhas sobre o mesmo tema. Na área de Matemática realizou algumas situações problemáticas e ensinou os alunos a Prova Real pela Operação Inversa da subtração utilizando os Calculadores Multibásicos. Já na área de Português fez a leitura e interpretação de um texto e abordou os pronomes pessoais através de material manipulativo – palavras móveis.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo desta amanhã a minha colega conseguiu ser dinâmica e apelar sempre às vivências dos alunos para abordar os temas planeados. As atividades propostas foram também elas desafiantes. Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010, p. 13) referem que estas atividades “devem respeitar o dinamismo construtivo do pensamento das crianças levando ao desenvolvimento da comunicação, através de diálogos e reflexões constantes e, conseqüentemente, a um enriquecimento profundo das primeiras noções matemáticas”, os mesmos autores salientam ainda que “as mesmas devem ser organizadas, selecionadas e sequenciais, de modo a permitir uma estrutura de complexidade crescente”. É importante que o professor conduza o pensamento do aluno de modo a que este chegue ao resultado esperado respeitando sempre as suas limitações e arranando estratégias diversificadas sempre que lhe seja possível.

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

Planeei para este dia uma manhã de aulas. Comecei por lecionar e introduzir o tema “verbos”, visto que a professora já tinha dado algumas noções sobre este conteúdo. Através de um *Powerpoint* com diversas imagens interativas, os alunos iam, quando solicitados, dizer qual era o verbo que estava implícito naquela ação. Depois explorei mais este assunto e falei dos tempos (Presente; Pretérito Perfeito e Futuro) no modo indicativo. Ainda nesta área abordei a que conjugações pertenciam os verbos e desafiei os alunos a conjugarem um deles. Na área de Estudo do Meio, fui para o ginásio, onde tinha montado uma maquete de uma cidade, a cidade de Alvalade. Distribui um bilhete de autocarro, pelos alunos, e abordei assim o tema: “Itinerários”. Numa primeira fase perguntei os percursos que os alunos faziam desde suas casas até à escola, o que viam, como vinham, entre outras coisas. De seguida, todos em conjunto percorremos um itinerário feito por mim, onde eu fui a “condutora do autocarro”. No final da viagem preenchemos o bilhete referindo o ponto de partida, os locais por onde passamos e o ponto de chegada. Para concluir a atividade levei alguns objetos: mochila da escola, mala de viagem e um cachecol, o objetivo era que cada aluno fosse ao respetivo local consoante o adereço que tinha, no entanto estava a ser guiado por outro colega que escolheria um itinerário.

Depois do recreio, e já na sala de aula, os alunos trabalharam com o Geoplano – simetrias. Comecei por fazer uma “experiência” com tintas de guaches numa das partes da folha que ao ser dobrada se sobrepunha, e de seguida utilizei um espelho para mostrar parte de uma imagem que só se descodificava, quando completada com a outra parte simétrica. Depois de definirmos em conjunto o que são simetrias de reflexão utilizámos o Geoplano em que os alunos desenharam a figura simétrica àquela que eu tinha feito e projetado na tela com o projetor. De seguida foi feita a correção no quadro e para concluir esta manhã de aulas os alunos representaram uma figura simétrica ao seu gosto e mostraram-na ao grupo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei particularmente desta aula, pois reconheço que tive um maior dinamismo ao longo de toda a manhã, o que considero ser uma evolução na minha prestação enquanto futura professora/educadora. O material que levei para estas aulas foi também ele bastante apelativo o que incentivou os olhares dos alunos e captou mais facilmente a sua atenção. Na minha opinião o modo como lecionamos as aulas e as estratégias que adotamos são essenciais para que a disciplina e o interesse dos

alunos se mantenha do início ao final da aula. No entanto cabe ao professor que assume a turma adotar determinados aspetos fulcrais para o bom funcionamento da aula. Nesse sentido acho que tive uma postura disciplinadora, sendo coerente com as regras estabelecidas. Tive em atenção circular pela sala de aula, mantendo uma postura atenta ao trabalho de cada aluno de modo a verificar se cada exercício estava correto. Tal como afirmam Moreira e Oliveira (2003)

as oportunidades para dialogar com as crianças ou com o educador no decorrer de uma actividade, ou em resposta a uma solicitação comunicativa, como por exemplo, responder a uma pergunta, justificar um raciocínio, apresentar um trabalho, ou expor uma conclusão, exercita as competências comunicativas da criança e estimula o seu raciocínio. (p.59)

Parti das vivências e intervenções deles, conseguindo assim manter um diálogo constante. As estratégias que utilizei foram dinâmicas o que permitiu também uma participação ativa de todas as crianças.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013 e terça-feira, 22 de janeiro de 2013

Decidi juntar estes dois dias, visto que as atividades foram basicamente as mesmas: leitura e interpretação de textos do manual escolar e exercícios gramaticais. No entanto no primeiro dia da semana houve um mini-concerto da banda portuguesa “Secret Lie” que animaram a manhã dos alunos do 1.º ciclo, professores e estagiários da escola com a atuação de várias músicas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Este concerto foi muito divertido para toda a comunidade escolar. A banda interagiu com os alunos e foi-lhes pedido que cantassem também com eles e imitassem alguns ritmos através de palmas ou da voz, o que tornou o ambiente caloroso e musicalmente bastante animado.

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (ME, 2001, p.168) a música “adquire sentido no âmbito da realização de práticas artísticas em diferentes contextos e espaços (...)”. Neste dia, no ginásio da escola pode observar-se isso. Num espaço e num contexto diferente os alunos puderam ter contacto com a música, senti-la, ouvi-la e reproduzi-la. O mesmo currículo salienta ainda a participação em diferentes tipos de espetáculos dizendo que: “A participação, como público, em espetáculos artístico-musicais de diferentes estilos e orientações estéticas, como forma de desenvolver, a partir da escola, a apetência para assistir a espetáculos, afigura-se um dos aspectos centrais na diversificação dos contextos de aprendizagem”. Todas as turmas

souberam manter uma postura correta ao longo deste concerto, aplaudindo os músicos sempre que assim achassem pertinente e acompanhando as músicas de forma harmoniosa. As crianças revelaram que sabem comportar-se de maneira adequada neste tipo de atividades, nunca criando momentos de desordem ou indisciplina.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

Nesta manhã a minha colega de estágio lecionou uma aula sobre os cuidados a ter nas praias e nas piscinas. Começou por entregar um texto em que fez a interpretação do mesmo e a análise de algumas palavras. Em Matemática realizou algumas situações problemáticas com o material estruturado: Calculadores Multibásicos.

Inferências / Fundamentação Teórica

No decorrer da sua aula a minha colega, conseguiu ter uma sequência nas atividades fazendo assim ligação entre elas.

Como salienta Haigh (2010, p.55) “a grande ideia é que alguns aspectos das disciplinas façam ligações naturais com outras disciplinas e fará mais sentido para os alunos se forem ensinadas em simultâneo.” Desta forma o texto distribuído inicialmente aos alunos que falava sobre as praias e as piscinas, foi transversal à temática abordada na disciplina de Estudo do Meio e de Português. Assim de uma forma natural e simultânea a minha colega conseguiu abordar o mesmo conteúdo em duas áreas diferentes e cativar igualmente a atenção dos alunos para esta temática.

Capítulo 2

Planificações

Descrição do capítulo

Inicialmente neste capítulo será feita uma breve abordagem acerca da planificação: o que é planificar, para que serve, o que é o currículo e por fim o Modelo T de aprendizagem. De seguida serão apresentados quatro planos de aulas referentes à Educação Pré-escolar: Domínio da Matemática e Área do Conhecimento do Mundo; e os outros dois reativos às áreas curriculares: de Matemática e Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Depois de cada planificação serão apresentadas inferências referentes a alguns aspetos que considero importantes e que são posteriormente fundamentados cientificamente com citações de vários autores.

2.1. Fundamentação teórica

São vários os autores que se debruçam sobre este tema “planificação”.

Segundo Escudero (1982, citado em Zabalza, 1992) com a planificação é possível:

prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp.47 – 48)

Já Ribeiro e Ribeiro (1990, p.443) afirmam que a planificação “trata-se de seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos”

Também Pais e Monteiro (1996, pp. 34 – 40) referem que a planificação deve ter em atenção as “escolhas pedagógicas” de modo a ir de encontro aos “seus propósitos educativos e às condições concretas em que se trabalha”. Os mesmos autores salientam ainda duas das funções da planificação que passam pelos “objectivos ou em função de actividades”. Relativamente aos objetivos estes são considerados “metas úteis e devem ser definidos claramente para que seja possível perspectivar os diferentes níveis de generalização. Daí ser importante também distinguir os objectivos gerais dos específicos e dos comportamentos, por exemplo”. A planificação não tem, obrigatoriamente de ser cumprida, pois em sala de aula, as questões dos alunos podem desviar a linha condutora que o professor previamente tinha planeado, por isso cabe a este, decidir se é pertinente responder naquele momento ao aluno e desviar-se da sua planificação, ou se, por outro lado a deve cumprir.

Por um lado, se o professor seguir à risca a sua planificação, não dando oportunidade de se desviar do guião que tinha planeado, vai-lhe levar a percorrer um

caminho conhecido, seguro, no entanto pode levar à desmotivação do aluno pois o professor ignorou as suas dúvidas ou questões.

Por outro lado, o professor ao sair da sua linha condutora de pensamento do seu plano de aula vai-lhe exigir uma grande segurança e maleabilidade e também uma rápida mobilização e relação dos conhecimentos do professor. Este caminho exige muito mais do professor principalmente se estiver numa fase inicial da sua formação.

Pérez (s.d.) salienta que planificar passa por um conjunto de processos:

um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; um propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que devera concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequencia das actividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo. (p.48)

A partir do Decreto-lei n.º240/2001 de 30 de Agosto planificar é o “desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem” com base nos conhecimentos e nas competências de que as crianças são portadoras. Quando se planifica há uma intervenção educativa de forma integrada e flexível de actividades que têm objetivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares.

Planificar é por isso, tudo aquilo em que pensamos, organizamos, estruturamos, decidimos e definimos de acordo com o tempo, as pessoas e o espaço onde se aplicam e se dirigem.

Clark e Yinger (1979, citado em Zabalza, 1992) referem alguns dos motivos que levam os professores a planificarem as suas actividades. As três grandes razões passam por três tipos de categorias:

- Os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais; reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava” assim como “definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc;
- Os que chamam planificação à determinação dos objetivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo etc.
- Os que chamam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação etc. (p.48)

Citando Perrenoud (1999) “A preparação reúne e organiza informações e materiais em função do projecto didáctico. (...) Mas também consiste na elaboração de um guião da actividade projectada, por outras palavras, de um fio condutor ou de

uma linha estratégica. Nesta antecipação do que vai (ou do que deveria) passar-se, o professor pode prever e preparar o que irá fazer ou dizer e a ordem em que o fará.”

É importante que se planifique e se registre todos os processos e métodos a que vamos recorrer durante o período estipulado para uma atividade e não apenas tê-los em mente.

O currículo, segundo Pérez (s.d., p. 47) “trata-se de converter uma idade ou um propósito num curso de acção” ou seja, “prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas”.

Ao longo do estágio profissional elaborei várias planificações sempre que ia lecionar uma aula adotando o Modelo T de Aprendizagem de Pérez.

Este modelo, segundo Pérez (s.d., p.7) é denominado desta forma visto assumir “a forma de um T duplo”, como se podem observar nas planificações que serão apresentadas mais à frente, neste capítulo. Este modelo tem como principal função “agrupar os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer)”. Este modelo tem algumas regras de leitura e dessa forma Pérez e López (2001, p. 104) salientam-nas, dizendo que se deve ler de cima para baixo e da esquerda para a direita e que este modelo tem como objetivo sumariar e ao mesmo tempo dar uma visão global dos “conhecimentos e procedimentos/métodos, as capacidades – destrezas e os valores – atitudes de uma área o assunto, o de uma unidade de aprendizagem”.

2.2. Planificações

De seguida passo a apresentar as quatro planificações referentes ao Ensino do Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo de Estudos.

2.2.1. Planificação da aula do Domínio da Matemática.

Esta planificação, como se pode observar no quadro 3, foi dada na turma de 5 anos e teve a duração de 40 minutos. Os conteúdos abordados foram: a soma e noções de quantidades utilizando o material estruturado *Cuisenaire*.

Quadro 3 – Plano de aula do Domínio da Matemática

Escola em Sintra	
<u>Plano de Aula</u>	
Ano: 5 anos Aluna: Sofia Duarte Data: 7/1/2012 MEPE1ºC. Turma: A Duração: 40 minutos N.º 20	
Área do Domínio da Matemática	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
Adição	<ul style="list-style-type: none">• Criar situações problemáticas relacionadas com os frutos trabalhando deste modo os seguintes pontos:<ul style="list-style-type: none">▪ Adição;▪ Noção de dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, número par e ímpar.• Representar, a pares, a indicação da operação através de material não estruturado.
Capacidades/Destrezas	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral<ul style="list-style-type: none">-Enriquecimento do Vocabulário• Compreensão<ul style="list-style-type: none">-Observar-Reconhecer-Relacionar	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">-Saber ouvir-Considerar os outros• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">-Atitude crítica-Realização de tarefas-Cooperação
Recursos: material não estruturado e <i>Cuisenaire</i> .	

Inferências / Fundamentação Teórica

Para esta aula mantive os alunos sentados nos mesmo lugares, visto que iam trabalhar a pares e esta atividade requeria bastante atenção e concentração.

O material estruturado *Cuisenaire*, para além da vertente matemática que pode desenvolver permite também estimular a criança na sua motricidade fina, ao agarrar nas peças em pinça. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, pp.58–59) é na educação pré-escolar que se dever “proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo”. A motricidade fina segundo o mesmo documento insere-se no “quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos.” Com este material pude desafiar as crianças a procurarem a solução para alguns problemas. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997, p.78) a resolução de problemas “constitui uma situação de aprendizagem que deverá atravessar todas as áreas e domínios em que a criança será confrontada com questões que não são de resposta imediata, mas que a levam a reflectir no como e no porquê.” Assim a adição é segundo Damas *et al.* (2010, p.52) importante pois explora “convenientemente, todo o processo relacionado com a adição, de forma a que, os alunos compreendam que a adição é a operação aritmética que traduz acções de reunir”.

Nesta aula foram também usados “frutos” como material não estruturado para representar, a pares, a indicação e respetivo resultado do problema. É importante que se estimule as crianças para o trabalho a pares, para desde cedo aprenderem a trabalhar a pares e a saberem partilhar. Sanches (2001, p.71) afirma que se deve “usar e abusar do ensino pelos pares para que se possa desenvolver o sentido de solidariedade dentro da sala de aula e na escola.” Da mesma opinião partilham Ponte e Serrazina (2000, p.128) que afirmam que o trabalho a pares “pode também desempenhar um papel importante” acrescentando ainda, que este “possibilita uma interacção significativa entre os alunos, que trocam impressões entre si na realização da tarefa proposta. Além disso, proporciona aos alunos uma significativa autonomia”.

Em suma, o *Cuisenaire* é um material que segundo Dienes (como citado em Nabais, s.d.) facilita a aprendizagem da matemática

construindo os conceitos a partir da sua própria experiência real que por meio de manipulações simbólicas” Desta forma é preciso que “as crianças aprendam a extrair a essência das matemáticas a partir da sua experiência pessoal, e não a partir da nossa.

2.2.2. Planificação da aula de Conhecimento do Mundo.

Também esta planificação foi pensada para a turma dos 5 anos como se pode observar no quadro 4. Teve a duração de 40 minutos em que os conteúdos abordados foram as “Árvores de fruto” no âmbito da disciplina de Conhecimento do Mundo.

Quadro 4 – Plano de aula de Conhecimento do Mundo

Escola em Sintra	
<u>Plano de Aula</u>	
Ano: 5 anos	Aluna: Sofia Duarte
Data: 7/2/2012	MEPE1ºC. Turma: A
Duração: 40 minutos	N.º 20
Área de Conhecimento do Mundo	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
Árvores de fruto	<ul style="list-style-type: none">• Mudar a disposição da sala para que as crianças se sentassem em “U”;• Pedir às crianças que cantem a música dos frutos acompanhados pela melodia da viola.• Conversar com os alunos acerca de alguns frutos: pera, limão, laranja, maçã e banana.• Relacionar o fruto com a sua respetiva árvore.• Explorar as características dos frutos (sabor, cheiro e textura).• Fazer uma salada de frutas com a participação dos alunos.
Capacidades/Destrezas	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none">• Expressão Oral<ul style="list-style-type: none">-Enriquecimento do Vocabulário• Compreensão<ul style="list-style-type: none">-Observar-Reconhecer-Relacionar	<ul style="list-style-type: none">• Respeito<ul style="list-style-type: none">-Saber ouvir-Considerar os outros• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">-Atitude crítica-Realização de tarefas-Cooperação
Recursos: placard com as imagens das árvores e dos frutos, folhas de árvores de fruto, frutos, uma cesta para colocar os alimentos, taça e viola.	

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta aula foi lecionada com crianças de 5 anos de idade.

Comecei por alterar a disposição da sala, para que as crianças se sentassem em “U” para que todas elas conseguissem observar o que se passava no centro tendo também entre elas contacto visual. Cury (2006, p.125) diz que “Sentar em forma de “U” ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminuiu a ansiedade dos alunos.” acrescentando ainda que “O clima da classe torna-se agradável e a interação social dá um grande salto em frente”.

De seguida pedi “às crianças que [cantassem] a música dos frutos acompanhados pela melodia da viola” de modo a chegarem ao tema da aula. A música é uma boa forma de passar uma mensagem de um modo mais lúdico e descontraído para que a criança se sinta mais motivada para novas aprendizagens. Como afirma Cury (2006, p.120) a música permite “desacelerar o pensamento; aliviar a ansiedade; melhorar a concentração, desenvolver o prazer de aprender (...)”. Senti que este momento foi bastante positivo para os alunos, pois no decorrer da aula demonstraram-se bastante participativos e cheios de vontade de partilhar e esclarecer dúvidas sobre o tema da aula. Daí ter surgido um diálogo constante havendo sempre interação com as crianças “acerca de alguns frutos: pera, limão, laranja, maçã e banana” e “Relacionar o fruto com a sua respetiva árvore”.

Para “Explorar as características dos frutos (sabor, cheiro e textura)” passei pelas crianças algumas peças de fruta, inteiras, para que pudessem tocar e sentir as suas texturas e cheiros diferentes. De seguida distribuí por cada copo, que cada criança tinha, um pedaço de cada fruta para saborearem e sentirem o seu paladar. Como afirma Charpak (1997, p.36) só havendo um “confronto com o real [se] modifica em profundidade a sua percepção das coisas e permite a evolução dos conceitos” mas para isso é necessário respeitar o tempo de exploração para “compreender e aprender”. Neste momento os alunos puderam despertar alguns dos cinco sentidos. Whitfield, Stoddart e Wertenbaker (1994, p.9) afirmam que o tacto tem a “capacidade de proporcionar informação ao organismo sobre o mundo que o rodeia”, e o paladar que é estimulado nos receptores da língua “captados em quatro zonas diferentes da língua: na base da língua predomina a sensação de amargo, na ponta, a de doce, enquanto nas zonas laterais corresponde, à de ácido e de salgado.”

Para concluir a atividade achei interessante “Fazer uma salada de frutas com a participação dos alunos.” De maneira a contextualizar e concluir tudo aquilo que tinha

sido falado e experimentado ao longo da aula. Tal como menciona Nascimento (2007, p. 38), “criar um ambiente de aprendizagem ordeiro com vista à maximização de envolvimento dos alunos e à minimização dos comportamentos perturbadores são tarefas que exigem do professor competências específicas que se afiguram prioritárias na gestão da sala de aula”.

2.2.3. Planificação da aula de Português.

A planificação no quadro 5 foi efetuada para alunos do 1.º ano de escolaridade, como se pode observar no quadro 5. A aula teve a duração de 40 minutos onde foi feita uma leitura animada com o auxílio de fantoches.

Quadro 5 – Plano de aula de Português.

Escola em Lisboa	
<u>Plano de Aula</u>	
Ano: 1º B	Aluna: Sofia Duarte
Data: 30/10/2012	MEPE1ºC. Turma: A
Duração: 40 minutos	N.º 20
Área: Português	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
Leitura Animada	<ul style="list-style-type: none"> • Contar às crianças uma história, com o auxílio de fantoches sobre o “Jacaré com dores de dentes?”; • Pedir a participação dos alunos para cooperarem na história assumindo algumas das personagens da mesma; • Fazer algumas perguntas de interpretação sobre a história.
Capacidades/Destrezas	Atitudes e Valores
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Oral <ul style="list-style-type: none"> -Enriquecimento do Vocabulário • Compreensão <ul style="list-style-type: none"> -Observar -Reconhecer -Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito <ul style="list-style-type: none"> -Saber ouvir • Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> -Realização de tarefas -Cooperação
Recursos: Fantoches.	

Inferências / Fundamentação Teórica

Para lecionar esta aula decidi fazer um avental com fantoches para contar uma história, de modo a fazer a leitura animada da mesma.

São vários os autores que se debruçam sobre o uso deste material. Para Pereira e Sousa (2007, p.44) os fantoches quando são trabalhados na sala de aula pretendem “envolver os alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e eficaz compreensão” assim, durante este momento ativo os alunos tiveram a oportunidade de participar, tendo a responsabilidade de assumir algumas das personagens da história. Os mesmos autores acrescentam ainda que o facto dos fantoches terem uma “vincada vertente lúdica” eles são também considerados como um “instrumento para se cumprir a importância pedagógica de uma actividade centrada na partilha, na aprendizagem participada e comprometida”(p.44). Deste modo todas as crianças partilham de uma pedagogia “da envolvência que passa por todos estarem empenhados na realização de actos que levam todos os participantes a evoluírem nos planos do social, cultural e educativo.” Ao longo da aula foi visível o interesse e a atenção que os alunos tiveram. O auge, contudo foi quando as crianças puderam participar o que lhes permitiu interagir na história e assumirem papéis activos nesta dinâmica. Mais uma vez, Pereira e Sousa (2007) salientam que

Os Fantoches, contribuem para desenvolver a fantasia, a imaginação, e liberdade de expressão. As crianças ao trabalharem a partir dos fantoches estão a contribuir para aperfeiçoarem a linguagem e a coordenarem os seus gestos e a assumirem-se como seres expressivos, comunicativos e participativos, porque estamos perante uma acção dramática que requer mímica, onomatopeias, gestos coordenação de movimentos, oralidade, jogo e trabalho de grupo. (p.45)

No final, e para concluir este momento fiz algumas perguntas de interpretação, acerca da história que tinham ouvido. Segundo Viana (2009):

Compreender as frases incluídas num texto não garante a sua compreensão como um todo. Para além da compreensão dos elementos e relações que asseguram a coesão local, isto é, a coesão de partes do texto, e que foram anteriormente referidas, há que compreender também os elementos que asseguram a coesão global de um texto, ou seja, a ligação entre as suas partes, para dessa forma obter o seu sentido global. (p.35)

Em suma, os alunos através da história, conseguiram interpretar e compreender o cerne da mensagem que lhes quis transmitir de modo a alertar aos cuidados a ter com a higiene oral.

2.2.4. Planificação da aula de Estudo do Meio.

Esta planificação foi direcionada para a mesma turma do 1.º ano com a mesma duração de 40 minutos, em que o conteúdo abordado foi a higiene oral, dando continuidade à planificação anterior, esta no entanto direcionada para a área de Estudo do Meio.

Quadro 6 – Plano de aula de Estudo do Meio.

Escola em Lisboa	
<u>Plano de Aula</u>	
Ano: 1º B	Aluna: Sofia Duarte
Data: 30/10/2012	MEPE1ºC. Turma: A
Duração: 40 minutos	N.º 20
Área: Estudo do Meio	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/ Métodos
Higiene Oral	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação de um <i>Powerpoint</i> sobre o tema a abordar;• Falar da boa higiene oral;• Apresentar os cuidados a ter com os dentes;• Relembrar como se lava corretamente os dentes;• A importância de ir ao dentista.• Referir alguns problemas dos dentes (dor de dentes e cáries).
Capacidades/Destrezas	Atitudes e Valores
Expressão Oral -Enriquecimento do Vocabulário Compreensão -Observar -Reconhecer -Relacionar	Respeito -Saber ouvir Responsabilidade -Realização de tarefas -Cooperação
Recursos: Powerpoint, fantoches, molde de dentes, pasta e escova de dentes e fio dentário.	

Inferências / Fundamentação Teórica

Desde cedo é importante que seja incutido nas crianças a prática de uma boa higiene oral. Para isso a escola é também um bom local para fazer ver às crianças que esta prática só nos trás benefícios para a nossa saúde. Assim, através de uma pequena apresentação em *Powerpoint* mostrei aos alunos algumas imagens sobre a prática desta rotina.

Estanqueiro (2012, p.37) refere que “os recursos multimédia servem como instrumentos para ampliar a capacidade de comunicação do professor e não como varinhas mágicas, truques espectaculares, para disfarçar a falta de conhecimentos”.

García, Roces e González (2002) salientam que a presença destas novas tecnologias na sala de aula:

não asseguram um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter primário (como a motivação) e de carácter secundário (como a função inovadora e estruturadora/ reestruturadora da realidade). (p.300)

Deste modo cabe ao professor explorar ao máximo estes recursos, de maneira a utilizá-los da melhor forma e não expondo simplesmente a matéria recorrendo a outro tipo de apresentação dos conteúdos a abordar.

Para a criança se familiarizar com estes acessórios, que utilizamos para a pratica de uma boa higiene oral, é necessário que esta tenha algum contacto com eles, que os explore e se informe: “o que é?” e “para que serve?”.

Segundo Aranão (1996):

a criança tem de explorar o mundo que a cerca e tirar dele informações que lhe são necessárias, sendo da responsabilidade do professor/educador, proporcionar-lhe o maior número possível de actividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a contrução do seu conhecimento. (p.16)

Só assim a criança é capaz de tirar partido da informação que lhe é transmitida e através de exemplos concretos, fazendo uso do material que expomos é mais fácil e de certa maneira a criança compreende melhor todos os conteúdos que pretendemos que atinga nesta planificação.

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação

Descrição do capítulo

Neste capítulo será feita uma breve introdução acerca da palavra “avaliação” definida por vários autores de diversas maneiras. Aqui será realçado a questão do que é avaliar, a diferença entre classificar e avaliar e quais os tipos de avaliação possíveis correspondentes ao ensino do pré-escolar e ao ensino do primeiro ciclo de estudos.

Posteriormente serão apresentados quatro dispositivos de avaliação sendo que dois deles correspondem à Educação Pré-Escolar, remetendo para a Expressão Plástica e ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e outros dois ao Ensino do 1.º Ciclo de estudos referem-se às áreas curriculares de Matemática e Língua Portuguesa.

Num primeiro momento será feita a descrição dos parâmetros e dos critérios a avaliar definidos por mim e que achei mais pertinentes avaliar na atividade em questão. Num segundo momento será apresentada uma grelha de avaliação da atividade onde se pode observar a cotação individual de cada aluno num determinado parâmetro. Por último será feita uma análise da grelha e do gráfico representativo da avaliação da atividade.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação é bastante importante na vida do professor e do aluno, pois é esta que permite aferir os conhecimentos que estes adquiriram, bem como as dificuldades com que se depararam com um determinado problema. Assim cabe ao professor utilizar estratégias para que o aluno ultrapasse as suas limitações escolares.

De acordo com Zabalza (2005), se não houver avaliação não há forma de saber se as coisas correm bem ou não, isto é, se os conteúdos foram bem explicados, se os recursos utilizados foram os mais adequados ou se as dificuldades de aprendizagem foram ultrapassadas. Segundo o autor, a avaliação é a componente curricular cuja função é oferecer informação sobre o conjunto do sistema: tanto no que se refere à natureza e aplicação prática de cada componente curricular, em si mesma considerada, como no que se refere ao funcionamento conjunto e à interação de todas as componentes.

Zabalza (1995, como citado em Ferreira 2007, p.12) afirma que “a primeira coisa a salientar é que a escola é o mundo da avaliação”.

Já nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997) estas definem o conceito de “avaliar” como sendo um processo que implica,

tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

Também Perrenoud (1999) afirma que a avaliação privilegia um modo de estar em sala de aula e também no mundo, salientando ainda que a avaliação é um processo de ensino-aprendizagem e não um fim em si mesmo.

Segundo Abrantes (2002, p. 9) refere que a avaliação “é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas”, assim podemos dizer que a avaliação permite ao professor aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos resultantes de uma atividade prévia.

Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 337) separam os conceitos “avaliar” e “classificar” diferenciando cada um deles de modo diferente dizendo que a avaliar necessita de uma análise mais cuidada das aprendizagens relativamente às aprendizagens planeadas. Nesta medida, os professores e os respetivos alunos ficam informados sobre os objetivos atingidos e conseqüentemente das dificuldades apresentadas. Deste modo os alunos, tal como referem os mesmos autores, apresentam vantagens para os alunos, tais como a motivação, pois é através da avaliação que este se depara com novos conhecimentos e aptidões que foram adquiridos consoante o sucesso que obtiveram. O aluno consegue assim orientar os seus esforços, com o apoio do professor que lhe vai orientar com o auxílio de determinadas estratégias para o aluno ultrapassar as suas dificuldades e obter uma melhor classificação aos resultados.

Em relação à palavra “classificar”, os autores classificam-na como sendo “uma escala de valores proporcionada pela avaliação, permitindo comparar e seriar resultados no sistema escolar”.

A avaliação é uma presença constante no ambiente escolar, pois é através das múltiplas avaliações feitas às crianças que o professor e o aluno estão a par dos seus sucessos e limitações face a um problema.

Existem vários tipos de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 342) a avaliação diagnóstica “tem como principal objetivo fundamenta proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”.

Por outro lado Ferreira (2007, p.25) afirma que a avaliação diagnóstica “permite conhecer os interesses e a disposição dos alunos para a aprendizagem, bem como os seus conhecimentos prévios sobre um determinado assunto”.

Relativamente à avaliação formativa esta tem o objetivo de informar.

De acordo com Hadji (2001, como citado em Ferreira, 2007, p.27), “a avaliação torna-se formativa na medida em que se inscreve num projeto educativo específico, o de favorecer o desenvolvimento daquele que aprende”.

Ribeiro e Ribeiro (1990, p.348) referem que este tipo de avaliação “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.

Por último a avaliação sumativa segundo Vilar (1996, p.17) “consiste sempre numa apreciação globalizante que, em dado momento e em função de determinados critérios se faz de determinado objecto de avaliação”.

Também Ribeiro e Ribeiro (1990, p.359) fazem referência a este tipo de avaliação dizendo que esta “complementa, assim, um ciclo de avaliação em que foram já utilizadas a avaliação diagnóstica e formativa” sendo “um instrumento valioso na tomada de decisões sobre opções curriculares ou sobre inovações educativas”.

Desta forma o professor depara-se com várias formas de avaliar consoante o processo de aprendizagem das crianças.

Assim sendo, para avaliar os critérios dos parâmetros das atividades tive em conta a escala de avaliação de Likert que varia entre 0 e 10 valores.

Entre 0 e 2,9 – Fraco (F)	Entre 7 e 8,9 – Bom (B)
Entre 3 e 4,9 – Insuficiente (I)	Entre 9 e 10 – Muito Bom (MB)
Entre 5 e 6,9 – Suficiente (S)	

3.2. Dispositivos de avaliação da atividade do Domínio da Expressão Plástica.

Nesta avaliação encontra-se uma proposta de trabalho referente ao Domínio da Expressão Plástica (anexo 1) , lecionada por mim, no dia 10 de outubro de 2011, na sala dos 3 anos, com a duração de 20 minutos.

Esta proposta de trabalho pretende ao professor aferir os conhecimentos dos alunos em relação à capacidade de identificação e associação de uma determinada cor a um alimento específico, carimbando-o dentro de um quadrado numa folha de papel.

3.2.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.

No quadro 7 encontram-se representados os parâmetros e critérios utilizados, com as respetivas cotações.

Identificação dos alimentos utilizando as cores solicitadas:

- Carimba os alimentos com a cor correta
- Não carimba os alimentos com a cor correta.

Apresentação do trabalho:

- Tem uma apresentação cuidada.
- Tem uma apresentação menos cuidada.

Quadro 7 – Parâmetros e Critérios de Avaliação da atividade de Domínio da Expressão Plástica.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação dos alimentos utilizando as cores solicitadas.	Carimba corretamente quatro alimentos com a cor correta.	7	7
	Carimba corretamente três alimentos com a cor correta.	5,25	
	Carimba corretamente dois alimentos com a cor correta.	3,5	
	Carimba corretamente um alimento com a cor correta.	1,75	
	Não carimba os alimentos com a cor correta	0	
2. Apresentação do trabalho	Tem uma apresentação cuidada.	3	3
	Tem uma apresentação menos cuidada.	1	
Total			10

3.2.2. Grelha de avaliação da atividade.

No quadro 8 é possível observar a grelha de avaliação de atividades da presente área curricular.

Quadro 8 – Grelha de Avaliação da atividade do Domínio da Expressão Plástica.

Aluno	Questão 1	Questão 2	Total	Avaliação Qualitativa
A	7	3	10	Muito Bom
B	7	3	10	Muito Bom
C	7	3	10	Muito Bom
D	7	3	10	Muito Bom
E	7	3	10	Muito Bom
F	7	3	10	Muito Bom
G	7	3	10	Muito Bom
H	7	1	8	Bom
I	7	3	10	Muito Bom
J	7	3	10	Muito Bom
K	7	3	10	Muito Bom
L	7	3	10	Muito Bom
M	7	1	8	Bom
N	7	3	10	Muito Bom
O	7	3	10	Muito Bom
P	7	1	8	Bom
Q	7	3	10	Muito Bom
R	7	3	10	Muito Bom
S	7	3	10	Muito Bom
T	7	3	10	Muito Bom
U	7	3	10	Muito Bom
V	7	3	10	Muito Bom
X	7	3	10	Muito Bom
Média	7	2,74	9,74	Muito Bom

3.2.3. Descrição da grelha.

A grelha é composta por cinco colunas que contêm a classificação em cada questão realizada pelos alunos. Na questão 1, a classificação varia entre 0 e 7 valores, tendo todas as crianças obtido a classificação total. Relativamente à segunda questão, esta variava entre 1 e 3 valores consoante a apresentação do trabalho e verifica-se que apenas 3 crianças obtiveram a classificação mínima atribuída a este parâmetro de avaliação.

Fazendo uma observação geral da classificação qualitativa, apenas 3 crianças obtiveram Bom, sendo que a maioria, correspondente a 20 crianças, obtiveram a classificação total de Muito Bom.

3.2.4. Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular.

No gráfico que se segue (figura 35) estão representados os resultados da avaliação da atividade do Domínio da Expressão Plástica.

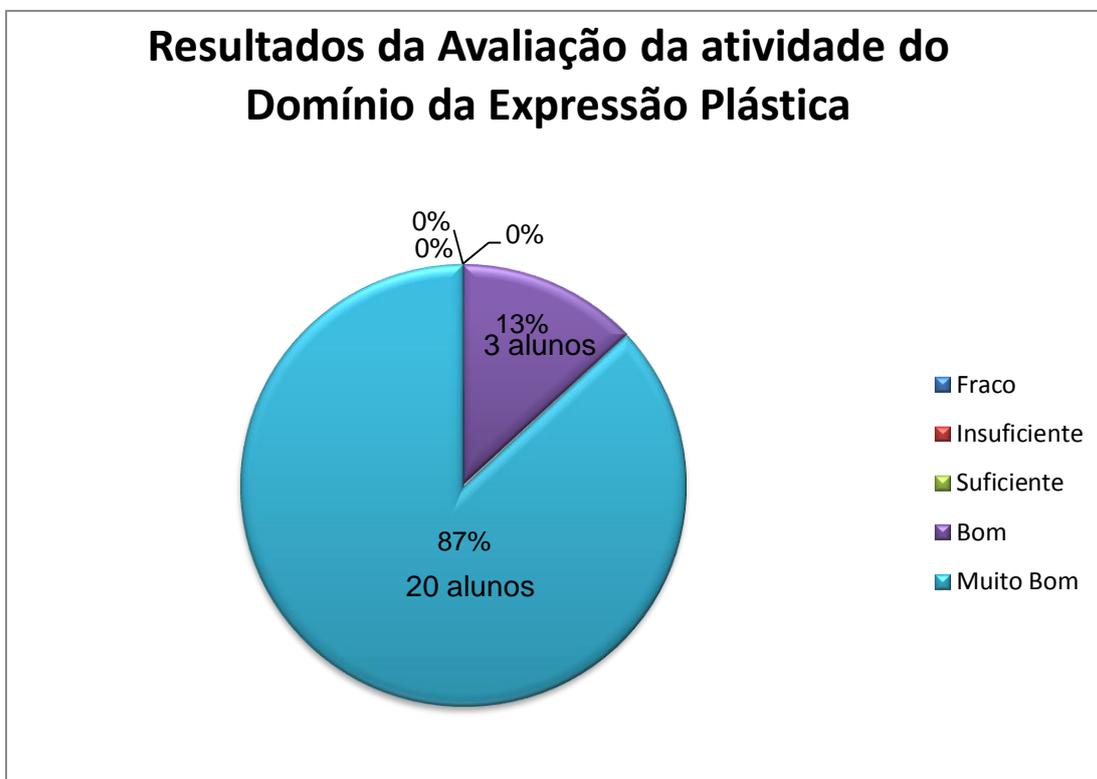


Figura 35 – Resultados da Avaliação da atividade do Domínio da Expressão Plástica.

3.2.5. Análise do gráfico

Analisando o gráfico circular é possível verificar que mais de metade da turma teve a classificação de Muito Bom, correspondendo a 87% da turma, ou seja, 20 alunos, tendo apenas 13 % (3 alunos) obtido a classificação de Bom.

Na globalidade da atividade proposta por mim, percebi através dos resultados obtidos, que os alunos fizeram uma correta identificação do alimento com a cor, carimbando-o de forma correta.

3.3. Dispositivos de avaliação da Atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Nesta avaliação encontra-se uma proposta de trabalho referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizada por mim, no dia 7 de fevereiro de 2012, na sala dos 4 anos, bibe azul A, com a duração de 20 minutos.

A avaliação desta proposta de trabalho pretende apreciar os conhecimentos dos alunos reativos à aprendizagem das regras da Cartilha Maternal.

No decorrer da atividade (anexo 2), os alunos desenharam os frutos correspondentes à árvore de fruto que lhes foi pedida, macieira, e de seguida completaram uma palavra lacunar relacionada com a ilustração.

3.3.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

No quadro 9 encontram-se representados os parâmetros e critérios de avaliação utilizados, com as respetivas cotações.

Identificação do fruto da árvore:

- Desenha o fruto que lhe foi pedido.
- Não desenha o fruto que lhe foi pedido.

Apresentação do trabalho:

- Tem uma apresentação cuidada.
- Tem uma apresentação menos cuidada.

Escrever corretamente a palavra lacunar:

- Escreve corretamente a palavra lacunar.
- Escreve corretamente apenas a primeira letra da palavra lacunar.
- Escreve corretamente apenas a segunda letra da palavra lacunar.
- Não escreve corretamente a palavra lacunar.

Quadro 9 – Parâmetros e critérios de avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação do fruto pedido relacionando-o com a árvore de fruto.	Desenha o fruto que lhe foi pedido.	2	2
	Não desenha o fruto que lhe foi pedido.	0	
2. Apresentação do trabalho.	Tem uma apresentação cuidada.	1,5	1,5
	Tem uma apresentação menos cuidada.	1	
3. Escrever corretamente a palavra lacunar	Escreve corretamente a palavra lacunar.	6,5	6,5
	Escreve corretamente apenas a primeira letra da palavra lacunar.	2,5	
	Escreve corretamente apenas a segunda letra da palavra lacunar.	4	
	Não escreve corretamente a palavra lacunar.	0	
Total			10

3.3.2. Grelha de avaliação da atividade

No quadro 10 é possível observar a grelha de avaliação de atividades da presente área curricular. Esta grelha foi elaborada com os dados recolhidos aos 25 alunos da turma, que estavam presentes nesse dia, sendo que esta é constituída por 27 alunos no seu todo.

Quadro 10 – Grelha de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Aluno	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Total	Avaliação Qualitativa
A	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
B	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
C	2	1,5	2,5	6	Suficiente
D	2	1	6,5	9,5	Muito Bom
E	2	1	2,5	5,5	Suficiente
F	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
G	2	1,5	4	7,5	Bom
H	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
I	2	1	6,5	9,5	Muito Bom
J	2	1,5	2,5	6	Suficiente
K	2	1,5	2,5	6	Suficiente
L	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
M	2	1,5	4	7,5	Bom
N	2	1	6,5	9,5	Muito Bom
O	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
P	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
Q	2	1,5	4	7,5	Bom
R	2	1	6,5	9,5	Muito Bom
S	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
T	2	1,5	4	5,5	Suficiente
U	2	1	4	7	Bom
V	2	1,5	6,5	10	Muito Bom
X	2	1	6,5	9,5	Muito Bom
AA	2	1	4	7	Bom
AB	2	1,5	2,5	6	Suficiente
Média	2	1,34	5,15	8,36	Muito Bom

3.3.3. Descrição da grelha.

Relativamente ao primeiro parâmetro, observei que todos os alunos conseguiram identificar corretamente o fruto que lhes era pedido no enunciado da proposta de trabalho. Em relação à apresentação geral do trabalho, correspondente ao segundo parâmetro foram apenas 8 alunos que tiveram a classificação mais baixa de 1 valor, devido à falta de cuidado, tanto a nível caligráfico, como a nível da apresentação menos cuidada da folha de trabalho. Quanto à classificação do terceiro parâmetro os valores da classificação oscilam entre os 2,5 valores e os 6,5 valores, sendo que 5 crianças apenas completaram corretamente a primeira letra lacunar, o <m> que foi menos cotada, por ser uma consoante apenas com um valor e desse modo, com um grau de dificuldade menos acentuado em relação à outra. Com 4 valores, foram 6 os

alunos que escreveram corretamente a segundo letra lacunar <ç>, e por fim 14 alunos conseguiram realizar este parâmetro com a totalidade da pontuação atribuída para o mesmo.

3.3.4. Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular.

No gráfico que se segue estão representados os resultados da avaliação da atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita em forma de gráfico circular.

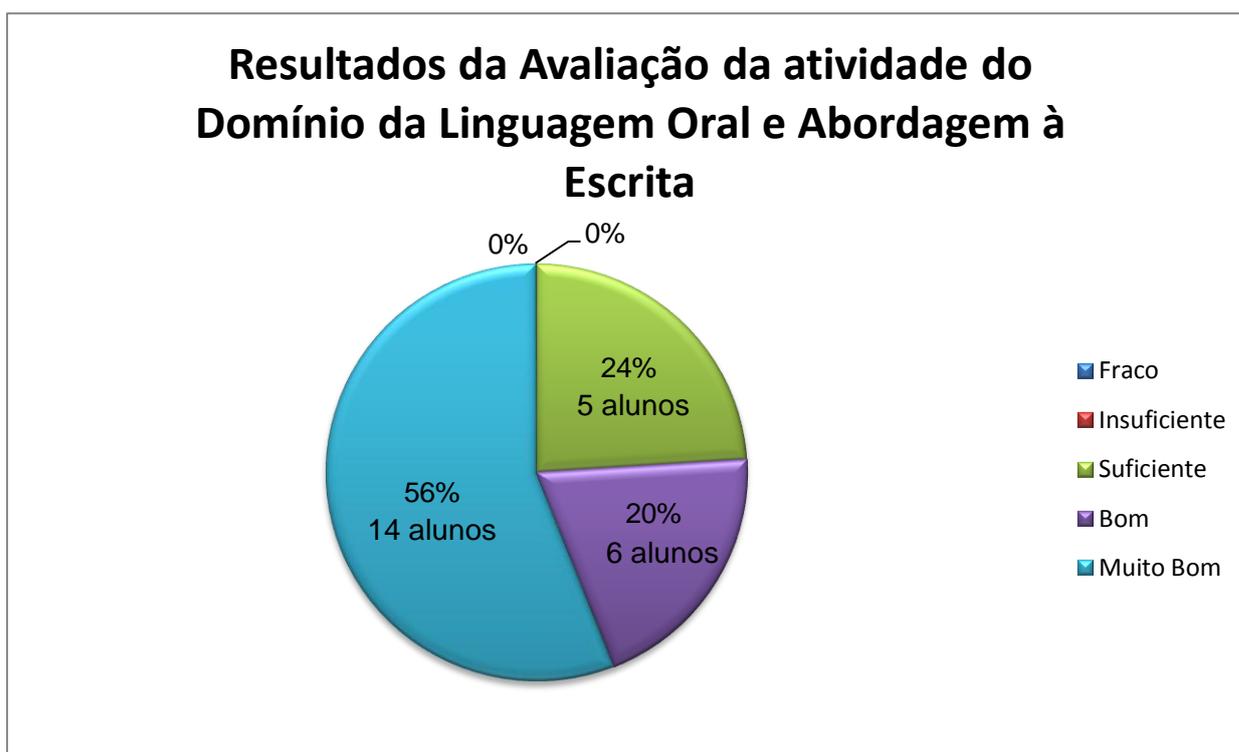


Figura 36 – Resultados da Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

3.3.5. Análise do gráfico.

Através da observação do gráfico é possível observar que 14 alunos tiveram a classificação de Muito Bom, 6 alunos a classificação de Bom e 5 alunos a classificação de Suficiente, sendo que nenhum aluno obteve uma classificação negativa.

As classificações mais baixas prenderam-se com as dificuldades que as crianças apresentaram na segunda letra lacunar <ã>. Visto que é uma vogal que se lê de forma nasalada, a ausência do til fez com que as crianças não tivessem obtido a classificação total cotada para este critério. Uma das formas para se solucionar esta questão seria recorrer à Cartilha Maternal, no sentido de perceber qual a função do til e como é que ele “transforma” a fonética de algumas vogais.

3.4. Dispositivos de avaliação da atividade da área de Matemática

Neste dispositivo está presente uma proposta de trabalho realizada no dia 14 de maio de 2012, na sala do 3º ano A, com a duração de 60 minutos no âmbito da área curricular de matemática.

Esta avaliação tem como objetivo aferir os conhecimentos dos alunos depois de ter sido lecionada uma aula sobre as medidas de massa: o volume do cubo. Durante esta atividade os alunos resolveram uma situação problemática, relacionada com o tema abordado, presente numa proposta de trabalho (anexo 3) elaborada por mim.

3.4.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

No quadro 11 estão presentes alguns dos parâmetros e critérios de avaliação de Matemática que achei pertinentes para avaliar as capacidades e competências que os alunos adquiriram após uma aula sobre o volume do cubo.

Os parâmetros que selecionei para avaliar esta atividade foram dois e dentro destes estão presentes os critérios pretendidos.

Aplicação dos conhecimentos relativos ao volume do cubo:

- Identifica corretamente os dados do problema.
- Não identifica corretamente os dados do problema.
- Aplica corretamente a fórmula do volume do cubo.
- Não aplica corretamente a fórmula do volume do cubo.

Realização da operação:

- Resolve corretamente o problema.
- Resolve corretamente o problema mas o resultado está errado.
- Indica as unidades de medida de volume.
- Não indica as unidades de medida de volume.
- Faz corretamente a redução do resultado da operação.
- Não faz corretamente a redução do resultado da operação.
- Cada unidade de medida não indicada é descontada.
- Dá resposta completa ao problema pedido.
- Não dá resposta completa ao problema pedido.

Quadro 11 – Parâmetros e Critérios de Avaliação da atividade de Matemática.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Aplicação dos conhecimentos relativos ao volume do cubo	Identifica corretamente os dados do problema.	1	2
	Não identifica corretamente os dados do problema.	0	
	Aplica corretamente a fórmula do volume do cubo.	1	
	Não aplica corretamente a fórmula do volume do cubo.	0	
2. Realização da operação	Resolve corretamente o problema.	4,5	8
	Resolve corretamente o problema mas o resultado está errado	3	
	Indica as unidades de medida de volume.	1	
	Não indica as unidades de medida de volume.	0	
	Faz corretamente a redução do resultado da operação.	1,5	
	Não faz corretamente a redução do resultado da operação.	0	
	Cada unidade de medida não indicada é descontada.	0,1	
	Dá resposta completa ao problema pedido	1	
	Não dá resposta completa ao problema pedido	0,1	
Total			10

3.4.2. Grelha de avaliação da atividade

No quadro 12 é possível observar a grelha de avaliação de atividades da presente área curricular.

Quadro 12 – Grelha de Avaliação da atividade da área de Matemática.

Aluno	Questão 1	Questão 2	Total	Avaliação Qualitativa
A	2	8	10	Muito Bom
B	2	8	10	Muito Bom
C	2	8	10	Muito Bom
D	2	7,9	9,9	Muito Bom
E	2	8	10	Muito Bom
F	2	8	10	Muito Bom
G	2	8	10	Muito Bom
H	2	8	10	Muito Bom
I	2	8	10	Muito Bom
J	2	7,9	9,9	Muito Bom
K	2	8	10	Muito Bom
L	2	8	10	Muito Bom
M	2	8	10	Muito Bom
N	2	8	10	Muito Bom
O	2	8	10	Muito Bom
P	2	8	10	Muito Bom
Q	2	8	10	Muito Bom
R	2	8	10	Muito Bom
S	2	8	10	Muito Bom
T	2	8	10	Muito Bom
U	2	8	10	Muito Bom
V	2	7,9	9,9	Muito Bom
X	2	7,9	9,9	Muito Bom
Média	1,82	7,98	9,80	Muito Bom

3.4.3. Descrição da grelha

A grelha representada no quadro 12, apresenta as cotações individuais dos 23 alunos relativamente aos parâmetros selecionados para a avaliação desta atividade

Na segunda coluna é possível observar a cotação atribuída a cada aluno na primeira questão. Neste caso a cotação atribuída variava entre 0 e 2 valores. A terceira coluna salienta a cotação dada a cada aluno na segunda questão, que variava entre os 0 e os 8 valores. A quarta coluna é referente à cotação total das perguntas de cada aluno quantitativamente. Por fim, a última coluna revela a classificação qualitativa de cada aluno na globalidade da atividade.

Na linha final é possível constatar as médias atribuídas a cada questão consoante as respostas de todos os alunos e a média, qualitativa, total da turma.

Analisando os resultados da grelha de avaliação da atividade podemos tirar diversas conclusões que são essenciais para o professor, visto que este é um dos objetivos da avaliação, perceber onde é que os alunos ainda apresentam dificuldades, quais os conteúdos que têm de ser mais trabalhados e quais os que os alunos já dominam.

Analisando a tabela podemos constatar que algumas crianças demonstram uma certa falta de atenção, pois na segunda questão a falta de totalidade na classificação deriva da ausência de unidades de medida expressas na resolução do problema.

No geral, é possível observar que a maioria das crianças teve um bom desempenho na realização desta atividade.

3.4.4. Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular.

No gráfico circular que se representa na figura 37, estão representados os resultados da avaliação da atividade de Matemática.

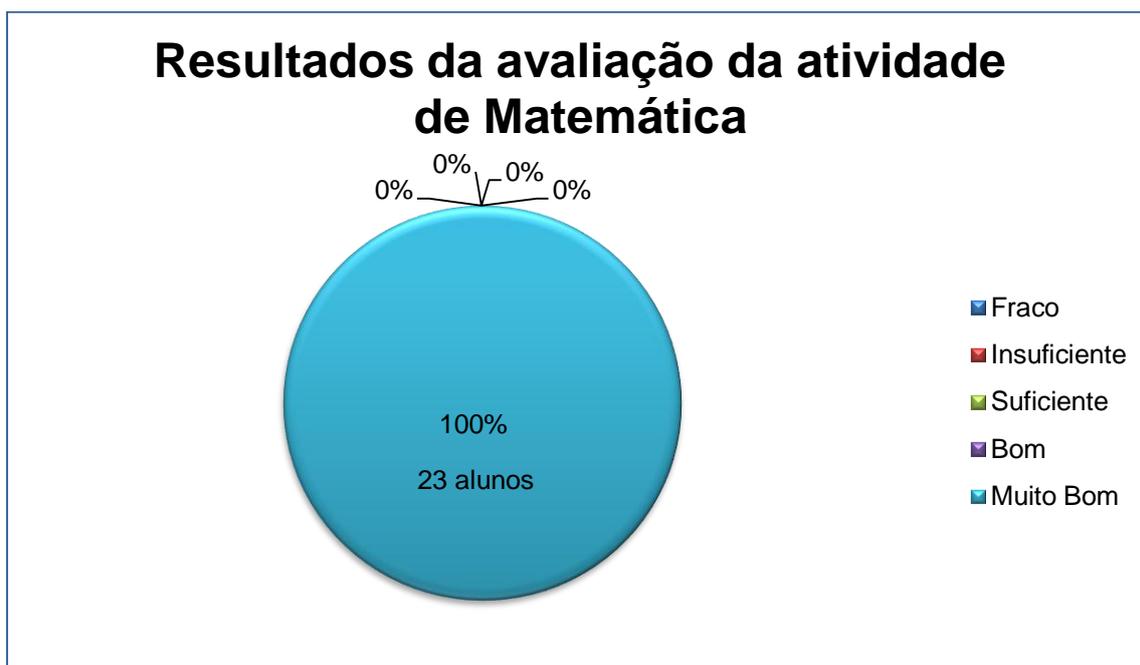


Figura 37 – Resultados da Avaliação da atividade da área de Matemática.

3.4.5. Análise do gráfico

Ao observar o gráfico é possível verificar que, 100% da turma obteve a classificação qualitativa de Muito Bom, ou seja, todos os 23 alunos constituintes da mesma. No entanto é importante salientar que esta atividade foi corrigida, em conjunto, na sala de aula. Assim, apenas se verificou algumas omissões na colocação das unidades de volume em que estávamos a trabalhar ao longo do exercício.

Em suma podemos concluir que a turma obteve bons resultados relativos aos conhecimentos lecionados em sala de aula, não havendo nenhum alunos com classificação menor que Muito Bom.

Numa próxima atividade seria interessante, na sequência deste problema, os alunos calcularem um volume equivalente utilizando outros sólidos geométricos fazendo assim a comparação de ambos.

3.5. Dispositivos de avaliação da atividade da área de Português

Neste dispositivo está presente uma proposta de trabalho realizada no dia 28 de maio de 2012, na sala do 3º ano A, com a duração de 60 minutos no âmbito da área curricular de Português.

Esta avaliação tem como objetivo aferir os conhecimentos dos alunos depois de ter sido lecionada uma aula sobre preposições (anexo 4) elaborada por mim.

3.5.1. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

De seguida será apresentado, no quadro 13 alguns dos parâmetros e critérios de avaliação que achei pertinentes para avaliar as capacidades e competências que os alunos adquiriram após esta aula.

Os parâmetros que selecionei para avaliar esta atividade foram dois e dentro destes estão presentes os critérios pretendidos.

Aplicação dos conhecimentos acerca das preposições:

- Identifica a preposição certa.
- Não identifica a preposição certa.

Apresentação do trabalho:

- Tem uma apresentação cuidada.
- Tem uma apresentação menos cuidada.

Quadro 13 – Parâmetros e Critérios de Avaliação da atividade de Português.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Aplicação dos conhecimentos acerca das preposições.	Identifica a preposição certa.	0,70	7,7
	Não identifica a preposição certa.	0	
2. Apresentação do trabalho	Tem uma apresentação cuidada.	1,5	2,3
	Tem uma apresentação menos cuidada.	0,8	
Total			10

3.5.2. Grelha de avaliação da atividade

No quadro 14 é possível observar a grelha de avaliação de atividades da presente área curricular.

Quadro 14 – Grelha de Avaliação da atividade da área de Português.

Aluno	Questão 1	Questão 2	Total	Avaliação Qualitativa
A	6,3	1,5	7,8	Bom
B	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
C	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
D	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
E	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
F	7	1,5	8,5	Bom
G	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
H	7,7	0,8	8,5	Bom
I	6,3	1,5	7,8	Bom
J	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
K	7,7	0,8	8,5	Bom
L	7	1,5	8,5	Bom
M	7	1,5	8,5	Bom
N	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
O	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
P	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
Q	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
R	7	1,5	8,5	Bom
S	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
T	6,3	1,5	7,8	Bom
U	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
V	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
X	7,7	1,5	9,2	Muito Bom
Média	7,40	1,44	8,83	Muito Bom

3.5.3. Descrição da grelha

Esta grelha apresenta as cotações individuais dos 23 alunos relativamente aos parâmetros selecionados para a avaliação desta atividade.

Na segunda coluna é possível observar a cotação atribuída a cada aluno na primeira questão que continha onze espaços para preencher com a preposição correta. Neste caso a cotação atribuída variava entre 0 e 7,7 valores (11 X 0,70). A terceira coluna refere-se à cotação atribuída à apresentação da proposta de trabalho que variava entre os 0,8 e 1,5 valores. A quarta coluna é referente à cotação total das perguntas de cada aluno quantitativamente. Por fim, a última coluna revela a classificação qualitativa de cada aluno na globalidade da atividade.

Na linha final é possível constatar as médias atribuídas a cada questão consoante as respostas de todos os alunos e a média, qualitativa, total da turma.

Observando os resultados da grelha de avaliação da atividade de Português é possível concluir que 16 alunos obtiveram a classificação máxima atribuída a esse parâmetro ao identificar, corretamente, as onze preposições para cada uma das

frases. Os outros 7 alunos obtiveram uma classificação entre os 6,3 e os 7 valores, não conseguindo por isso identificar e aplicar da melhor maneira a matéria abordada anteriormente. Para estes alunos será importante realizar-se outra atividade para reconhecerem e saberem aplicar as respetivas preposições.

Em suma, a turma obteve uma boa classificação na realização desta proposta.

3.5.4. Apresentação dos resultados da avaliação em gráfico circular.

No gráfico circular que está representado na figura 38 estão representados os resultados da avaliação da atividade de Português.

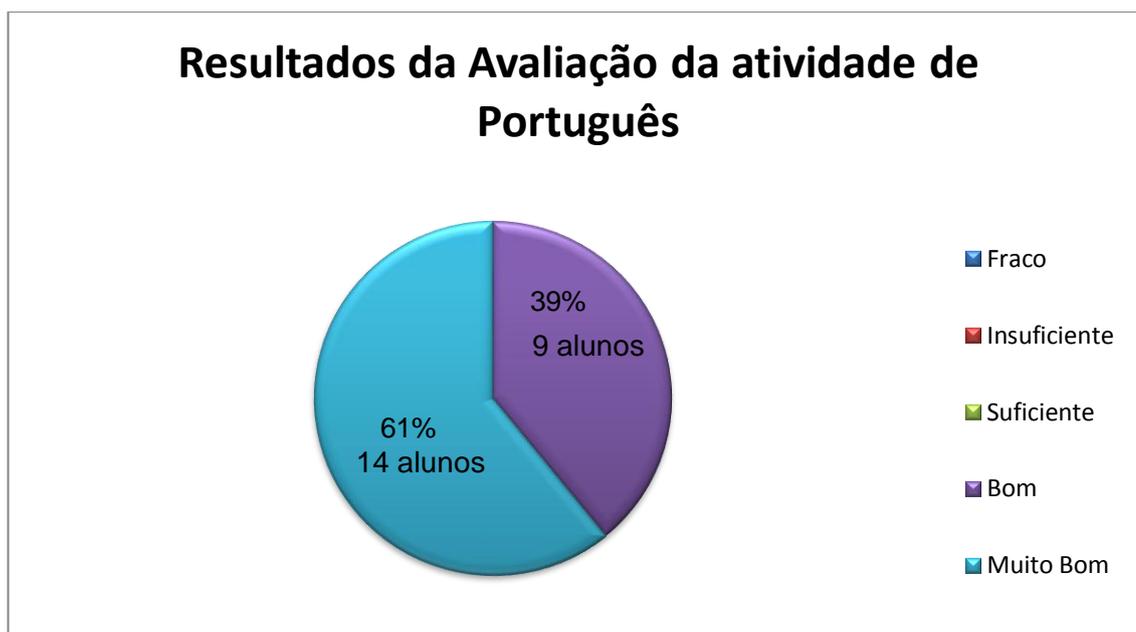


Figura 38 – Resultados da Avaliação da atividade da área de Português.

3.5.5. Análise do gráfico

Ao observar o gráfico é possível verificar que, 61% da turma obteve a classificação qualitativa de Muito Bom, correspondendo a 14 alunos. Os restantes alunos obtiveram a classificação de Bom sendo a percentagem respetiva de 39% da turma. Esta atividade tinha a particularidade de se poder realizar de várias formas, visto que, algumas proposições podiam-se colocar em diversas frases.

No entanto as dificuldades que foram mais recorrentes os alunos apresentarem devia-se ao facto de estes, muitas vezes, não perceberem o significado e quando se aplicava determinada preposição. Contudo estas dúvidas foram esclarecidas no decorrer da atividade.

Podemos concluir que a turma em geral obteve bons resultados quanto aos conhecimentos lecionados em sala de aula.

Reflexão Final

Considerações finais

Olhando para todo o caminho que percorri até à meta, que hoje me faz estar a concluir este relatório de estágio, posso fazer uma reflexão geral deste ano e meio de trabalho apresentando alguns aspetos positivos e outros ainda a melhorar.

Começo por salientar o facto desta instituição oferecer, aos seus alunos, desde o primeiro ano de Licenciatura um contacto com a realidade profissional de docente, através da unidade curricular de Prática Pedagógica. Nesta os alunos estagiários confrontam-se com a sua futura profissão e têm a oportunidade de observar, intervir e lecionar aulas. Tudo isto vai-nos, pouco e pouco, capacitando a nível: lexical, de estratégias, de dinâmicas e de disciplina, conferindo uma maior “bagagem” para nos moldarmos a cada turma e a cada área curricular que pretendemos abordar e atingir determinados objetivos. A continuidade e a exigência feita pela equipa da supervisão pedagógica no decorrer de cada semestre são essenciais para que haja uma continuidade e um crescimento pessoal de cada aluno estagiário de modo a que este esteja capaz de enfrentar, sozinho, uma turma num futuro próximo sendo autónomo, eficiente e que consiga sempre que necessário enfrentar o imprevisto de forma natural, o que aconteceu muitas vezes com as aulas surpresas que nos foram pedidas.

Tal como afirma García (1999) a formação inicial

de professores como instituição cumpre basicamente três funções: em primeiro lugar, a de *formação* e treino de futuros professores, de modo a assegurar uma preparação consonante com as funções profissionais que o professor deverá desempenhar. Em segundo lugar, a instituição formativa tem a função de *controlo da certificação* ou permissão para poder exercer a profissão docente. Em terceiro lugar (...), a instituição de formação de professores tem a dupla função se ser, por um lado, *agente de mudança* do sistema educativo, mas por outro, contribuir para a socialização e reprodução da cultura dominante. (p.77)

É desta forma, que a Escola Superior de Educação João de Deus se completa, pois assegura estas três funções tão importantes na formação inicial do professor dando ênfase, desde cedo, ao treino aplicado nas aulas que nos possibilita lecionar, desde a creche até ao 6.º ano de escolaridade, nas várias áreas curriculares.

O contacto e a disponibilidade que temos com os professores titulares de turma também é muito importante, pois eles orientam-nos e ajudam-nos a adequar as melhores estratégias para a turma em questão, assim como os professores da Escola Superior que têm experiência profissional, que nos vêem as planificações e alertam

para estratégias e dinâmicas que se enquadram melhor numa determinada área curricular.

Na elaboração deste relatório de estágio pude confrontar-me e refletir, mais uma vez, sobre as práticas e estratégias a que recorri. Umas demonstraram-se ser aplicáveis, outras não e nesse sentido é bastante importante que haja uma reflexão para percebermos o que podemos mudar e melhorar.

Como afirma Braga (2001) o professor reflexivo é aquele que apresenta

Um perfil flexível, aberto à mudança, capaz de analisar o seu ensino, crítico consigo mesmo, com um amplo domínio de destrezas cognitivas e relacionais, que lhe permitem a «domínio de um conjunto de conhecimentos e habilidades que lhe dará o professor-aluno uma visão não ingênua de situações de sala de aula».(p.25)

Ao longo de todo o estágio profissional esta reflexão foi feita, numa primeira fase individual e noutra com as professoras do jardim-escola em que estávamos e com as professoras de Escola Superior de Educação. Desta forma vamos tendo um crescimento pessoal muito grande que é acompanhado por todas estas pessoas que seguem o nosso percurso académico e nos encaminham da melhor maneira, de forma a instruir e a lançarem-nos desafios e oportunidades para que sejamos o próximo e bom exemplo a seguir.

Em suma, considero que toda esta caminhada, desde a Licenciatura até ao Mestrado e a realização deste relatório contribuíram significativamente para o meu progresso pessoal e para a minha formação profissional, sem isto não teria qualquer base e tais conhecimentos que me capacitassem para exercer e lidar com toda esta realidade, o ser professor.

A elaboração deste relatório de estágio foi bastante importante, pois pude refletir sobre todos os momentos da prática pedagógica, que fui fazendo ao longo do meu percurso académico. No decorrer destes períodos fui tendo uma evolução a nível pessoal e profissional, que me tornou numa pessoa com atitude crítica e investigativa, procurando sempre aplicar novas estratégias e metodologias em sala de aula.

Os dois capítulos referentes à planificação e à avaliação também foram uma mais valia, pois deram-me uma perspetiva mais aprofundada do trabalho prático de um professor. Com as planificações percebi qual a importância e o objetivo de planificar e planejar tudo aquilo que estruturamos e pensamos para lecionar uma determinada matéria. Relativamente às avaliações, pude com esse capítulo conhecer os critérios e parâmetros que são fulcrais para a avaliação dos alunos, os quais desconhecia.

Limitações

No decorrer da realização do presente Relatório de Estágio Profissional senti algumas limitações, nomeadamente na pesquisa de alguns autores que fossem de encontro com algumas situações que eu queria destacar e fundamentar com base nas minhas inferências. Nessa sequência o número de exemplares disponíveis, na biblioteca da escola, também não facilitaram muito esta tarefa, o que me fez recorrer a outras bibliotecas de Lisboa.

O facto de também ter ingressado no GASTagus (Grupo de Ação Social do Tagus) onde faço voluntariado e tenho reuniões e formações todas as semanas, também me limitou um pouco e fez com que muitas vezes fosse difícil de gerir e conciliar ambas as coisas.

Novas pesquisas

A conclusão deste relatório não representa uma página fechada em todo o percurso de formação fiz nesta escola. O professor tem o dever de estar informado e atualizado das mudanças que acontecem, de modo a conseguir dar resposta às inúmeras questões e dúvidas colocadas, todos os dias, pelas crianças.

Sempre tive um grande gosto e interesse em trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE's) pois considero que elas são capazes de atingir e ultrapassar vários objetivos quando têm uma educação adequada.

De acordo com Brennan (1988 citando por Correia) este define NEE da seguinte forma:

Há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinação destas problemáticas) afecta a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada. (p. 48)

O estágio intensivo deu-me oportunidade de estagiar no Centro Helen Keller, e o gosto por trabalhar com crianças com alguma deficiência visual fascinou-me porque como refere Helen Keller "As mais belas coisas do mundo não podem ser vistas nem tocadas, têm de ser sentidas com o coração". Foi com o coração que senti que elas faziam parte do meu sonho enquanto futura educadora ou professora. Nesse sentido, um dia mais tarde, pretendo tirar um Mestrado em Educação Especial.

**Referências
Bibliográficas**

- Abrantes, P. (Ed.). (2002). Reorganização curricular do ensino básico. Avaliação das aprendizagens. Das concepções às práticas. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na 1.ª infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Aharoni, R. (2012). Aritmética para pais: um livro para adultos sobre a matemática das crianças. (4.ª Edição). Lisboa: Gradiva.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I. & Coimbra, J.T. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva do desenvolvimento e aprendizagem*. Almedina.
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão. Um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. PT: Edições Pedagogo.
- Almeida, A.M.T. (2000). *As relações entre pares em idade escolar*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Crianças – Universidade do Minho.
- Alonso, L. & Roldão, M. C. (Ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papyrus.
- Arends, R. I. (1999). *Aprender a ensinar*. Amadora: McGraw – Hill de Portugal.
- Balancho, M. & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceito e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

- Barros, M. & Palhares, P. (1997). *Emergência da matemática no jardim-de infância*. Porto: Porto Editora.
- Bartolomeis, F. (1999) *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, método*. Lisboa: Livros Horizonte
- Bastos, G. (1999). "A poesia para as crianças". In *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Borràs, L. (Coor) (2001b). *Os docentes do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal:Marina Editores.
- Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto Editora
- Braga, F., Vilas-Boas, F. M. Alves, M. E. M. Freitas & M. J. Leite, C. (2004). *Planificações: novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições ASA.
- Brickman, N. A. & Taylor, L. S. (1991). *Aprendizagem Activa: Ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cachapuz, A.; Praia, J. & Jorge, M. P. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Caldeira, M. F. (2009a). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. (2009b). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.
- Calixto, J.A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Caminho.
- Campos, B. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade aberta.

- Carita, A. & Fernandes, G. (1997). *Indisciplina da sala de aula – Como prevenir? Como remediar?*. Lisboa: Editorial Presença.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carrillo, J. A. & Medina, A. C. (2009). *Nuevas tecnologías para la educación en la era digital*. Madrid: Ediciones Pirámide
- Castro, J. P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados – textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Cerezo, S. S. (1997). *Enciclopédia de educação infantil : recursos para o desenvolvimento do currículo escolar*. Rio de Mouro : Nova Presença
- Charpak, G. (1997). *As ciências na escola primária – Uma proposta de acção*. Mem-Martins, Lisboa: Editorial Inquérito.
- Coimbra, M. & Amaral, T. F. (1991). *Alimentação: crescer saudável*. Porto: Porto Editora.
- Coll, C., Marchesi, A., Palacios, J. & colaboradores. (2004). 2.^a edição. *Desenvolvimento psicológico e educação. Volume 3 – Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. Brasil: Artmed editora.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Correia, L. M. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.
- Costa, E. (1998). *Novos encontros de amor – amizade, amor e sexualidade na adolescência*. Porto: Ambar Editora.
- Costa, P. F. (2012). *O Clube de Ciências*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Couto, C. G. (1998). *Professor: O Início da Prática Profissional*. Tese de Doutoramento Inédita. Universidade de Lisboa: Departamento de Educação – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Cury, A. (2006). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pergaminho.
- Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.
- David, M. (1977). *A criança dos 0 aos 6 anos*. Lisboa: Moraes editores.
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. 8.^a Edição. Lousã: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade e a criança e o currículo*. Relógio D'água Editores.
- Diário da República (2001). Decreto-lei n.º240/2001, de 30 de agosto.
- Direcção-Geral da Segurança Social (1984). *Zonas de ar livre e recreio com acompanhamento de actividades*. Lisboa: DGSS.
- Dottrens, R. (1974). *Educar e instruir*. Editorial Estampa.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Barcarena, Portugal: Editorial Presença.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. (2.^a Edição) Barcarena, Portugal: Editorial Presença.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação e classes*. (4.^a ed.). Porto: Porto Editora.
- Estrela, M.T. (2002). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- Feldman, R. (1999). *Compreender a psicologia*. Lisboa: Mc Graw Hill.
- Félix, N. (1998). *A História na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ferreira, C.A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Fourez, G., Maingain, A. & Durfour, B. (2002). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Fourez, G. (dir.). (2008). *Abordagens didácticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- García, C. M. (1997). *A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor*. In: NÓVOA, António (coord). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- García, M., Roces, C. & González, P. (2002). *Nuevas tecnologías y educación*. In González-Pienda. (coords). *Manual de psicología de la educación*. Madrid: Ediciones Pirámide; pp.295-314.
- Gomes, J. A. (2000). *Da nascente à voz. Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho da Educação.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar*. Lisboa: Academia do livro.
- Hohmann, M., Weikart, D. P., & Marujo, H., Neto, L. (3.^a ed.). (2004). *Educar a criança* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jean, G. (1999). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Kelete, J. M. & Damas, M. J. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Kishimoto, T. M. (2003). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira.
- Lebovici, S. & Diatkine, R. (1988, 3ªedição). *Significado e função do brinquedo na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebrun, M. (2002). *Teorias e métodos pedagógicos para ensinar e aprender*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Leite, C. & Fernandes P. (2002). *A Avaliação das Aprendizagens dos Alunos*. Porto: Edições ASA
- Lima, J. A. (2002). *Pais e professores: um desafio à cooperação*. Porto: Porto Editora.
- Luz, A. M. S. (2002). *A iniciação à Leitura e Escrita no Ensino Pré-escolar: Um estudo Avaliativo e Decisório*. Lisboa: inédito.
- Magalhães, V. F. (2008). “A promoção da leitura literária na infância: Um mundo de verdura a não perder”. In Otilia Sousa e Adriana Cardoso. *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais Escola Superior de Educação.
- Magalhães, V. F. (2009). *Sobressalto e Espanto – Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Maluf, A. C. M. (2008). *Atividades Lúdicas para a Educação Infantil – conceitos, orientações e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Marques, R. (1999). *A escola e os pais – como colaborar?* Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2002). *O director de turma e a relação educativa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martínez, M. P., García, M. C. & Montoro, J. M. (1990). *Dificuldades de Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Martins, M.A. & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martins, M. E. G.; Loura, L. C. C. & Mendes, M. F. (2007). *Análise de dados. Texto de apoio para professores do 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, I. P.; Veiga, M. L.; Teixeira, F.; Tenreiro-Vieira, C.; Vieira, R. M.; Rodrigues, A. V.; Couceiro, F. & Pereira, S. J. (2009). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A. & Couceiro, F. (2009). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação, Colecção Ensino Experimental das Ciências.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de inovação e de desenvolvimento curricular.
- Maya, M. J. (2000). *A autoridade do professor. O que pensam alunos, pais e professores*. Lisboa: Texto editora.
- Meireu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mestre, M. J. (1998). *Avaliação num contexto de supervisão – Representações de alunos em prática pedagógica*. Universidade do Algarve: Unidade Ciências exactas e humanas – Escola Superior de Educação.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1998). *A História na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação: Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2006). *Organização curricular e programas: Ensino básico – 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2006). *Ensino da Música – 1.º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2007). *Actividades Física e Desportiva – 1.º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Morgado, L. (2000). *O ensino da aritmética – perspectiva construtivista*. Portugal: Almedina.
- Nabais, J. A. (s.d.). *Á descoberta da Matemática com Os Cubos – Barra de Cor (cores Cuisenaire)*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- Nascimento, M. J. (2007). *Pensamento e práticas disciplinares de professores*. Lisboa: Educa.
- National Council of Teachers of Mathematics, (1991). *Normas profissionais para o ensino da matemática*. Lisboa: APM-IIE
- Niza, I., Segura, J. & Mota, I. (2011). *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico – Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Nóvoa, A. (1991). *Ciências da educação e mudança*. Porto: S.P.C.E., Afrontamento.
- Nóvoa, A. (Coor). (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Oliveira, M. T. (1991). *Didáctica da biologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pacheco, J.A. & Zabalza, M. (1995) *A avaliação dos alunos dos ensinos básico e secundário*. Braga: Instituto de educação e psicologia – Universidade do Minho.
- Pacheco, J. A. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Livraria Minho.
- Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação – Uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática: para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman R. (2001) *O mundo da criança*. (8.^a edição) Portugal: McGraw-Hill de Portugal.

- Pereira, J. D. L. & Lopes, M. (2007). *Fantoches e outras Formas Animadas no Contexto Educativo*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Estratégias de Aprendizagem na Aula Desenho e Avaliação*. Seminário Internacional II. Madrid: Universidad Complutense.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas*. Porto Alegre: ARTMED.
- Ponte, J. P. (Coord.) (1998). *Matemática escolar. Diagnóstico e propostas*. Editorial do Ministério da Educação.
- Ponte, J.P. & Serrazina, L. (2000). *Didática da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Postic, M. (1990). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva (trabalho original em francês publicado em 1995).
- Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil: formação e experiência profissional*. São Paulo, Brasil: Phorte Editora.
- Rangel, A. (1992). *Educação matemática e a construção do número pela criança*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Rebelo, D., Marques, M. J. & Costa, M. L. (2000). *Fundamentos da didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade aberta.
- Reis, M.P.I.F.C.P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Education.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. (1995). *Concepções de professores do 1.º Ciclo: a matemática, o seu ensino e os materiais didácticos*. Tese de mestrado inédita, Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências.

- Roldão, M.C. & Marques, R. (2001) *Inovação, currículo e formação*. Porto: Porto Editora.
- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Departamento de didáctica da Língua e da Literatura da Faculdade de Ciências da educação.
- Ruivo, I. (2010). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Lisboa: Casa da Leitura.
- Salema, M. H. (1997). *Ensinar e Aprender a Pensar*. Lisboa: Texto Editora.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Santos, M. C. (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Serrazina, L. & Matos, J.M. (1996). *O Geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora Inafop.
- Severino, M. A. (2007). *Supervisão em Educação de Infância – Supervisores e Estilos de Supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Silva, A., Fonseca, A., Guimarães, A.M., Novo, C., Rocha, D. & Cardona, M.J. (2008). *Aprender e Ensinar no Jardim de Infância e na Escola*. Edições Cosmos.
- Silva, M. I. R. L., Núcleo de Educação Pré-escolar. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009 a). *As tecnologias de informação e comunicação na Formação inicial de professores em Portugal: Uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga: Facultad de Ciências de la Educacion.
- Simões, M. I. S. (2006). *Relação pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. S.l: Editorial A casa encantada.

- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Portugal: Ministério da educação. Direcção-geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Smith, P., Cowie, H. & Blades, M. (1998). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. (1995). *Projetos na Vida de um Professor*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. (2001). *Educação em Valores: Na Pré-Escolaridade e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. III volume. Lisboa: Instituto Piaget.
- Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtivista*. Porto Alegre, São Paulo: Artmed Editora.
- Thurler, M. G. e Perrenoud, P. (2006). *Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas?* Cadernos de Pesquisa, V. 36, N.º. 128, pp. 357-375, maio/ago.
- Viana, F. L. (2009). *O ensino da leitura: a avaliação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Vilar, A. M. (1996). *A avaliação dos alunos no ensino básico*. Porto: Edições ASA.
- Vygotsky, I. S. (1998). *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Whitfield, P., Stoddart, M. & Wertenbaker, L. (1994). *Os sentidos: os caminhos da percepção*. Ediclube.
- Zabalza, M. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Lisboa: Edição ASA.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed Editora.

- Zeickner, K. (1993). *A formação reflexiva dos professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Webgrafia

- Kishimoto, T. M. (2003). *Jogos e brincadeiras de faz-de-conta no processo pedagógico*. Recuperado em 6 de junho de 2013, de: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_13387/artigo_sobre_jogos_e_brincadeiras_de_faz-de-conta_no_processo_pedagogico_-_jogo_e_brinquedo
- Polónia, A. C. e Dessen, M.A. (2005). *Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola*. Revista Psicologia Escolar e Educacional, volume 9, número 2, 303-312. Recuperado em 2012, setembro 26, de: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf> -
- Serrão, M. (2009). *O que dizem os educadores de infância sobre o jogo*. Recuperado em 2012, setembro 26, de: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3440/1/ulfc055580_tm_Emilia_Serrao.pdf
- Thurler, M. G. e Perrenoud, P. (2006). *Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas?* - Cooperação entre professores. Recuperado em 2013, março 24 de: http://www.oei.es/docentes/articulos/cooperacion_profesores_formacion_inicial_perrenoud.pdf

Anexos

Anexo 1

**Dispositivos de avaliação da atividade de Domínio da
Expressão Plástica.**

Nome: _____ Data: _____



1. Faz o carimbo do alimento correspondente à cor do pincel.

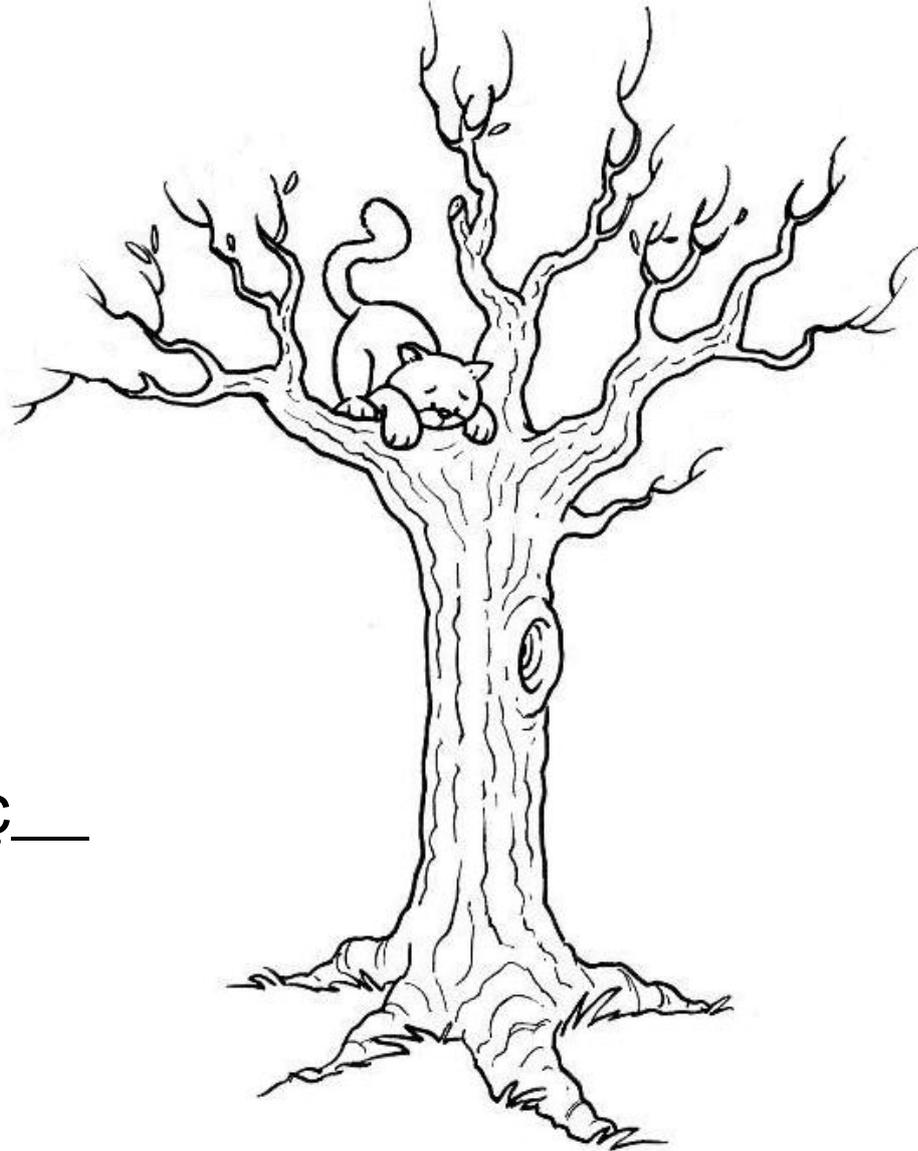


Anexo 2

**Dispositivos de avaliação da Atividade de Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.**

Jardim-escola João de Deus

1. Desenha na macieira os frutos correspondentes.
2. Completa a palavra.



___ aç ___

Nome: _____

Data: _____

Anexo 3

**Dispositivos de avaliação da atividade da área de
Matemática**



Nome: _____ Data: _____

VOLUME DO CUBO

Unidades de medida da grandeza volume:

Múltiplos			Unidade principal	Submúltiplos		
Km^3	hm^3	dam^3	m^3	dm^3	cm^3	mm^3

1. Ajuda o D. Fernando a resolver o seu problema:

O meu pai, D. Pedro I, deixou-me de herança, uma caixa de forma cúbica vazia, com 6 dm de aresta. Gostava de saber o seu volume. Apresenta o resultado em metros cúbicos.



Anexo 4

Dispositivos de avaliação da atividade da área de Português

Proposta de trabalho
elaborada por Sofia Duarte,
MPE1C.
Documento redigido segundo o Novo
Acordo Ortográfico.

1. Completa com as preposições adequadas de acordo com a chave:

Chave: a, a, de, em, em, para, perante, por, por, por,

- Olá! Rosa estamos _____ um dos melhores maquinistas aqui na rádio Preposições.

- Olá, Narciso, como te sentes _____ levar tantas pessoas a passear _____ vários locais?

- Sinto-me muito bem _____ saber que existem muitas pessoas que se interessam _____ conhecer a beleza do nosso país.

De repente...trás!

- _____ que razão fizeste isso?

- Desculpa, tinhas um mosquito _____ picar-te!

- Daqui _____ fora, já! Vai para casa!

- Sim, vou a casa e já volto...

- _____ pena _____ me zangar contigo, não quero voltar _____ ver-te, porque abusaste da minha confiança!

